

CAPÍTULO III

CRIAÇÃO DA FACULDADE DE ODONTOLOGIA DE UBERLÂNDIA: REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS SOCIAIS

Este capítulo tem como objetivo principal a interpretação das representações e práticas sociais dos ex-alunos, funcionários e políticos que participaram e estiveram presentes na Faculdade de Odontologia de Uberlândia, no período delimitado para a pesquisa, analisando os elementos pertinentes à sua criação e à sua instalação, trazidos pelo relato oral dos entrevistados.

3.1. A pesquisa das fontes orais envolvendo a gênese da Faculdade de Odontologia de Uberlândia

Primeiramente, para esclarecer ao leitor como ocorreu o processo de elaboração dessa pesquisa oral, é importante destacar que, antes de realizar qualquer entrevista, contou-se com a colaboração do ex-acadêmico da turma de 1975, Dr. Gaspar

Paulino, que, em várias conversas informais com o pesquisador, trouxe diversos subsídios, indicando quais seriam os atores/partícipes da FOU, nos primeiros tempos, que melhor poderiam colaborar com essa pesquisa histórica.

Depois dessas inúmeras conversas informais, de maneira a avaliar as reminiscências desse acadêmico, decidiu-se realizar uma entrevista aberta²¹ com ele, a 05/03/2005 (entrevista em anexo), vislumbrando que a partir dela seria elaborado um esquema básico para orientar os demais depoimentos.

Desta sorte, com a matéria da primeira entrevista transcrita, o pesquisador, juntamente com a orientadora, formulou um questionário semi-estruturado (em anexo), contendo, em um primeiro momento, indagações genéricas acerca do entrevistado e de sua qualificação, tais como: nome, turma, filiação, local de nascimento, classe social e, finalmente, o percurso escolar do ex-aluno, perquirindo onde foram desenvolvidos seus estudos, nos diferentes níveis.

Em seguida, passou-se a tecer questões acerca dos temas pertinentes à presente dissertação. Assim, foram apresentados alguns aspectos que foram importantes para a análise da história da FOU.

A entrevista semi-estruturada, pautada em questões genéricas e flexíveis, possibilitou aos agentes entrevistados tranquilidade e liberdade em trazer à memória os acontecimentos do passado.

A parte inicial das entrevistas, contendo os dados dos entrevistados, foi realizada de maneira uniforme tanto para os ex-alunos quanto para os funcionários e para uma das primeiras pacientes atendida na Policlínica da FOU. Porém, na segunda parte dos

²¹ Como poderá ser observado na primeira entrevista realizada com Dr. Gaspar Paulino no dia 05/03/2005 (em anexo) foram realizados questionamentos abrangentes, de forma a dar condições ao depoente para trazer à tona aquilo que, na sua visão, foi significativo/representativo e marcou o passado da FOU.

depoimentos, nas questões específicas, algumas alterações foram feitas, direcionando-as para a categoria profissional à qual pertencia o entrevistado.

Importante se faz enfatizar que cada entrevistado apresentou detalhes não informados por outros e, por outro lado, alguns corroboraram as assertivas dos seus pares, sendo que tiveram reminiscências semelhantes, contraditórias e, às vezes, até muito parecidas, porém, nenhuma foi exatamente igual, enriquecendo o trabalho de historicizar a gênese da Escola de Odontologia de Uberlândia.

Os depoimentos orais, após a autorização dos entrevistados, foram registrados por meio de gravação em fita cassete, e, depois, foram transcritos e arquivados em meios eletrônicos, disquetes e em forma de cópias físicas.

É importante ressaltar que o processo de transcrição foi difícil e demorado, observando-se a necessidade de reduzir o discurso oral, rico em expressões, gestos, mímicas e, às vezes, até lágrimas, em um texto escrito. Mesmo valendo-se de todos os recursos possíveis do vernáculo escrito, tem-se a impressão de que a transcrição não é capaz de trazer, de forma plena, ao leitor o significado, a representação, como por exemplo, da voz rouca e cingida por uma saudade ou lembrança da sua história, que apertaram o peito do entrevistado durante o processo de retorno ao passado.

No entanto, a transcrição das entrevistas na forma de texto escrito foi essencial para facilitar a análise e a interpretação das informações colhidas, e, mormente, para apresentá-las, na íntegra, em anexo, ao final do presente trabalho.

Para analisar, interpretar e compreender a natureza da Faculdade de Odontologia de Uberlândia é necessário expor a história de sua criação e instalação buscando-se não esquecer o momento histórico marcado pela influência do poder político e da Ditadura Militar. Sendo assim, avaliando-se a conjuntura da qual faziam parte os agentes/partícipes

dessa gênese escolar, tenta-se demonstrar como os depoentes se enxergavam e o que significou a Escola de Odontologia de Uberlândia em suas vidas.

Em um primeiro instante, pensou-se em focalizar as entrevistas somente no principal produto da Faculdade: o formando, procurando observar qual seria sua origem social, seu percurso escolar, suas pretensões futuras enquanto estudante da FOU, seus hábitos, suas escolhas, e, até mesmo, suas trajetórias profissionais. Esse trabalho foi realizado de forma incipiente nas entrevistas e poderá ser verificado nas tabelas em anexo.

Além disso, pensou-se, também, em traçar qual seria o perfil do Odontólogo formado pela Escola de Odontologia de Uberlândia. Entretanto, apesar da vontade intrínseca do pesquisador em desenvolver esse estudo, de forma minuciosa, atentou-se para a exigüidade do tempo.

Diante disso, optou-se por entrevistar, nove ex-alunos formandos das primeiras turmas, duas funcionárias, dois políticos, um ex-reitor do período delimitado e, por fim, uma paciente que foi atendida nos primeiros anos de funcionamento da Policlínica. Em conformidade com a proposta realizada no início dessa dissertação, procurou-se interpretar o estudo dessas entrevistas como um recurso metodológico importante, valendo-se do relato oral como técnica complementadora das demais fontes.

Importa ressaltar que, não foi objetivo desse trabalho realizar algumas biografias que retratassem a importante participação de algumas personalidades, pelo contrário, procurou-se captar por meio de depoimentos, o significado, a representação de se ter uma Faculdade de Odontologia em Uberlândia.

Os critérios básicos orientadores para a escolha dos depoentes ex-alunos foram: formados das primeiras turmas dentro do período recortado qual seja: 1966 a 1978, os acessíveis, escolhidos aleatoriamente, porém de preferência, entre aqueles ex-discentes que ainda mantêm um vínculo com a instituição de ensino, pois se notou que esses ex-alunos

alguns dos quais por serem os atuais professores, diretores e coordenadores do Curso, sustentando, pois uma relação de emprego com a Faculdade de Odontologia, trazem um envolvimento constante com os acontecimentos referentes à Instituição, mantendo de forma viva, em suas mentes, os episódios marcantes da história da FOU. Entrevistou-se também dois alunos das primeiras turmas que não estão ligados a Faculdade de Odontologia de Uberlândia com o intuito de enriquecer a análise.

Não se pode julgar que o número de entrevistas foi pequeno, visto que cada entrevistado reportou-se a alguns colegas, aos familiares e à comunidade, de maneira a fornecer informações e dados que eram comuns acerca da gênese da Faculdade de Odontologia de Uberlândia.

Quanto à entrevista realizada com o Ministro Homero Santos, colocou-se como elemento identificador, o resumo do seu *Curriculum Vitae*. Realizada a 24 de junho de 2005, e, devido ao grande número de compromissos do entrevistado, seu questionário foi sintético e objetivo, para que, durante o curto tempo disponibilizado pelo político, o pesquisador conseguisse trazer o maior número de informações possíveis, envolvendo a história da Escola de Odontologia de Uberlândia.

Na entrevista feita com o ex-vice-reitor (1970-1971) e ex-reitor (1971-1975) Juarez Altafin²², de 11/03/2006, também identificado com um breve currículo do depoente, foram levantadas indagações acerca da história da Universidade de Uberlândia e dos fatos que, para ele, marcaram o ingresso da FOU no âmbito da UnU. Essa entrevista trouxe importantes informações sobre a administração da Universidade de Uberlândia naquela época.

Após inúmeras tentativas e uma persistência que deve ser inerente a todo pesquisador, conseguiu-se realizar uma entrevista com o ex-Governador Rondon Pacheco.

²² Bacharel em Direito pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil; Promotor de Justiça; Juiz de Direito e Juiz Presidente da JCJ da Justiça do Trabalho em Uberlândia; Juiz Togado do Tribunal Regional do trabalho da Terceira Região, Vice-Reitor UFU (1970-1971), Reitor UFU (1971-1975), (entrevista 13, em anexo).

Feita a identificação do entrevistado com um currículo sumário do mesmo, foram abordadas questões referentes à conjuntura política e social no Brasil, em Minas Gerais e, finalmente, em Uberlândia, nos anos de 1970 em relação à gênese da Faculdade de Odontologia uberlandense.

Por fim, foi realizada no dia 29/04/2006 uma entrevista com Nazaré Aparecida Massariolli²³, membro da comunidade que foi atendida juntamente com sua mãe e familiares pela Policlínica da Faculdade de Odontologia de Uberlândia nos primeiros anos de seu funcionamento, de forma mais precisa, a partir de 21 de março de 1974, conforme comprova o atestado de comparecimento, em anexo.

3.2. Os primeiros alunos da Faculdade de Odontologia de Uberlândia

A partir da análise dos depoimentos, poder-se-á observar, no cabeçalho qualificativo, realizado para dar identidade aos ex-alunos entrevistados, que grande parte dos ex-estudantes da FOU são filhos de comerciantes, dentre outras atividades, tais como: ferroviários, agropecuarista, funcionário público, e, as mães dos depoentes trabalhavam no lar ou com atividades afins, por exemplo, serviços ligados à costura.

O local de nascimento da maioria dos entrevistados é a cidade de Uberlândia e região, à guisa de Tupaciguara, Indianópolis, Uberaba, Araguari, Buriti Alegre-GO, entre outras. Essas informações demonstram que ao instalar a Faculdade de Odontologia, a cidade atraía diversos estudantes das comarcas vizinhas colaborando para seu crescimento e desenvolvimento.

²³ Paciente atendida na Policlínica da FOU, a partir do dia 21/03/1974. **Nível escolar atual:** 2º grau incompleto. **Data de nascimento:** 03/04/1957. **Nome da Mãe:** Olga de Oliveira Massariolli. **Nome do Pai:** Valdemar Massariolli. **Local de nascimento:** Uberlândia MG. **Classe social a que pertencia em 1970:** classe baixa. **Profissão atual:** Serviços Gerais, (entrevista 15, em anexo).

Quanto à classe social, notou-se que os alunos das primeiras turmas da Escola de Odontologia de Uberlândia pertenciam, na época, à classe média, à média baixa ou baixa, pois, em sua grande parte, os depoentes responderam que o fato de ter uma Faculdade aqui nesta cidade, foi uma possibilidade única de desenvolverem seus estudos, senão, caso contrário, suas famílias não teriam condições de mantê-los estudando nas capitais.

Fazendo uma breve análise do percurso escolar pré-faculdade dos ex-alunos da FOU nos primeiros tempos, pode-se observar uma participação considerável de discentes provindos das escolas públicas de Uberlândia e região, muitos acreditavam que o ensino ministrado pela rede pública era eficiente e capacitava, de forma melhor, o aluno para os exames vestibulares, quando comparado aos colégios particulares.

Para Gaspar Paulino:

[...] Aqui quase não existia escola particular de segundo grau. Tinha o Colégio Brasil Central e o Inconfidência. Mas o forte aqui na época era sempre o Estadual. Se tivesse 100 vagas na Engenharia e apresentasse 100 candidatos do Estadual não sobrava pra ninguém. Porque a turma lá era “barra pesada” mesmo. E como os vestibulares eram projetados, baseados na metodologia do Colégio Estadual, os alunos já sabiam o macete das provas [...] (entrevista 01, em anexo).

Assim, a partir da interpretação desse depoimento, pode-se perceber uma forte representação de que os alunos provindos dos Colégios estaduais eram mais capacitados para concorrer e serem aprovados nos exames vestibulares. É interessante observar a contradição com a atual escola pública no Brasil.

Pode-se também, constatar nas entrevistas que, em determinados casos com o objetivo de acelerar o ingresso no Curso Superior, alguns dos depoentes prestaram o exame de “madureza”, uma espécie de supletivo, o qual possibilitava completar os requisitos necessários para ingresso na Faculdade de forma célere.

Isso pode ser comprovado no relato de Odorico Coelho da Costa Neto²⁴:

Quando eu mudei para Uberlândia, eu fiz escola particular, Externato São José, ali na Tenente Virmondes entre a Cipriano e a João Pinheiro. Lá eu fiz até a admissão, aí a gente enfrentava quase que um vestibular para entrar no Colégio Estadual. Aí fiz o Colégio Estadual, da primeira até a quarta série, e fiz o científico até o segundo científico no Estadual. Depois eu fiz esse exame de madureza, então, o meu pai me emancipou com 18 anos porque só podia fazer quem era emancipado. Daí eu prestei esse exame em Anápolis, no colégio Couto Magalhães. Passei e, posteriormente, eu prestei o vestibular para Odontologia. E prestei só para Odontologia (entrevista 10, em anexo).

Corroborando os fatos da assertiva acima, segundo Alfredo Júlio Fernandes Neto²⁵:

O primário eu cursei no Liceu de Uberlândia. Estudei também no Externato São José. Minha família mudou para Ipameri em Goiás e lá eu estudei no Colégio estadual Professor Eduardo Mancini. E de lá eu regressei para Uberlândia e estudei no Colégio Brasil Central, quando faltava um ano eu prestei Madureza, que era um supletivo, então, antecipei a minha entrada no vestibular. Daí ingressei na Faculdade de Odontologia (entrevista 06, em anexo).

3.3. Fatores determinantes na escolha do Curso de Odontologia

Havia receio de os jovens cursarem Odontologia, por parte de alguns familiares, devido à Faculdade ser um Curso novo na época. Sendo assim, os pais de alguns dos entrevistados incentivavam os seus filhos a prestarem cursos vistos como tradicionais: a Medicina, a Engenharia, ou até mesmo o Direito, porque, para eles, essas Faculdades dariam uma melhor segurança no futuro, enquanto que a Odontologia, por estar no começo, não poderia prever se seria bom, ou não, como profissão para esses estudantes. Essa representação torna-se evidente nos dizeres de Odorico Coelho da Costa Neto:

²⁴ Atual Diretor do Hospital Odontológico da UFU. Cirurgião dentista, ex-aluno da 2ª turma – 1974. Mestrando em Cirurgia Oral; Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela PUC/MG em 1979; Professor Titular Universidade Federal de Uberlândia, (entrevista 10, em anexo).

²⁵ Cirurgião dentista, ex-aluno da 3ª turma – 1975; Mestre em Reabilitação Oral e Prótese pela USP/Bauru em 1982; Professor Titular da Universidade Federal de Uberlândia, (entrevista 06, em anexo).

- A minha escolha era a área biomédica, era a área da saúde. Isso já estava precocemente definido. Principalmente, a minha mãe queria que eu fizesse Medicina. Eu falava para ela: Mãe eu vou fazer aquilo que eu tiver condição de fazer e no momento que der certo (entrevista 10, em anexo).

Segundo Paulo César Azevedo²⁶:

Eu tinha muitas dúvidas, sentia certa pressão dos pais para não fazer o Curso porque ele era novo, não sabia se daria certo. Mas eu tentei o Curso de Odontologia e caso o mercado de trabalho não fosse tão bom, eu continuaria com o comércio que o meu pai tinha que era uma drogaria. E, posteriormente, fui convidado a trabalhar na Faculdade de Odontologia de Uberlândia. Naquela época ainda era convidado. Então, foi o consultório mais a Faculdade e como aquela época era mais promissora, com o mercado de trabalho tendo um menor número de dentistas, eu acho que escolhi a profissão certa (entrevista 03, em anexo).

3.3.1. Fatores determinantes na escolha do Curso de Odontologia sob o ponto de vista dos ex-alunos das primeiras turmas:

Segundo os dados trazidos pelas entrevistas, foram vários os fatores determinantes na escolha do Curso de Odontologia pelos depoentes:

- a) Primeiramente, alguns que não conseguiram passar para o Curso de Medicina, Direito ou Engenharia, ditos mais tradicionais nesse período, tendo como segunda opção a FOU;
- b) Outros ex-alunos por não terem condições financeiras de custear o Curso de Medicina, que era totalmente particular e, portanto, de preço mais elevado

²⁶ Cirurgião dentista, ex-aluno da 1ª turma – 1973. Doutor em Odontologia pela USP/Bauru; Mestre em Endodontia pela USP/Bauru em 1984, Especialista em Endodontia pela Faculdade de Odontologia de Araraquara; Professor Titular da Universidade Federal de Uberlândia, (entrevista 03, em anexo).

quando comparado com a Faculdade de Odontologia, a qual por ter subsídios fornecidos pela Autarquia Estadual, seria mais acessível;

- c) Também tiveram aqueles que almejavam exercer a profissão de dentista devido ao fato de terem parentes que já trabalhavam na área, de forma a incentivar e colaborar para o sonho formado, desde criança, de ser um cirurgião dentista, resultando, desta sorte, a alternativa da Escola de Odontologia de Uberlândia como primeira preferência para esse candidato;
- d) Alguns que já exerciam a profissão como dentistas práticos, e resolveram regularizar sua atividade laboral, ingressando na Faculdade para obter um diploma;
- e) Uns escolheram a Odontologia por simpatia com a área de ciências biomédicas e para não ser empregado, ou seja, ser um profissional liberal;
- f) Por fim, alguns ex-alunos afirmaram ter escolhido a FOU, pelo fato de considerarem o Curso de Medicina mais difícil, e, que seria mais fácil concluir o Curso de Odontologia.

Wanderley Alves Ribeiro²⁷, ao justificar sua escolha pela Odontologia, incorporou muitos dos fatores acima mencionados. Disse ele que optou pela FOU para ser um: - *profissional liberal, para não ser empregado, e eu tinha uma simpatia também. Eu já tinha um primo que era dentista. Na Medicina a gente pensava que não dava conta né? E era bem mais cara que a Odonto, era bem mais puxada e era toda particular (entrevista 04, em anexo).*

²⁷ Cirurgião dentista, ex-aluno da 3ª turma – 1975. Especialista em Periodontia pela Faculdade de Bauru em 1980, (entrevista 04, em anexo).

Ou seja, ele fez a opção com base nas seguintes causas: para ser profissional liberal, por gostar, por ter um sentimento de incapacidade de cursar Medicina sob a crença de que ela era mais difícil, e, também, pelo seu alto custo em face ao Curso de Odontologia.

3.3.2. A escolha do Curso de Odontologia sob o ponto de vista dos pais dos ex-alunos entrevistados

Observou-se que, após a opção feita pelos estudantes das primeiras turmas pela FOU, os pais desses alunos, apesar de receosos, apoiaram os filhos. O temor paterno vinha, primeiramente, por ser um Curso recém criado, e, posteriormente, por ele não estar entre os cursos, à época, conhecidos como tradicionais, por exemplo, a Medicina, o Direito e a Engenharia. Apesar desse medo, devido ao fato da Escola de Odontologia de Uberlândia ser um Curso novo e desconhecido, esses pais abraçaram essa escolha e se orgulharam dos seus filhos estarem cursando o Ensino Superior.

Pode-se confirmar essa assertiva na fala de Vanderlei Luiz Gomes²⁸, que afirma:

Praticamente, eu sou um dos únicos da época a ter chegado à Faculdade. Isso é um orgulho muito grande para meus pais. Principalmente, para meu pai, que era um professor da escola rural, ver o filho chegar em uma Faculdade, principalmente, uma Faculdade na área de saúde muito disputada, como era a de Odontologia. Só existiu essa possibilidade com a criação desta Faculdade em Uberlândia, caso contrário eu não estaria fazendo (entrevista 05, em anexo).

Desta maneira, percebe-se o quanto foi importante à criação da FOU para a comunidade Uberlandense. Além de possibilitar o acesso desses alunos ao Ensino de terceiro grau, segundo relato dos entrevistados, tornou-se um motivo de felicidade para os pais e

²⁸ Cirurgião dentista, ex-aluno da 3ª turma – 1975. Mestre em Clínicas Odontológicas pela USP/SP em 1986; Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela UFU/MG em 1979; Professor Titular da Universidade Federal de Uberlândia, (entrevista 05, em anexo).

familiares desses estudantes de Odontologia, pois os graduandos e futuros odontólogos passaram a ser vistos com simpatia pelos moradores da cidade.

3.4. Concepções acerca do ingresso no mercado de trabalho na visão dos ex-alunos das primeiras turmas

Percebe-se que, para todos os depoentes terem concluído o Curso de Odontologia foi fundamental para vida profissional, mudando substancialmente o rumo da sua história de vida. Alguns afirmaram que se não fizessem o Curso teriam que seguir a carreira do pai, ou seja, ser comerciante, trabalhar na roça etc. Para outros, o Curso possibilitou a eles ser um profissional liberal, não tendo que se submeter a nenhum padrão.

Para a maioria dos primeiros formandos da FOU, o ingresso no mercado de trabalho foi excelente em virtude da situação da época: eram poucos os profissionais habilitados em face da intensa demanda da população. Alguns dos recém formandos, daquele tempo, chegaram a atender, concomitantemente, na cidade de Uberlândia e outras regiões, como por exemplo, Ipameri, Indianópolis, Araguari, entre outras.

Vários depoentes compararam o mercado de trabalho da década de 1970 com o atual. Para eles, hoje se encontra saturado pelo alto número de profissionais que são “despejados” pelas inúmeras Faculdades de Odontologia, tornando o exercício da profissão difícil e com uma concorrência acirrada.

3.5. A questão relativa aos dentistas práticos: uma problemática advinda dos primórdios históricos da Odontologia brasileira e presente no momento da criação da FOU

De acordo com o que foi demonstrado no Capítulo I, tópico 1.2., observou-se que, desde os primórdios da história da Odontologia no Brasil, houve uma tentativa de normatização da profissão, por meio das imposições legais, porém, devido à grande extensão das terras brasileiras, tornou-se difícil o controle eficaz do exercício irregular da profissão, possibilitando, assim, o crescimento do número dos “dentistas práticos” atuando, principalmente, nas cidades interioranas.

Nesse ponto, Uberlândia não foi diferente das demais cidades do interior, conforme os dados estatísticos apresentados no Capítulo II, tópico 2.1., em 1969, ou seja, pouco antes da fundação da FOU, os dentistas práticos contabilizavam aproximadamente 37% do quadro dos dentistas da cidade.

Antes da Faculdade de Odontologia de Uberlândia começar a oferecer seus dentistas recém formados para atender à população, os profissionais habilitados existentes aqui eram, em sua maioria, provenientes das Universidades de Ribeirão Preto/SP e Uberaba/MG. Desde esse momento, já existiam algumas discussões envolvendo a questão dos “dentistas práticos”, uma vez que determinados cirurgiões dentistas habilitados repugnavam o atendimento desses profissionais não formados. Outros odontólogos, no entanto, achavam que esses trabalhadores sem graduação serviam, a seu modo, uma determinada parcela da comunidade uberlandense que não podia pagar o cirurgião dentista formado.

Para o professor Ailtom Amado²⁹, a criação da FOU trouxe uma melhora para a situação da prática odontológica na cidade, pois para ele:

Uberlândia era **infestada de práticos**. Na época nós tínhamos muitos práticos. A luta era de um colega só, do Delegado do Conselho. Era briga mesmo. Era de andar armado e de mandar prender. E, hoje, graças a Deus, nós não temos sinal disso mais. Não trabalho com arma, nem contra o profissional, eu oriento. O serviço vai ser feito pela Secretaria de Segurança Pública.

²⁹ Delegado do CRO-MG/Uberlândia, Cirurgião dentista, ex-aluno da 2ª turma – 1974. Especialista em Radiologia pela Faculdade de Bauru em SP; Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela Universidade Estadual de Londrina em 1981; Professor Adjunto 4 da Universidade Federal de Uberlândia, (entrevista 07, em anexo).

Quer dizer, hoje melhorou muito. Se a gente encontrar um ou outro ele está escondido por aqui (grifos do pesquisador) (entrevista 07, em anexo).

Todavia, por outro lado, deve-se destacar um diferente ponto de vista trazido pelo entrevistado Odorico Coelho da Costa Neto, divergindo do depoimento anteriormente apresentado. Ele não via os profissionais não habilitados como uma infestação a ser eliminada. Para ele, que tinha em sua sala um companheiro de turma que atuava como profissional não habilitado antes de ingressar na Faculdade, existiam os bons dentistas práticos e, que eram reconhecidos pela comunidade uberlandense. Nesse sentido, ao lembrar da faixa etária dos seus colegas de turma, assinalou que:

Era bem mesclado. Tinham dois mais novos que eu na minha turma. Depois tinha um grupo, digamos intermediário, e tinha outro grupo que era menor, que tinham uma idade maior. O mais velho da minha turma tinha a idade do meu pai na época. **Ele já era dentista prático e era tido na época como um dos bons dentistas da cidade, com uma clientela classe A.** Vinha de uma família de dentistas, o pai foi dentista prático, os irmãos foram dentistas formados. Ele chegou à presidência do Lions Clube, o mais tradicional da cidade (grifos do pesquisador) (entrevista 10, em anexo).

Dessa maneira, pode-se compreender algumas representações conflitantes quanto à figura do “dentista prático”, visto que, enquanto um depoente entendia e entende esse trabalhador como um elemento a ser eliminado, ou seja, retirado do mercado, o outro vislumbrou que havia alguns bons práticos, citando o exemplo do colega de sala que, apesar de já ser bem reconhecido pela sociedade uberlandense, estava estudando na turma do entrevistado para legalizar sua profissão, fato esse possibilitado pela instauração da Faculdade de Odontologia de Uberlândia.

3.6. O que representou ter uma Faculdade de Odontologia em Uberlândia

a) Criação da FOU sob o ponto de vista dos alunos

Inúmeros significados acerca da origem da Escola de Odontologia de Uberlândia foram colocados pelos entrevistados, destacando-se os mais marcantes, a saber:

1º) para alguns ex-alunos, a construção da FOU significou uma oportunidade de ingressar em uma Escola de Ensino Superior;

2º) para outros, a instalação da Escola de Odontologia de Uberlândia possibilitou o desenvolvimento de uma profissão que era carente de profissionais;

3º) e também, alguns discentes das primeiras turmas, afirmaram que a Faculdade de Odontologia de Uberlândia foi importante para inserção no meio social, funcionando como um “trampolim” para o prestígio social.

Endossando esse pensamento, destaca-se a fala do entrevistado Gildésio Rezende Alvarenga³⁰:

Como realização pessoal e social, ela (a Faculdade de Odontologia) representou muito porque ela me colocou no meio social. Hoje me considero uma pessoa grata. Isso me abriu as portas pro Lions, pra ADESG, pra Maçonaria... Socialmente foi muito bom... (entrevista 09, em anexo).

³⁰ Fundador e administrador da UNIODONTO, atualmente, um dos convênios de saúde bucal de maior representatividade em Uberlândia. Cirurgião dentista, ex-aluno da 6ª turma – 1978 (entrevista 09, em anexo).

b) Criação da FOU sob o ponto de vista dos políticos

Para os políticos entrevistados, pode-se notar que, Uberlândia, tal como várias outras cidades do interior, destacou-se, dentre elas, pela rivalidade e competição. A cidade de Uberlândia almejava ter sua própria Faculdade.

Rondon Pacheco, durante a entrevista, recordou que:

Eu me lembro que eram numerosas as comissões e muito forte a aspiração de Uberlândia em uma Escola Superior, que mesmo porque na realidade havia até uma frustração porque em Uberaba já tinha as Escolas do deputado Mário Palmério. Mas eram particulares. E, Uberlândia quis acompanhar o ritmo. Ajudamos assim a criar as Escolas de Uberlândia (entrevista 14, em anexo).

Ao interpretar os relatos orais colhidos nas entrevistas, pode-se inferir que na década de 1970, ter uma Escola de Ensino Superior representava um avanço, e, sobretudo, simbolizava atender às necessidades do eleitorado. Para Homero Santos, os interesses pela instalação da Faculdade de Odontologia de Uberlândia estavam de acordo com o contexto histórico e político da época, percebe-se isso pelo depoimento de Santos:

Como representante de Uberlândia à Assembléia Legislativa, procurei bem desempenhar o mandato continuando a meta que tracei de fazer com que a nossa cidade tivesse uma Faculdade à altura do seu desenvolvimento e dos anseios de tantos jovens entusiastas. Conforme já relatei, foi a soma de um ideal com o conjunto de interesses a favor da cidade, que já se ressentia da falta de uma Faculdade específica de Odontologia, já que nossos jovens eram obrigados a se deslocar para outras localidades para realizarem seus estudos.

Rondon Pacheco foi mais enfático, ainda, alegando que:

Nesse sentido, eu acho que foi um fato natural, é à força da natureza nas coisas. A cidade cresceu. Havia mercado para a existência de uma Escola. Uberlândia era uma cidade pólo. [...] É a necessidade. É o fato social mesmo [...] é fazer o bem sem olhar a quem (entrevista 14, em anexo).

A partir da análise dos fragmentos expostos acima, pode-se afirmar que sob o ponto de vista dos políticos, criar uma Faculdade de Odontologia, seria, ao mesmo tempo, atender aos anseios dos jovens uberlandenses e acompanhar a necessidade social imposta pelo crescimento da cidade. Para o último depoente, construir uma Escola de Odontologia representava um fato natural, ou seja, “extrapolava” a vontade humana, tornando-se uma realidade que a própria força da natureza se incumbiu de concretizar. Percebe-se que a tentativa de naturalização da história escamoteia os conflitos e as diferenças existentes.

Observa-se na fala desses dois depoentes, um aspecto uníssono, que tenta reafirmar os ideais políticos desenvolvimentistas presentes naquele momento do Período Militar. Para eles, a cidade de Uberlândia deveria ter sua própria Faculdade, pois seja pelo anseio dos *jovens entusiastas*, ou pela *força da natureza nas coisas*, ela já havia crescido, *havia um mercado para a existência de uma Escola* e a cidade merecia uma Faculdade a altura do seu desenvolvimento, ou seja, segundo esses políticos, Uberlândia já representava uma cidade pólo e nada mais natural e plausível do que desenvolver a estrutura das suas instituições escolares.

c) Criação da FOU, sob o ponto de vista dos funcionários:

Observou-se que a criação da Faculdade de Odontologia de Uberlândia resumiu-se na representação de uma oportunidade de emprego, de onde, além de tirar uma fonte de renda, surgiu uma chance de aprendizado e possibilidade de formar amizades. Foi ainda posto que, de alguma forma, ao participarem do processo de concretização da FOU, estavam colaborando para a melhoria da saúde bucal em Uberlândia, ressaltando-se que essa Faculdade *tem um papel importante no cenário da comunidade uberlandense. Ela cumpre*

bem esse papel. Ela tem uma grande representatividade para a comunidade uberlandense (entrevista com Abigail Maria da Silva³¹ – em anexo).

Para Rosa Maria Dominiciano Vidal³², ao iniciar suas atividades laborais, ela ainda era menor e teve algumas dificuldades, pois, para permanecer no emprego, o Diretor Osvaldo Vieira Gonçalves exigiu-lhe uma autorização dos pais. Segundo essa depoente:

Eu gosto do que eu faço. Eu não quis fazer Curso Superior por opção.

Quando eu entrei, ainda não era Federal. Eu vejo como uma coisa boa. Gostaria que mais pessoas tivessem essa chance de adentrar no Ensino Superior, e, em especial na Faculdade de Odontologia.

Na minha vida profissional a Escola de Odontologia de Uberlândia foi tudo. Muitas das coisas que eu aprendi eu devo à Faculdade de Odontologia. Tinha amizades bonitas. Minha vida profissional está na Odonto (entrevista 11, em anexo).

3.7. Principais dificuldades na criação da FOU: financeiras e de localidade para instalação da sede da Policlínica

A gênese da Faculdade de Odontologia de Uberlândia foi marcada por inúmeras dificuldades, sendo a financeira a de maior destaque, mas as barreiras foram vencidas com o apoio de diversos setores da sociedade uberlandense à guisa de: idealizadores, alunos, políticos, professores e, também por parte da comunidade, representada pela Ordem Franciscana na pessoa do Frei Egidio Parisi, que fez a doação do prédio para construção da Policlínica, sob condição de destiná-lo sempre para atividades didáticas, dando por meio dessa prática social grande impulso à concretização da FOU.

Em relação ao histórico da realidade escolar da FOU, no Capítulo II, tópico 2.4. destacou-se que a falta de verba foi um obstáculo difícil, a mantenedora inicial da Escola

³¹ Funcionária vinculada a UFU desde 6 de fevereiro de 1979, atualmente, ocupa o cargo de secretária da área de Dentística, (entrevista 12, em anexo).

³² Funcionária vinculada a Instituição - FOU - por 29 anos e cinco meses, atualmente ocupa o cargo de assistente administrativo, (entrevista 11, em anexo).

de Odontologia – a Autarquia Estadual de Uberlândia – quase sempre atrasava o envio das verbas para custear a manutenção da Escola, e, conforme afirmado anteriormente, quando mandava o montante sempre era menor do que o necessário e o esperado pelos administradores da FOU.

3.7.1. Práticas para resolver as dificuldades na criação da FOU

a) Atuação do idealizador e fundador professor Laerte Alvarenga de Figueiredo

Contou-se para solução desses problemas iniciais da Escola de Odontologia de Uberlândia com a participação fundamental do idealizador Laerte Alvarenga Figueiredo, segundo relato na entrevista de Ailton Amado, que afirmou:

Primeiro lugar o professor Laerte... O Laerte é quem viajava, discutia ia atrás, e que, muitas vezes, colocava a mão no bolso para sustentar o custo da Faculdade. **O prédio que nós trabalhávamos foi doado pela Igreja Nossa Senhora de Fátima e, antes era um Seminário, e, que acabou sendo adaptado para ser uma clínica com consultórios, com salas de aula, com laboratórios** (entrevista 07, em anexo). (Grifos do pesquisador).

Evidencia-se, nessa fala, a participação da comunidade para solucionar a dificuldade citada anteriormente, no capítulo II, tópico 2.1., de encontrar um local adequado para instalação da Policlínica de Odontologia. Com essa doação dos Freis Franciscanos foi resolvido o problema da indefinição acerca do lugar apropriado para a estruturação arquitetônica, com a finalidade de possibilitar o desenvolvimento das disciplinas práticas.

Em outras palavras, o mesmo foi dito quanto ao empenho do professor Laerte Alvarenga Figueiredo por Alfredo Júlio Fernandes Neto proferindo que:

Tem uma pessoa que jamais poderá ser esquecida, que é o Dr. Laerte Alvarenga Figueiredo. Eu acompanhei a história da Faculdade, sei que ele foi o grande mentor, o grande responsável. Ele tinha um senso de coletividade, e sonhou para Uberlândia uma Faculdade de Odontologia. E ele foi atrás disso, do poder político. Ele era uma pessoa que só fazia amigos, que não tinha arestas em lugar nenhum. Ele foi atrás com o sacrifício de sua família, em determinado momento não muito compreendido pela classe dos dentistas. Ele enfrentou tudo isso e foi atrás. O Dr. Laerte foi quem catalisou todas as forças e fez as pessoas entenderem a importância da implementação. Ele foi o primeiro diretor. Ele não teve a melhor saída da Faculdade. Mas ele tem sempre nosso respeito e gratidão e enquanto eu tiver aqui, como elemento desta história eu vou estar sempre reverenciando seu nome, porque ele merece (entrevista 06, em anexo).

b) Atuação dos alunos para solução das dificuldades na criação da FOU

Os alunos das primeiras turmas também foram compromissados nas lutas contra essas dificuldades financeiras. Os materiais do Curso de Odontologia sempre foram onerosos, e, desta forma, para que fossem atendidos os pacientes, alguns alunos formavam grupos para dividir despesas com materiais, além de organizarem campanhas para angariar meios divulgadores e socializadores da Odontologia que estava nascendo em Uberlândia.

Segundo o depoimento de Vanderlei Luiz Gomes, as práticas realizadas pelos alunos para solucionar a falta de recursos materiais e financeiros foram:

Nós das primeiras turmas não podemos esquecer da batalha para manter este Curso em pé. Desde o momento da primeira clínica, que já veio no encerrar da primeira turma. A primeira turma já estava fechando o Curso foi quando se montou à primeira clínica. Na maioria das vezes, esse pessoal ia para o consultório dos professores desenvolverem atividades. E depois a manutenção dessas clínicas. Criou-se uma estrutura, uma Autarquia e, às vezes, nós não tínhamos medicamentos produtos odontológicos, para atuação na clínica. Víamos momentos em que grupos de alunos se reuniam para comprar um litro de álcool, para buscar um anestésico. Uma ajuda muito grande dos políticos da época. Bastava que se telefonasse para eles e eles já mandavam à gente ir ao comércio, deixavam uma autorização para que a gente comprasse o material. E não parou a dificuldade, mesmo com tantas dificuldades e lutas a Faculdade conseguiu chegar onde esta hoje. Foram movimentos

tanto de alunos quanto de professores. Ambos, realmente, colocavam a mão no bolso (entrevista 05, em anexo).

Para Odorico Coelho da Costa Neto:

A minha turma, quando nós formamos, fizemos doações para a Faculdade, coisa que turma nenhuma hoje pensa: “o que é que eu vou deixar para a Faculdade?”. Hoje se pensa assim: “o que é que eu vou levar da Faculdade?”. Então, a primeira autoclave da Faculdade foi doada pela minha turma, para esterilizar todo o material, para que pudesse ser marcado como um ato de contribuição, de colaboração para a Faculdade. Uma autoclave nunca foi barata. Significava um valor grande e nós conseguimos arrecadar fundos e doar isso para a Faculdade. Nós doamos um consultório para a delegacia, para tratar dos presos. Fizemos várias doações onde nós achávamos que ali a Odontologia pudesse ser bem divulgada, bem conhecida (entrevista 10, em anexo).

Torna-se evidente no relato desse entrevistado, a preocupação dos alunos com a consolidação da FOU. Ao pensar no que poderiam contribuir com essa Escola, evidencia-se uma vontade de colaborar tanto com a Faculdade quanto para que a Odontologia uberlandense pudesse ser bem divulgada, bem conhecida. Segundo os dizeres desse entrevistado, esses alunos não mediram esforços e desenvolveram ações para arrecadação de fundos destinados a essas ações sociais.

3.8. O Regime Militar e Faculdade de Odontologia de Uberlândia sob o ponto de vista dos entrevistados:

a) Reminiscências e sentimentos trazidos por alguns ex-alunos da FOU, em relação à época do Governo Militar

Conforme mencionado no capítulo I, tópico 1.3. que o contexto histórico do Período Militar foi marcado por uma demanda de vagas e Escolas de terceiro grau, pelas

classes médias, e uma carência de mão de obra qualificada para a indústria incipiente. A despeito dessas necessidades prementes, as dificuldades econômicas foram um fator marcante como óbice à interiorização do Ensino Superior, à criação e ao desenvolvimento de Faculdades em todo país, sobretudo, nas cidades interioranas ditas de menor porte, como era Uberlândia.

Apesar das intempéries, atrocidades e dos desmandos cometidos durante o Regime Militar, averiguou-se certo saudosismo por alguns dos entrevistados que consideraram tal período como um momento próspero tanto para cidade de Uberlândia, quanto para o crescimento individual.

Pode-se observar esse sentimento no relato oral de Wanderley Alves Ribeiro, ao tecer alguns comentários a respeito do Governo Militar:

Teve uma decadência muito grande. A maior parte foi pelo Governo e também a concorrência aumentou demais. No início era bem melhor a profissão. **Na época dos militares era outra coisa. (...) Não só para a minha profissão, para tudo. O Brasil cresceu muito, naquela época tinha menos gente para concorrência, o povo tinha mais condições para pagar, as coisas eram mais baratas. Você comprava um consultório em sete, oito prestações sem juros. Os bancos ajudavam. Na época de estudante eu comprei meu material de cirurgia pela Caixa Econômica Federal. Hoje isso não existe de jeito nenhum. Se for fazer hoje, o banco toma seu consultório** (entrevista em anexo) (Grifos do pesquisador).

Para Wanderley A. Ribeiro, não teve período economicamente melhor no Brasil, e ele recorda com nostalgia aquela época em que o país estava sob a égide do Regime Militar, pois, segundo o depoente, o poder de compra do dinheiro era maior na época dos Militares.

De acordo com o relato de Gaspar Paulino, o relacionamento dos alunos da Faculdade de Odontologia com o Comando Militar foi tranquilo e, às vezes, notou-se até uma cumplicidade, no sentido de que alguns alunos levavam reclamações para os oficiais do exército, com o intuito de receberem alguma ajuda para solucionarem os problemas vigentes.

Assim, ele relata:

[...] era época do Governo Militar e com eles é “ou vai ou racha né?”! Então, como estava tendo muito problema na Universidade, a gente não saía da casa do comandante do quartel. Eles chamavam a gente lá, mas não com o intuito de prender ninguém não. Eles chamavam os presidentes do Diretório Acadêmico, chamava todos. Perguntavam o que estava acontecendo coisa e tal. Eu me lembro que tinha um capitão, um oficial deles, ele perguntava pra gente. Vamos supor, pra mim: e a Faculdade de vocês, o que vocês têm a reclamar? Ah! O problema é esse, esse e esse. Ele virava e falava assim: anota aí Paixão. Paixão era o nome de guerra do capitão né. Daí passava pra Educação Física, Engenharia, etc (entrevista 01, em anexo).

Segundo essa entrevista, nota-se que os militares uberlandenses ,assim como os de todo Brasil, procuraram ficar sempre próximos aos alunos, principalmente, daqueles que faziam parte das lideranças dos Diretórios Acadêmicos (DA’S) e do Diretório Central Estudantil (DCE), anotando e acompanhando as ações e reclamações desses estudantes, e, por meio da estratégia de cooptação, ou seja, conquistando a simpatia e o apoio desses acadêmicos, tentava-se manter calmo os ânimos desses alunos. Às vezes, atendia-se a alguns pedidos menos importantes e que não causariam grandes transformações, tentando construir a imagem de um exército benéfico e ativo, que estava sempre pronto para “auxiliar” os acadêmicos e a sociedade uberlandense na busca de uma convivência social pacífica, de acordo com a ordem estabelecida em nome da “Segurança Nacional” e dos ideais progressistas, seguindo os preceitos desenvolvimentistas.

b) Práticas de controle e vigilância para a “Segurança Nacional”

Percebe-se que, apesar da relação dos Comandantes Militares com os estudantes das Faculdades de Uberlândia ter sido “tranquila”, o exército acompanhou de perto a atuação desses estudantes, e, como exposto no relato acima, sempre tomando nota dos

acontecimentos e interferindo por meio de “requisições” aos dirigentes dessas Escolas, de maneira a controlar e evitar que insurgisse algum movimento estudantil.

É possível confirmar essa assertiva quando se confronta os dados coletados nas entrevistas com um documento confidencial, memorando nº. 421, encaminhado no dia 31 de maio de 1973, pelo reitor Juarez Altafin ao Diretor da Faculdade de Odontologia, Dr. Laerte Alvarenga de Figueiredo, fazendo a seguinte solicitação:

Senhor Diretor: Tendo em vista orientação superior, confidencial, participo a V. Exa. que todas as publicações estudantis, atualmente, estão abrangidas pelos dispositivos de Lei nº. 5.250, de 09 de fevereiro de 1967, que em seu artigo 8º **obriga** os jornais e demais publicações periódicas a inscrição no Registro Civil das Pessoas Jurídicas, sob pena de serem considerados clandestinos, conforme preceitua o artigo 11 da mesma Lei.

Assim, solicito seja observada a Lei acima referida, com respeito ao registro das publicações estudantis, dessa Unidade. Por fim, peço a V. Exa., em sua missão de educador, orientar constantemente os responsáveis pelas publicações estudantis, dessa Unidade, estimulando-os em seus empreendimentos, sempre em obediência às Leis que regem o País e **em defesa da Segurança Nacional** (grifo do pesquisador) (Documento I, em anexo).

Constata-se nesse documento, a imposição de uma obrigação em nome da defesa da “Segurança Nacional”, ou seja, os Militares mantinham uma preocupação em tentar controlar o que poderia ou não ser publicado, nota-se uma coação e uma censura no sentido de que se essas ordens fossem descumpridas seriam consideradas ilegais, e, ainda mais, clandestinas as publicações sem inscrição no Registro de Pessoas Jurídicas.

c) Práticas administrativas de respeito às leis vigentes no Período Militar

Demonstrando a preocupação e a ingerência Militar dentro da administração universitária, e, de forma específica na FOU, podem-se averiguar os termos trazidos pelo memorando nº. 608 de 27 de agosto de 1973, passado pelo Reitor da Universidade de

Uberlândia, Juarez Altafin, para o Diretor da Faculdade de Odontologia, professor Laerte Alvarenga de Figueiredo, fazendo as seguintes comunicações:

Nos termos a legislação vigente (Lei nº. 5.540 de 1968, Decreto –Lei nº. 228 de 1967, Parecer nº62/69 do C.F.E., Portaria Ministerial nº. 25/68 e Decreto nº. 69.053 de 1971), lembro a V. Exa. que são considerados ilegais todos os tipos de encontros estudantis, cuja promoção esteja em desacordo com o espírito dessas determinações e de outras que regulamentam o assunto.

Outrossim, segundo o disposto na Lei nº. 69.845, de 27/12/1971, a Direção das Escolas é responsável pela orientação e esclarecimentos aos estudantes.

Finalmente, pelo Aviso-Circular nº. 861, de 27 de julho pp., o Exmo.Sr. Ministro da Educação encarece a necessidade do fiel cumprimento do artigo 4º da Portaria Ministerial nº. 149-A, de 28 de março de 1969, que determina a remessa obrigatória à Divisão de Segurança e Informações desse Ministério, no prazo de 30 (trinta) dias após conclusão de processo sumário, com base no Decreto-Lei nº. 477, de 26 de fevereiro de 1969, de cópia autenticada de decisão que nele houver proferida (Documento II, em anexo).

Verifica-se, pois, que foram inúmeros os dispositivos jurídicos, na tentativa de cercear qualquer tipo de encontro estudantil, impondo o respeito ao “espírito” das determinações normativas vigentes. Nesse memorando pode-se observar a responsabilização dos Diretores das Escolas em face da orientação e a elucidação dos alunos, quanto à ilegalidade dos movimentos organizados pelos estudantes e não conformes aos preceitos legais.

d) “Trote” “versus” ideologia da “Segurança Nacional”

Continuando a análise das ingerências e determinações advindas do Comando Militar, por meio do MEC, constatou-se que o trote passou a ser responsabilidade do Diretor de cada Unidade. A partir do memorando nº. 92/73/Sigiloso, de 13 de fevereiro de 1973, encaminhado pelo reitor Juarez Altafin ao Diretor da FOU, Dr. Laerte A. Figueiredo o qual

trazia em anexo, uma cópia de expediente sigiloso recebido da Divisão de Segurança e Informações do MEC que trazia em sua conclusão as seguintes informações:

Verifica-se, pois, que o “trote” não é momento na vida universitária, transformou-se em um processo, calculadamente desenvolvido, com fins definidos, dentro do esquema global da ação subversiva.

Tudo está a indicar a necessidade inadiável de providências para impedir a continuação do processo do “trote” dos calouros nas Universidades e nos colégios secundários.

Convém, ainda, ressaltar que a ação preventiva e coercitiva do Ato Institucional nº. 5 e da legislação subsequente, complementada pelas medidas acima sugeridas, desde que mantida sua vigência por tempo suficiente, interromperá o processo de afirmação de novos líderes subversivos e do condicionamento das massas dos novos universitários, permitindo o escoamento dos estudantes atualmente condicionados e dos líderes da esquerda ativista ainda atuantes nas Universidades (Documento III, em anexo).

Mesmo após esse rígido documento proibitivo do trote, ele continuou acontecendo em algumas Escolas, porém, deve-se destacar que na Faculdade de Odontologia de Uberlândia houve algumas peculiaridades, as quais são evidentes na fala de Vanderlei Luiz Gomes:

O trote de nossa turma foi para a época um trote avançado. Nós saímos com nossos veteranos nas ruas de Uberlândia, com **auxílio dos militares do quartel** fazendo angariações de bens, como roupas, e esse material depois foi distribuído para a sociedade. Recebemos também muitos eletrodomésticos. Isto marcou nossas vidas e fez com que a Faculdade chegasse muito mais próxima ao povo. (Grifos do pesquisador) (entrevista 05, em anexo).

O pesquisador levanta o questionamento: será que o **auxílio dos militares do quartel** era um interesse puramente social, em benefício à comunidade uberlandense, ou estariam eles cumprindo ordens superiores para acompanharem de perto os movimentos realizados pelos estudantes?

Confrontando os documentos encontrados no Arquivo Geral da UFU com os relatos orais, pode-se inferir que a ajuda dos militares colaborou para práticas sociais de

vigilância, sendo que, naquele caso específico do “trote avançado”, o pesquisador entende que houve uma maior preocupação com o cumprimento das ordens de controle e vigilância, justificando *o auxílio dos militares do quartel*.

Sabe-se que o trote já era proibido, pois, conforme documento confidencial do MEC determinou-se que *o processo do “trote” dos “calouros” como técnica de base científica reflexológica de imposição de liderança estudantil subversiva nas Universidades (Documento III, em anexo)* deveria ser ferrenhamente combatido.

Apesar da intenção velada, contou-se com o apoio dos militares, em várias ações a favor da instituição das Escolas Superiores em Uberlândia. A Faculdade de Odontologia de Uberlândia não foi a única Escola que precisou de ajuda das diversas categorias sociais para ser construída e sedimentada, as demais faculdades isoladas uberlandenses, também contaram com o apoio de vários grupos sociais para tornar viáveis as suas criações e instalações.

3.9. “Forças” responsáveis pela criação da FOU

Quanto às práticas que possibilitaram a formação da Escola de Odontologia em Uberlândia, devem-se destacar algumas especificidades, as quais são apresentadas a seguir:

a) Os políticos e os representantes das categorias detentoras do Poder e suas práticas em nome da sociedade uberlandense

Um dos fatores determinantes na construção da Escola de Odontologia foi a união dos indivíduos que almejavam o crescimento e o desenvolvimento de Uberlândia, e se colocavam a favor da concretização dessa Faculdade.

Notaram-se os esforços dos políticos, que independente da legenda, atuaram de forma unida para representar, principalmente, aos anseios da categoria de pessoas pertencentes à classe média e a abastada da sociedade uberlandense. Conforme assinalado no trecho abaixo, pelo ex-Governador Rondon Pacheco, houve uma formação de *um bloco monolítico em apoio às Escolas Superiores*.

Olha! O acontecimento mais confortador para **a criação da Universidade foi à unidade espiritual, intelectual da sociedade uberlandense, no sentido de criar um bloco monolítico em apoio às Escolas Superiores, que, até então, vinham sendo formadas**. Nós já tínhamos... A primeira Escola criada em Uberlândia foi a Escola de Filosofia do Colégio das Lágrimas, Madre Ilar, que está viva. Elas tinham sustentáculo, tinha uma freira superior chamada Madre Rita de Cássia Amarante, mulher notável. Na maior pobreza possível, amealhando recursos. (...) O que é importante foi essa mobilização de Uberlândia, unindo todas as nossas forças para o alcance das Escolas Superiores. (entrevista 14, em anexo). (Grifos do pesquisador, para atentar ao fato de que esse discurso foi construído para criar um sentimento de unidade social de toda comunidade em prol do Ensino Superior, **essa reunião de “forças” deveria trazer um significado de benefício para toda sociedade uberlandense, que somente por meio dessa união a cidade conseguiria atingir os ideais desenvolvimentistas de crescimento e desenvolvimento**). (Grifos do pesquisador).

Nesse momento, torna-se evidente, a tentativa de construir um significado de que, somente por meio da união de todos, se conseguiria formar as Faculdades uberlandenses, e a reunião dessas “forças” deveria trazer uma união de todos a favor do crescimento e desenvolvimento de Uberlândia. Nota-se, portanto, um discurso de benefício para toda sociedade, mas com finalidade de se atingir os ideais desenvolvimentistas.

Porém, conforme foi adiantado ao leitor, sabe-se da existência das “múltiplas Uberlândias”, ou seja, os maiores beneficiados por essas práticas a favor do Ensino Superior seria um seleto grupo de pessoas que teria acesso ao Curso de terceiro grau, enquanto que, por outro viés, pode-se afirmar que grande parcela da população uberlandense, representaria uma

outra Uberlândia, carente de subsídios essenciais à sobrevivência e de ações de assistência social, mas que viram na criação da FOU uma possibilidade de conseguir pelo menos atendimento odontológico.

b) Os primeiros professores e sua participação no processo de criação da FOU

A Faculdade de Odontologia de Uberlândia também contou com uma participação importante dos docentes que vinham de outras cidades, tais como Bauru, Araraquara, Araçatuba, Diamantina, Uberaba, entre outras, para ministrarem aulas, às vezes, até aos finais de semana, demorando meses para receber seus salários.

Para Odorico Coelho da Costa Neto:

É verdade que enquanto era Autarquia Educacional de Uberlândia, e, enquanto foi Universidade de Uberlândia, a gente tinha que ter uma opção quase franciscana para estar aqui, porque nós ficamos seis meses sem receber... Mas essa turma que permaneceu a gente tinha um grande ideal. A gente sempre vislumbrava, principalmente, pelo que o Dr. Laerte colocava de que era uma transição, que a fase inicial de implantação era difícil, mas que ia passar. Então, por essa mensagem de otimismo que ele passava para gente, a gente segurava. Não recebíamos em dia nunca no início. Agora, depois que virou Universidade Federal de Uberlândia, isso acabou [...] (entrevista 10, em anexo).

Segundo Vanderlei Luiz Gomes:

[...] todos aqueles professores que começaram o Curso e que vieram para Uberlândia para estar aqui com a gente ministrando aulas, pois tínhamos professores que vinham de vários pontos do Brasil, por longos períodos. Eles, às vezes, ficavam sem rendimentos, porque a Autarquia não disponibilizava o dinheiro para pagar e esse pessoal vinha religiosamente aos finais de semana ministrar aulas para nós. Vinham professores de Bauru, Araraquara, Diamantina, Uberaba. Eles vinham apesar de não receber nada, mas com promessas de virem a receber um dia, vinham com despesas pagas, às vezes, até por eles, no carro deles. Nesta andança tivemos um acidente com um professor que vinha de Bauru, professor Noracilde, por volta de 1973.

Isso sem perceber sua remuneração mensal. Isso para nós era um orgulho muito grande. Eram professores que geralmente nas Faculdades deles, geralmente, lecionavam no Mestrado, no Doutorado, e assim, na graduação em Uberlândia. Isso nos deixava muito orgulhosos e nos preenchia completamente em termos de conteúdo (entrevista 05, em anexo).

Confirmou-se, também, no decorrer das entrevistas, que as primeiras turmas tiveram um Curso básico, juntamente com os alunos da Medicina, e, após essa etapa, passaram a ter as disciplinas específicas da Odontologia com professores renomados, vindos de diversas Faculdades, para ministrarem aulas em Uberlândia. Esses docentes já eram ou tornar-se-iam referenciais em todo país.

Para Alfredo Júlio Fernandes Neto:

É óbvio que na época não possuíamos em Uberlândia profissionais qualificados para o ensino. Tínhamos profissionais dentistas capazes para serem clínicos. Eles não estavam prontos para elaborar uma proposta de ensino. Então o professor Dioracy trouxe um grupo de professores de fora, de Bauru, de São Paulo, de Araraquara, de Diamantina (entrevista 06, em anexo).

Nota-se, pois uma transição no quadro dos primeiros docentes da Faculdade de Odontologia de Uberlândia. Conforme relatado anteriormente, os primeiros professores das primeiras turmas do Curso Básico foram aqueles cedidos pela Escola de Medicina e Cirurgia por meio do convênio firmado entre essas duas Faculdades.

Após o ciclo básico, teve-se a participação de inúmeros professores de outras Faculdades que, juntamente com alguns cirurgiões-dentistas da cidade, constituíram uma equipe com o intuito de formar a primeira turma. Por fim, pode-se observar que alguns dos alunos das primeiras turmas passaram a integrar o corpo docente da Faculdade de Odontologia de Uberlândia. A partir de dados coletados nos documentos encontrados no Arquivo Geral da Universidade Federal de Uberlândia, coligidos com as informações constantes no Projeto Conte Comigo, UFU, Odontologia (1995) confeccionou-se a tabela

abaixo, demonstrando a relação dos alunos formados pela FOU, e dos docentes graduados por ela de 1973 a 1978.

TABELA II: Relação dos alunos graduados pela FOU, e dos docentes formados por ela de 1973 a 1978.

Primeiras Turmas de Formandos da FOU	Quantidade de alunos ingressantes por Turma	Alunos Graduados pela FOUFU	Professores da Instituição FOU graduados por ela
Turma de 1973	50	42*	
Turma de 1974	50	38	10
Turma de 1975	50	50	4
Turma de 1976	50	44	6
Turma de 1977	50	51	2
Turma de 1978	50	51	3
Total	300	276	25

* Divergências foram encontradas nos dados coletados do Arquivo Geral da Universidade Federal de Uberlândia, e dos apresentados na reportagem do jornal “O TRIANGULO” Uberlândia, Ano XLV, de 9/02/1974, que anunciaram a formatura de 42 estudantes, enquanto às informações prestadas pelo Projeto Conte Comigo, UFU, Odontologia, (1995), consta que a Turma de 1973 contabilizou somente 41 formandos. Nesse último, foi omitido o nome do acadêmico Edison Vieira da Costa Júnior. Sendo assim, o pesquisador adotou a estatística, confirmada pelas duas fontes anteriores, para realizar sua análise.

Cotejando essas informações, pode-se verificar que, a partir de 1973, com a formatura de 42 alunos, ocorreu o aproveitamento de 10 desses ex-alunos, que a partir daquele momento passaram a ministrar aulas, colaborando para a formação dos futuros dentistas.

Pode-se observar que, nos anos seguintes, do período delimitado, ou seja, 1974, 1975, 1976, 1977 e 1978 também ocorreram participações de ex-alunos como professores do Curso de Odontologia; porém, em nenhuma dessas turmas alcançou-se um número tão expressivo quanto o dos professores advindos da turma de 1973. Pode-se deduzir que o

número de ex-alunos contratados para dar aulas diminuiu ao longo dos anos pelo fato de, às vezes, ter-se conseguido maior estabilidade no quadro dos docentes da FOU.

No início do Curso, observou-se que, alguns alunos que trabalhavam como monitores, ganharam isenção do pagamento das mensalidades, outros estudantes ganharam bolsas concedidas e custeadas pelos políticos, possibilitando a presença de discentes pertencentes a grupos de baixa renda. Resumindo, apesar da Odontologia e dos Cursos Superiores brasileiros, de forma geral, serem considerados acessíveis a uma pequena parcela da população, principalmente, para as categorias abastadas, nota-se, mesmo que, por via de exceção, que havia aqueles indivíduos dos setores desprivilegiados estudando com grande esforço e sacrifício para conseguirem se manter na Faculdade.

Referindo-se a FOU, as dificuldades para alguns alunos se manterem no Curso foram ainda maiores, pois o Curso era integral, exigindo uma dedicação quase exclusiva dos estudantes, dificultando a possibilidade de conciliar a Faculdade de Odontologia com algum trabalho. Sendo assim, os pais, os padrinhos, os políticos ou alguém deveria arcar com as despesas desse discente pobre para que ele continuasse estudando.

Alguns desses ex-alunos que exerceram monitoria, ou seja, trabalharam conjuntamente com os professores, auxiliando-os no desenvolvimento das disciplinas, vieram, mais tarde, fazer parte do grupo dos docentes da FOU, formados por ela mesma. Para o ex-aluno e atual professor Odorico Coelho da Costa Neto: [...] *formou as primeiras turmas e das primeiras turmas se formaram os professores da Faculdade [...]*. (entrevista10, em anexo).

A princípio, a FOU também contou com a participação de alguns professores voluntários, que, após alguns anos de trabalho, foram convidados a participar do quadro de docentes. O sistema de admissão de professores funcionou, preliminarmente, na forma de convites e indicações políticas, posteriormente, após a inserção da Escola de Odontologia no

âmbito da Universidade de Uberlândia, passou-se a respeitar os ditames administrativo-legais para a contratação de professores: o concurso público.

Segundo informações trazidas por Paulo Cezar Azevedo:

O professor, mais um pouco na frente, foi concursado, daí não tinha mais esses convites. Isso aconteceu apenas na primeira, na segunda turma quando ainda era particular. Depois que passou a ser Federal, já entrou nos moldes da Constituição Federal (entrevista 03, em anexo).

4. O novo paradigma na Odontologia: práticas sociais preventivas

Através das reminiscências do ex-aluno da primeira Turma, Dr. Antonio Mario Buso, observa-se uma mudança de paradigma na Odontologia, e essas transformações também estavam ocorrendo em Uberlândia, conforme relato do referido professor:

Eu costumo dizer que eu peguei a melhor fase da Odontologia porque a mesma, até então, era muito radical. Por exemplo, um dente com problema no nervo era apenas extraído, se uma doença era detectada na gengiva extraíam-se todos os dentes e colocava-se dentadura, uma ponte. Além disso, a Odontologia na qual eu formei, seu princípio era mais conservador e um pouco mais elitizada, vamos dizer assim. Então eu entrei no mercado de trabalho onde já se tentava fazer a manutenção e a prevenção, então eu peguei a melhor fase da Odontologia onde ela sofreu uma metamorfose de tratamento radical para conservador. Radical para extrair o dente e conservador para preservar o dente, tratar o dente e estava preparado para trabalhar o paciente na preservação dos dentes na boca e não a extração dos dentes. E, eu costumo dizer para pacientes meus: “ponte e dentadura são muletas da boca” (entrevista 08, em anexo).

Ressalta-se, pois, a tentativa por parte dos mestres em passar ensinamentos de uma Odontologia contemporânea – preventiva. A configuração do corpo docente ajuda, ainda, a entender o fato citado anteriormente, de dez ex-alunos da primeira turma terem optado em prosseguir na carreira acadêmica, talvez tenha advindo do fato de eles terem sido

influenciados pelos primeiros educadores da FOU, que instigaram neles uma vocação para a pesquisa. Destacando-se assim, uma hipótese que poderá ser confirmada e sustentada por dados empíricos trazidos por pesquisas futuras.

De acordo com Paulo César Azevedo:

Os professores nossos vieram, por exemplo, da Faculdade de Odontologia de Bauru, Araraquara, Diamantina. Veio um grupo na época através do coordenador que era o Sr. Assis Vieira da USP, e ele conseguiu congregiar vários professores na primeira e segunda turma. Então, nós tivemos um incentivo muito grande, pois eram profissionais já ligados à pesquisa e nós como estudantes saídos do colegial, achando que sabíamos alguma coisa, mas na verdade não sabíamos nada, nos sentimos estimulados quando entramos na Faculdade, pois isso foi um campo, uma visão muito grande para nós. Por isso assim que eu terminei o Curso, já procurei fazer a especialização, provavelmente, pela índole desses nossos professores (entrevista 03, em anexo).

5. Colaboração da FOU para a melhoria das condições de saúde em Uberlândia

Independente de a FOU ter sido construída para atender aos interesses sociais, políticos ou pessoais do grupo dominante uberlandense, dentre outros aspectos já citados, entre os benefícios trazidos para Uberlândia e Região, deve-se destacar a colaboração para a melhoria das condições de saúde, principalmente, da população carente, pois, conforme afirmado no exórdio desse trabalho, com a edificação da Escola de Odontologia de Uberlândia, foram desencadeadas ações socializadoras de saúde: surgimento do Hospital Odontológico, do Pronto Socorro Odontológico, dos atendimentos nos bairros, nas escolas, projetos odonto na praça, tratamento nas Unidades de Atendimento Integrado (UAI'S), nas Unidades Didáticas Avançadas (UDA'S) e, concomitante a isso tudo, o crescimento e o desenvolvimento da cidade.

Nesse sentido, pode-se traçar um paralelo com os acontecimentos analisados no breve histórico da Odontologia pátria, no qual foi relatado que, com a vinda da Corte Real portuguesa, ou seja, da categoria dominante, à época, para o Brasil, houve um incentivo ao desenvolvimento na área de saúde com o intuito de atender as necessidades da família Real, mas que, por outro lado, colaborou também, sobremaneira, para a evolução das práticas de assistência à saúde exercidas na imensidão do território brasileiro.

Analisando as ações realizadas em Uberlândia, no campo da saúde, de forma análoga, ou seja, parecida, porém interpretada inserida em um outro contexto histórico, político e temporal, é possível afirmar que, buscando concretizar seus interesses, a categoria dominante uberlandense, trouxe ainda, uma substancial colaboração para as práticas assistenciais odontológicas que começaram a ser desenvolvidas com o advento da criação da Faculdade de Odontologia de Uberlândia.

Conforme palavras de Odorico Coelho da Costa Neto:

[...] sem dúvida alguma esse crescimento que a cidade teve na década de 70, 80, quando Uberlândia ultrapassou Uberaba em todos os parâmetros de arrecadação, de população, acho que isso se deve muito aos Cursos Superiores que aqui foram implantados, e, principalmente, à Universidade Federal de Uberlândia, pois durante muito tempo essa chegou a ter um orçamento muito maior que o da Prefeitura. Em termos de construção, em termos culturais, em termos sociais e, em última instância econômica, eu acho que a Universidade contribuiu e muito para o crescimento de Uberlândia, porque ela jogava no nosso mercado uma quantidade de recursos, uma quantidade de dinheiro muito grande (entrevista 10, em anexo).

Apesar do exagero implícito na fala desse entrevistado, pode-se afirmar que a constituição da Universidade Federal de Uberlândia colaborou para a melhoria da cidade, em especial, na área da saúde bucal, devido ao sistema de fluoretação do abastecimento de água inserido com a criação da Faculdade de Odontologia e que funcionou como uma das melhores medidas preventivas para atender à população uberlandense.

Segundo Vanderlei Luiz Gomes:

Sempre nossa Faculdade teve um caráter social muito grande. Tivemos muito tempo, e ainda temos, uma grande carga horária na disciplina de Odontologia Social e Preventiva, que faz este contato com a sociedade. Portanto, a Odontologia esteve sempre próxima da sociedade, em trabalhos, em grupos escolares, em ajuda ao atender a população com a parte de cirurgia, de prótese removível por um bom período de tempo, enquanto duraram as UDA'S, a gente fazia parte da UDA'S, isso trouxe muita coisa para sociedade. A nossa turma foi no ano de 1973/1974, veio trabalhando pelo início da fluoretação da água em Uberlândia, nós participamos dos primeiros levantamentos e depois do acompanhamento desta fluoretação. Simultaneamente, a Odontologia voltada para crianças que era trabalhada nos grupos escolares (entrevista 05, em anexo).

Desta forma, pode-se observar nos relatos orais transcritos, que para os depoentes fica evidente papel social desenvolvido pela Faculdade de Odontologia de Uberlândia para a comunidade uberlandense.

Deve-se destacar, ainda, outro momento importante da criação da FOU que trouxe inúmeras melhorias para os uberlandenses carentes, a 17 de maio de 1972 em solenidade na FOU, ocorreu a assinatura do edital de concorrência pública para aquisição de aparelhagem destinada a instalar a Policlínica, cujo funcionamento estava previsto para o segundo semestre desse mesmo ano. Para Nazaré Aparecida Massariolli³³, a Policlínica de Odontologia de Uberlândia, também foi outro avanço no sistema de saúde da cidade, porquanto trouxe possibilidade de tratamento para ela, para sua mãe e seus familiares, que foram atendidos a partir do dia 21/03/1974, assim como para várias pessoas que não tinham condições de custear um tratamento particular.

Em seu depoimento, Massariolli ressalta:

³³ Paciente que foi atendida a partir do dia 21/03/1974 (declaração em anexo), (entrevista 15, em anexo).

Eu fiz obturações e canal. Acho que foi só. Mas todos os tipos de tratamento eram oferecidos pela clínica. Inclusive eu fiz peças protéticas e restaurações metálicas com ouro. O ouro era eu mesma quem levava, e eles colocavam. Fiquei satisfeita com o atendimento. Fui muito bem atendida. Correspondeu às minhas expectativas (entrevista 15, em anexo).

Após o final da entrevista, a depoente em uma conversa informal como o pesquisador, afirmou que, naquela época, trabalhava como auxiliar de dentista em um consultório particular, e, que foi seu patrão que lhe ajudou a comprar o ouro, pois naquele tempo, quando ainda era estudante e trabalhava, ela não teria condições financeiras de pagar por aquele material precioso.

Apreende-se dessa e das outras entrevistas que, a odontologia praticada pelos alunos da Policlínica da Faculdade de Odontologia ajudou algumas pessoas da comunidade que antes procuravam os dentistas práticos. Para ela:

Aqui tinha muitos dentistas que não eram formados e atuavam. Então, a população passou a freqüentar a Policlínica ao invés de procurar os dentistas não formados. Já os alunos eram bem aceitos pela sociedade (entrevista em anexo).

A depoente acrescentou, ainda, que a Faculdade de Odontologia de Uberlândia:

- Ajudou muito o pessoal da classe média e baixa, principalmente, naquela época. O tratamento era acessível. Gostei muito do tratamento que fiz. Inclusive o tenho até hoje (entrevista em anexo).

Portanto, a importância da implantação da Faculdade de Odontologia em Uberlândia não atendeu somente a interesses meramente políticos. Sabe-se que, durante o período Militar, não se realizava praticamente nenhuma ação de relevância sem o consentimento e o apoio políticos, mas, deve-se destacar que, independente dos interesses iniciais, houve uma evidente intimidação e pressão para uma maior preocupação com a questão social, que foi, aliás, um dos suportes da política realizada pelos militares, a fim de

cooptar os grupos sociais marginalizados, ou seja, conquistar a confiança e o apoio das pessoas pertencentes às categorias menos privilegiadas.

Para esclarecer a respeito da relevância dessa Faculdade de Odontologia para Uberlândia e Região, um dos entrevistados, o Sr. Rondon Pacheco, o ex-Governador e ex-Ministro chefe da Casa Civil assim se expressou:

Ah! É muito grande. Todo mundo tem dente podre. (...) Então, a gente tem que ter uma sensibilidade para as Escolas básicas e suas iniciativas. Odontologia era uma Escola muito necessária, e aconteceu que tivemos inclusive que transferir como Governador, Escolas que estavam em municípios menores também para a Universidade. Transferir uma Escola de uma cidade para outra, pois a cidade originária não tinha condições, precisava de arte e coragem para fazer um ato deste. E trouxemos outras Escolas, a Veterinária, por exemplo. E Uberlândia organizou sua pirâmide cultural que é nossa Universidade (entrevista 14, em anexo).

Ainda para Rondon Pacheco:

A Odontologia foi uma iniciativa da Assembléia Mineira do Deputado Homero Santos, sempre com a ressalva do Governador de que o Estado não tinha muitos recursos, os enteveros com o Israel Pinheiro foram muito trabalhosos no sentido de criar um precedente de Escola Superior como a Odontologia para Uberlândia. Mas deu tudo certo e a Escola foi instalada. E os fatos ajudaram, pois quando tivemos que aparelhar a Escola, eu estava como Governador e na verdade não podíamos deixar o cavalo no meio do caminho, seria uma covardia (entrevista 14, em anexo).

Desta sorte, apesar das dificuldades, a Faculdade de Odontologia foi criada com a participação das diversas categorias citadas *a priori*, a policlínica foi aparelhada com os consultórios doados pelo Governador Rondon Pacheco, e, além de fornecer subsídios para os aprendizes da Odontologia desenvolverem suas atividades práticas, já fornecia para população um *lócus* onde seriam atendidos como pacientes por estudantes com conhecimento técnico/científico acompanhado pelos professores.

Dentre outras modificações trazidas pela criação da Faculdade de Odontologia em Uberlândia deve-se realçar o entendimento do professor Odorico Coelho da Costa Neto:

A primeira coisa que veio a mudar foi a concepção da Odontologia dentro da sociedade. Então, com a Faculdade aqui a profissão Odontologia passou a ser mais valorizada. Então houve uma valorização tanto daqueles que já atuavam aqui quanto dos novos profissionais que foram ingressando no mercado de trabalho. Então, a sociedade passou a enxergar a Odontologia realmente como uma profissão da área de saúde fundamentada em princípios científicos, biológicos, e não apenas a Odontologia na função prática.

Segundo a questão da assistência Odontológica que trouxe a população. Não só o que era feito na própria Faculdade, mas ampliaram-se os serviços de Odontologia na cidade. Os serviços públicos eram muito escassos, muito pequenos, então com a Faculdade aqui, apesar de ainda hoje ser considerado insatisfatório, mas com a vinda da Faculdade, houve um aumento da oferta desses serviços à população. Na época estava começando a ter uma mudança de orientação das profissões na área da saúde, e a Odontologia estava ingressando nessa mudança. Então, até 1970, a visão das profissões na área da saúde era curativista, você trabalhava apenas em cima da doença. A partir daí, passou a mudar a concepção, passou-se a trabalhar a educação e a prevenção. Então, os primeiros problemas educativos e preventivos em Odontologia no município de Uberlândia, vieram com a Faculdade. Então, educação e prevenção começaram aqui em Uberlândia com a implantação da Faculdade porque, até então, não se falava em programas assim, só se trabalhava em cima da doença: de cárie principalmente, e, alguma coisa de doença periodontal. A doença periodontal nem era uma coisa considerada tão importante (entrevista 10, em anexo).

Foram inúmeras as contribuições trazidas com a construção da Faculdade de Odontologia de Uberlândia, visto que os formandos das primeiras turmas foram instruídos, com preceitos sob os quais a Odontologia contemporânea já estava se consolidando, ou seja, passava-se da atuação exclusivamente curativa a qual seus pilares eram a doença já instalada e suas modalidades de tratamento, para uma atuação preventiva, na qual prima-se em procurar evitar a instalação da patologia, utilizando-se de todos meios profiláticos para senão eliminá-la, ao menos reduzir sua incidência na população.

Todos esses elementos trazidos pelo entrevistado acima, consubstanciaram as estruturas básicas fornecidas para que a Escola de Odontologia tenha atingido o patamar em que se encontra atualmente.

Hoje, como parte integrante da Universidade Federal de Uberlândia, a FOUFU que começou particular, subsidiada pela Autarquia Estadual de Uberlândia, que após alguns anos ingressou para Universidade de Uberlândia, e, vindo em 1978, juntamente com outras Escolas, entra para o rol das Universidades Federais e deve ser lembrada desde sua criação, como uma “árvore” que gerou, e ainda há de gerar bons “frutos”. Demonstrando-se, portanto, que, somente com a participação de todos os setores da sociedade e com a união das mais diversas categorias, em prol de um ideal, foi possível trazer tantas melhorias para vida social de Uberlândia e Região.

Nesse sentido, destacam-se os pronunciamentos do professor Dr. Vanderlei Luiz Gomes asseverando que:

Todo o trabalho do Curso de Graduação desde os primórdios da Faculdade são trabalhos que não oneram o paciente. Ele sempre desenvolveu atividades, ou ora por conta própria Autarquia, ou depois que se tornou Universidade e depois pelo Sistema de Saúde. Um Sistema de qualidade e de preço acessível. Já chegamos a atender mais de 3000 pessoas por mês. Hoje não sei qual é a escala, mas já tivemos esse número. Hoje devemos ter em nossos arquivos mais de 100.000/110.000 mil prontuários registrados. Para uma população de 600.000 mil habitantes o arquivo da Faculdade de Odontologia ter um número tão expressivo, acho que é muito importante. É significativo. O trabalho social que a Faculdade desenvolve nos grupos escolares, junto também a programas da Prefeitura, em praças públicas, nosso trabalho de Pronto Socorro 24 horas, que é um trabalho muito bem preparado para atender ao público, que atende as urgências e as emergências. E a formação do profissional. Hoje estamos na 76ª turma, já são mais de 2800 alunos de Odontologia em Trabalho. Também não podemos esquecer da Escola Técnica, pois os Cursos formados para a Odontologia que hoje nós temos nasceram dentro do Curso de Odontologia, o Curso de Prótese, o de THD (Técnico em Higiene Dental). Ajudamos a tornar a antiga Escola técnica de Enfermagem em, hoje, a Escola Técnica de Segundo Grau da Universidade Federal de Uberlândia. Quer dizer, isso tudo trouxe um retorno para a sociedade muito forte. E a quantidade e a qualidade de profissionais que nós temos colocado no

mercado. Com formação em Odontologia. Hoje, temos sete Cursos de Especialização em várias áreas de ensino. E, de quatro anos para cá nosso Mestrado, que está sendo muito bem aceito. É um Mestrado para a formação de docentes, acadêmico. Formamos em torno de 25/28 profissionais a cada ano para o ensino de Odontologia. Isso é muito importante. Esse retorno que a Faculdade tem dado a sociedade, e ela têm nos agradecido muito quando avaliações são feitas e nós somos lembrados como uma Escola de nível (entrevista 05, em anexo).

As estatísticas relatadas pelo entrevistado podem ser confirmadas nos arquivos do Pronto Socorro Odontológico e do Hospital Odontológico da Universidade Federal de Uberlândia, ratificando a relevância e os altos índices de atendimentos oferecidos a população da cidade e região.

Endossando essa perspectiva, Alfredo Júlio Fernandes Neto em sua entrevista afirmou que:

Temos especialização em todas as áreas, e, agora já estamos na quarta turma do Mestrado, em duas áreas de concentração. Estamos aguardando este ano o Programa do Doutorado. Aí iremos fechar uma escola que nasceu no interior, particular, na época uma cidade pequena, hoje nós estamos como uma Universidade Federal, onde hoje, temos uma Escola Técnica de Saúde que formam Técnicos em Prótese Dental (THD). Quer dizer, atendemos ao ensino técnico da Odontologia, nós formamos cirurgiões-dentistas para clínico geral, acredito que muito bem, nós formamos bem especialistas, e agora vamos formar acredito que bons professores para a Odontologia já com iniciação a pesquisa. E queremos formar doutores e pesquisadores em Odontologia. Aí acho que pelo menos a minha passagem nesta Faculdade já vai estar cumprida (entrevista 06, em anexo).

De acordo com os dados apresentados por ambos os relatores, afirma-se novamente, que foram inúmeros os avanços alcançados pela Odontologia uberlandense. Nada obstante, mesmo evidenciando todos esses méritos obtidos, não se pode olvidar que a gênese da Faculdade de Odontologia de Uberlândia foi o resultado da interseção de várias “forças” e de diversos fatores, dentre eles, destacam-se:

1º) A expansão e a interiorização do Ensino Superior preconizadas pelos Políticos e/ou Militares, respondendo aos anseios da indústria carente de mão de obra qualificada, resultado da internacionalização da economia brasileira e da emergência das empresas nacionais e corporações multinacionais;

2º) a demanda de vagas nas universidades pela categoria média, a qual visualizava no Ensino Superior um caminho relativamente rápido para a ascensão social;

3º) a idealização de um grupo de pessoas da cidade de Uberlândia, as quais elegeram como projeto pessoal a criação dessa Faculdade de Odontologia, não medindo esforços para a concretização desse sonho;

4º) o apoio dos grupos dominantes, juntamente com o seletivo grupo de intelectuais, buscando formar uma pirâmide cultural, e trazer para a cidade um desenvolvimento educacional, econômico, político e social capaz de alavancar o prestígio social dessa categoria dominante local.

Outros olhares poderão, talvez, trazer alguns diferentes fatores, além desses apresentados, em virtude de ser a história uma ciência aberta, receptível e sensível a novas interpretações. Sendo assim, não se pode afirmar que se esgotaram categoricamente, com essa pesquisa, a análise das apropriações, representações e práticas sociais presentes nos acontecimentos históricos acerca da FOU.

Inúmeras outras possibilidades de interpretações, justificativas e explicações sobre a criação da Faculdade de Odontologia em Uberlândia poderão ser apresentadas, quiçá outros estudos virão. De qualquer forma, espera-se que se tenha colaborado de alguma maneira, para dar identidade aos agentes-partícipes dessa história e para os futuros trabalhos de tessitura das reminiscências e dos acontecimentos envolvendo a primeira Escola de Odontologia de Uberlândia.

Por fim, no próximo tópico, serão apresentadas as conclusões e considerações finais resultantes dessa pesquisa histórica.

4. CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste tópico final, dividido em cinco seções, apresentam-se as conclusões da pesquisa. Na seção, 4.1, retomam-se as perguntas. Na seção 4.2 são esboçadas as contribuições teóricas, metodológicas e práticas do estudo. Discute-se, na seção 4.3, as limitações do estudo, e, baseado nos resultados alcançados, apresentam-se na seção 4.4, algumas sugestões para futuras pesquisas na área. Por fim, na seção 4.5, são apresentadas as considerações finais dessa dissertação.

4.1. Retomando as perguntas que nortearam a pesquisa

Nesse estudo envolvendo a gênese da Faculdade de Odontologia de Uberlândia buscou-se interpretar as representações e práticas sociais contidas nos primeiros tempos dessa Escola Superior se orientando no paradigma da modalidade histórica interpretativa. São

apresentadas, a seguir, as conclusões do estudo, guiando-se, para tanto, pelas perguntas iniciais propostas nessa pesquisa.

a) Como se constituiu essa Escola?

Em relação à resposta para a primeira pergunta, pode-se resumir que a Escola de Odontologia de Uberlândia de 1966 a 1978, é constituída em um período em que o capitalismo monopolista já estava assentado definitivamente no país, e sob o domínio do Comando Militar, que se utilizou das estratégias de repressão e cooptação das categorias sociais, para se manter no poder.

A política desenvolvimentista praticada pelos militares orientou um movimento de expansão e interiorização do Ensino Superior. Tentando seguir essa tendência, observou-se uma união de representantes das três instâncias de poder: as esferas Federal, Estadual e Municipal, atuando juntamente com os idealistas e representantes das categorias dominantes locais uberlandenses para concretizar a Faculdade de Odontologia de Uberlândia.

b) Quem foram seus primeiros professores?

A princípio, os alunos das primeiras turmas tiveram o Curso básico ministrado na Fundação Escola de Medicina e Cirurgia com os mesmos professores do Curso de Medicina, em virtude do convênio estabelecido entre as duas Escola de Ensino Superior.

Posteriormente, a partir da terceira série, ou seja, no que se refere aos professores das disciplinas do segundo ciclo, com matérias de formação profissional, em virtude de Uberlândia, naquele momento, não possuir um número suficiente de professores capacitados para ministrar as aulas práticas, buscou-se auxílio de alguns professores que

vieram de outras cidades, tais como: Araçatuba, Ribeirão Preto, Uberaba, Araraquara, Diamantina, entre outras. Esses docentes demonstraram uma grande dedicação e esforço, pois vieram a Uberlândia ministrar aulas, às vezes, até nos finais de semana. Eram professores que, em sua instituição de origem, davam aulas no Mestrado, no Doutorado, trazendo, desta sorte, uma valorização do saber técnico-científico e da continuidade dos estudos acadêmicos para a evolução da Odontologia, influenciando, sobremaneira, a vida de alguns dos alunos das primeiras turmas, que se tornaram professores na própria instituição em que foram formados.

Finalmente, após a formatura das primeiras turmas, iniciou-se uma transição e modificação do quadro de professores da FOU, os docentes da cidade e ex-alunos assumiram os cargos que antes tinham sido preenchidos pelos educadores de outras cidades, dando maior estabilidade à equipe de tutores da Faculdade de Odontologia de Uberlândia.

Sendo assim, os primeiros professores fazem parte do grupo dos grandes responsáveis pela criação da Faculdade de Odontologia de Uberlândia, atuando como importantes atores do processo de construção dessa Instituição educacional.

c) Que saberes docentes constituíram seu *curriculum*?

Os saberes docentes que fizeram parte da construção do currículo da FOU foram divididos em dois ciclos: o básico e o profissional. Durante a primeira e segunda série, ou seja, no primeiro ciclo eram ministradas matérias básicas tentando fornecer subsídios teórico-científicos aos alunos que, após a aprovação nessas disciplinas básicas, a partir da terceira e quarta séries passavam para o ciclo profissional, no qual eram oferecidas matérias referentes às práticas profissionais específicas para atuação do cirurgião-dentista.

O departamento de matérias básicas ficou responsável pelas disciplinas de Anatomia, Histologia, Embriologia, Bioquímica, Biofísica, Fisiologia, Farmacologia, Microbiologia, Imunologia, Patologia e Anatomia Patológica.

As demais disciplinas do conteúdo de formação profissional ficaram sob a responsabilidade dos seguintes departamentos:

- 1º) Departamento de Medicina Oral, as matérias da Clínica Odontológica, Cirurgia Odontológica, Prótese e Traumatismos Maxilar-Facial;
- 2º) Departamento de Oclusão, as disciplinas de Dentística Operatória, Materiais dentários e Prótese dentária;
- 3º) Departamento de Odontologia Preventiva e Social, a Ortodontia, a Odontopediatria, a Higiene, a Odontologia Preventiva, a Odontologia Legal e a Deontologia.

d) Quem foram seus primeiros alunos?

As listas com os nomes dos primeiros alunos da Faculdade de Odontologia de Uberlândia podem ser encontradas tanto no corpo do texto, quanto nas tabelas em anexo. Porém, o relevante não são os nomes, mas o que esses alunos representaram para a criação da FOU, de acordo com os dizeres apresentados *a priori*, trazidos pelo jornal “O Triângulo”, Uberlândia, ano XLV de 9/09/1974. A esses ex-alunos [...] *devemos nossos agradecimentos pelo esforço e coragem que tiveram ao enfrentar os primeiros problemas. [...] os pioneiros de uma grande jornada [...] Deixaram rastros, e rastros fortes que jamais se apagaram!*

Sendo assim, observa-se nessa nota trazida pela imprensa uberlandense, a importância dada a esses alunos que ajudaram a enfrentar as primeiras dificuldades do Curso

de Odontologia. Eles deverão ser lembrados como pioneiros, pois fizeram parte essencial do grupo responsável pela solução dos primeiros problemas presentes na criação da FOU.

Analisando quem foram os alunos das primeiras turmas da FOU, pode-se dizer que foram estudantes que pertenciam, em sua maioria, à classe média, média baixa ou baixa, que viram a criação do Curso de Odontologia em Uberlândia, como uma oportunidade de profissão, ao alcance das possibilidades em que se encontrava cada um naquele momento.

Independente dos motivos determinantes da escolha pela Odontologia, para todos ex-alunos entrevistados ela foi essencial para a vida profissional, e, naquela época, após a formatura, tiveram uma boa impressão quanto à inserção no mercado de trabalho, pois Uberlândia e Região eram carentes em cirurgiões-dentistas.

e) Que espaço físico arquitetônico gestou a Escola de Odontologia?

Primeiramente, o espaço físico que sediou a Escola de Odontologia de Uberlândia foi o pavilhão das matérias básicas da Escola de Medicina e Cirurgia de Uberlândia, localizado no Bairro Umuarama. Conforme pode ser verificado na Figura IV, do capítulo II, o convênio formado entre essas duas Faculdades não só forneceu a estrutura físico-predial, como também sua biblioteca, seus laboratórios, seu primeiro microscópio, seu anfiteatro, suas salas de aula e seus professores.

Em 1972, com a doação do prédio da Avenida Engenheiro Diniz feita pelos Freis franciscanos, foto apresentada na Figura I, esse edifício de três andares passou a sediar a Policlínica da FOU, onde foram ministradas as primeiras aulas práticas para os alunos das turmas iniciais do Curso de Odontologia, a partir do segundo semestre desse mesmo ano.

Por fim, com a federalização em 1978, concentraram-se todos os Cursos de biomédicas no Campus Umuarama, onde a Odontologia exerceu e exerce grande número das

suas atividades docentes, contudo, o prédio da antiga Policlínica da FOU, continuou por vários anos, como sede das aulas práticas de algumas disciplinas. Atualmente, essa estrutura predial funciona como sede da reitoria da Universidade Federal de Uberlândia.

f) Quais as representações e práticas sociais em torno dessa Escola de Ensino Superior?

Foram várias as representações e práticas sociais concernentes à criação da Faculdade de Odontologia de Uberlândia, preliminarmente, significou crescimento, desenvolvimento e avanço para Uberlândia e Região. Confirmando essa idéia, tem-se no relato de Homero Santos a afirmação de que a construção da FOU representou a entrada da cidade para o seletor grupo que na época oferecia Curso Superior.

Para os idealizadores e fundadores, a edificação da Escola de Odontologia foi a concretização de um sonho. A Escola de Odontologia significou para os professores e os funcionários uma oportunidade de emprego. Para os alunos representou uma possibilidade de continuar os estudos em busca de uma profissão que lhes proporcionassem um futuro melhor.

Para os pais dos estudantes das primeiras turmas de Odontologia, houve um receio inicial pelo fato de ser um Curso novo e diferente dos Cursos ditos tradicionais, porém, depois que seus filhos ingressaram na FOU, isso se tornou motivo de orgulho e tranquilidade de terem seus descendentes estudando em uma Faculdade de Uberlândia, não precisando sair para as capitais em busca de instrução superior.

Para a população uberlandense, representou a oportunidade de receber tratamento realizado por estudantes com embasamento técnico-científico para prevenir e curar as doenças bucais.

4.2. Contribuições do estudo

Este estudo apresenta várias contribuições, não só teóricas, mas, também, metodológicas e práticas. As contribuições teóricas são apresentadas na seção 4.2.1, sendo as contribuições metodológicas apresentadas na seção 4.2.2. Na sequência, a seção 4.2.3 apresenta as contribuições práticas do estudo.

4.2.1. Contribuições teóricas

O presente estudo contribui, em primeiro lugar, para apresentar um breve histórico da Odontologia no Brasil, e, posteriormente, para incrementar as pesquisas relacionadas à história e historiografia da educação, mais especificamente, à história das instituições escolares e, finalmente, em especial, colabora para a interpretação das representações e práticas sociais acerca da gênese da Faculdade de Odontologia de Uberlândia.

A utilização das diferentes fontes impressas, orais e iconográficas, para coletar os dados possibilitando cotejá-los durante o processo de investigação, possibilitou a verificação da consistência das informações, assim como uma confrontação desses documentos, contribuindo para uma maior confiabilidade da pesquisa.

4.2.2. Contribuições metodológicas

Considera-se o formato dessa pesquisa contemporâneo e inovador uma vez que procurou aliar paradigmas historiográficos a exemplo da teoria trazida por Roger Chartier, que possibilitou interpretar as representações e práticas sociais acerca da gênese da Faculdade

de Odontologia de Uberlândia. Além disso, o estudo proposto por Justino Magalhães sugeriu que a compreensão e a explicação da existência histórica de uma instituição educativa deve ser realizada integrando-a na realidade do sistema educacional, contextualizando-a no desenvolvimento da comunidade local e regional, devendo conferir um sentido histórico ao se reescrever o trajeto da Escola em seus múltiplos viéses apresentados pela modalidade histórica interpretativa. Outro estudo importante é o apresentado por Ester Buffa e Paolo Nosella que ressalta a importância das especificidades e particularidades regionais e locais na tessitura da história, e, finalmente, a metodologia da História Oral que é apresentada neste estudo como técnica enriquecedora da historiografia contemporânea, tornando-se os relatos orais dos entrevistados uma importante ferramenta a ser utilizada, juntamente com o uso das demais fontes.

O presente estudo seguiu a tendência de inovações temáticas e paradigmáticas adotadas pela historiografia atual. Desta maneira, observa-se que se ampliaram as formas de questionar, investigar, apreender e interpretar a diversidade dos contextos históricos. Com a utilização desses novos paradigmas como referenciais teórico-metodológicos, a nova historiografia, caracterizada por uma renovação nos quadros epistemológicos e hermenêuticos, originou um alargamento das problemáticas em História da Educação, possibilitando, desta sorte, construir uma interpretação em torno da gênese da Faculdade de Odontologia de Uberlândia.

4.2.3. Contribuições práticas

O presente estudo apresenta diversas contribuições práticas e implicações para a análise e a interpretação da história da Faculdade de Odontologia de Uberlândia. Primeiramente, pode-se citar o processo e os procedimentos realizados durante a confecção da

entrevista oral, que se valeu inicialmente, da utilização das conversas informais com um dos representantes do Diretório Acadêmico Homero Santos do período delimitado, o ex-aluno Gaspar Paulino, pretendendo avaliar as reminiscências desse acadêmico para elaborar perguntas que ajudariam na composição dessa prática de releitura e reescrita do passado, de forma a trazer elementos e respostas importantes para a interpretação de como foi a criação dessa Escola de Ensino Superior.

Conforme relatado anteriormente, depois de transcrita a primeira entrevista realizada com esse ex-acadêmico, pode-se juntamente com a orientadora, elaborar algumas questões que serviram de horizonte para todas as demais entrevistas.

Importante se faz destacar que, durante o processo da gravação dos relatos orais, foi solicitado aos entrevistados que disponibilizassem seus arquivos pessoais trazendo fotos, documentos, convites de formatura e tudo aquilo que pudesse contribuir para a escrita da história da gênese da FOU.

Sendo assim, o pesquisador conseguiu a reunião de uma boa quantidade de materiais, fontes primárias e secundárias copiadas dos arquivos particulares desses agentes partícipes dos primeiros momentos da Escola de Odontologia, além daqueles anteriormente discriminados e que estão sob a guarda do Arquivo Geral da Universidade Federal de Uberlândia.

Assim, traçou-se um inventário das fontes acerca da Escola de Odontologia de Uberlândia, com o objetivo de facilitar aos futuros pesquisadores, indicando onde e como poderão encontrar importantes elementos para o processo de reconstituição da história da FOU, seja ele através da memória oral, iconográfica e/ou dos documentos escritos.

4.3. Limitações do estudo

Primeiramente, uma das limitações foi pensar que não haveria fontes acerca da história da FOU, por não existir nenhum trabalho anterior que tratasse especificamente da origem da Escola de Odontologia de Uberlândia. Porém, com o desenvolver da pesquisa empírica, observou-se que as fontes não seriam um problema, que, apesar de, na maioria das vezes, estarem arquivadas de forma desorganizadas e mal conservadas, foi possível encontrar um rico manancial de informações.

Sendo assim, descartada a primeira hipótese de dificuldades para se desenvolver a pesquisa, a maior limitação do estudo estaria relacionada à exigüidade do tempo para abarcar a riqueza de informações trazidas pelas fontes primárias, além das questões iniciais que foram respondidas no decorrer do texto. Outras foram levantadas durante o contato com as fontes na elaboração da pesquisa e não puderam ser respondidas durante esse processo dissertativo. Porém, acredita-se que essas limitações poderão ser ultrapassadas por pesquisas futuras que se utilizem dessas questões que foram apontadas de forma a desenvolver trabalhos que venham a preencher essas lacunas.

Depois de apresentar as limitações do estudo, na sequência, foram indicadas algumas sugestões para futuras pesquisas, tendo como base os resultados e os direcionamentos apontados na presente investigação.

4.4. Sugestões para futuras investigações

Algumas pesquisas poderiam ser conduzidas sob essa perspectiva integrada de investigação que considera a história como lutas de representações e práticas sociais

construída/escrita utilizando-se os múltiplos viéses trazidos pela interdisciplinaridade na tentativa de responder alguns questionamentos levantados a guisa de:

- a) Qual o perfil dos odontólogos formados pela Faculdade de Odontologia de Uberlândia?
- b) Que proposta e objetivos seguiu o plano pedagógico do Curso de Odontologia uberlandense?
- c) Existiu preocupação com pesquisa?
- d) O aluno fazia trabalho de conclusão de Curso?
- e) Para onde foram seus alunos depois de formados?
- f) Quais as trajetórias profissionais dos formandos da Escola de Odontologia de Uberlândia?
- g) Como foi a consolidação e o desenvolvimento da FOU? E outras.

Essas são algumas das indagações que justificariam a continuidade de outras pesquisas que tenham como objetivo investigar sobre o processo de criação, consolidação e desenvolvimento da Faculdade de Odontologia de Uberlândia.

4.5. Considerações finais

Acredita-se que as principais conclusões alcançadas por esse trabalho já foram explicitadas ao longo do texto. Porém, um leitor crítico poderia levantar a objeção de se tratar de uma história interpretativa, laudatória e escrita sob um viés da categoria dominante.

A história aqui apresentada, retratando a FOU dos primeiros tempos, é inegavelmente interpretativa porque, conforme afirmado anteriormente, não se almejou tecer uma história factual ou mesmo simplesmente laudatória, pois, assim, os objetivos metodológicos propostos não seriam atendidos.

Deve-se atentar que o rico manancial de fontes e documentos nos quais se baseou esse estudo não “falou” por si mesmo. Nesse sentido, procurou-se levantar questionamentos direcionados pelo objetivo geral de apreender as representações e práticas sociais constituídas durante os primeiros tempos da FOU no período delimitado, de forma que essa historiografia interpretativa não se tornasse arbitrária.

Também não se poderia afirmar que o presente estudo se trata de uma história laudatória, de um texto simplesmente simpático ao orientando, pelo fato do mesmo ter sido formado pelo objeto estudado, ou seja, pela Faculdade de Odontologia de Uberlândia. O pesquisador não negou sua empatia pela Escola estudada e tentou ir além dessa empatia. Procurou-se estabelecer questões, dúvidas e relações da Faculdade com a comunidade, significados e práticas realizadas pelos agentes da Escola de Odontologia de Uberlândia que serviram como uma grande contribuição para a cidade e Região.

A Faculdade de Odontologia de Uberlândia contribuiu para a construção de uma nova realidade social no campo da saúde bucal, colaborou com várias práticas no sentido de fornecer conhecimentos técnico-científicos aos estudiosos da Odontologia e o acesso da população aos serviços desses estudantes e profissionais.

Pode-se, ainda, criticar o trabalho realizado argumentando que somente uma minoria tem acesso a essa Faculdade de Odontologia de Uberlândia, que o Curso por ser integral, exige uma dedicação quase exclusiva, excluindo a maioria das pessoas que necessitam de trabalhar para sobreviver. Pode-se afirmar também, que a quantidade de vagas disponíveis é pequena e que o concurso vestibular para essa área é difícil, eliminando, assim, a possibilidade de ingresso de um expressivo número de alunos.

Contudo, entende-se que, independente dos interesses que essa Faculdade veio a atender, no período estudado, sejam eles políticos, sociais, particulares ou das categorias dominantes, deve-se evidenciar a seriedade do ensino praticado por essa instituição e as

consequências sociais trazidas por meio de benefícios à sociedade de Uberlândia e Região, na formação de dentistas para suprir a carência desses profissionais da saúde.

Por fim, ao analisar quem foram os primeiros alunos da FOU, revelou-se que a origem social deles não é propriamente das categorias abastadas, percebeu-se a presença de alunos provenientes das classes média, média baixa e pobre, que viram a criação da Escola de Odontologia em Uberlândia, como uma oportunidade única de ter uma profissão, para que, por meio do trabalho, alcançassem um futuro melhor.

Portanto, a interpretação realizada neste trabalho não reflete somente as representações e práticas sociais das categorias dominantes, mas trouxe também como contribuição a existência das “múltiplas Uberlândias” e, por meio da apresentação da visão dos agentes partícipes entrevistados, ocasionou a possibilidade da reconstrução histórica enriquecida pela memória dos grupos sociais discriminados, abrindo espaços para outras “vozes”, ampliando as possibilidades de novas interpretações históricas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, José Carlos Souza, GATTI JÚNIOR, Décio. **Novos temas em História da Educação Brasileira:** instituições escolares e educação na imprensa. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2002. 225 p. (Coleção Memória da Educação).

ARAÚJO, Lucinete Marlúcia Vitor. **Representações sociais na gênese da Escola de Engenharia de Uberlândia: 1961-1969.** Dissertação de Mestrado. Uberlândia: Centro Universitário do Triângulo - UNIT, 2003.

ALTAFIN, Juarez. **Primeiros tempos: depoimentos sobre pessoas e fatos do início da Universidade Federal de Uberlândia.** Uberlândia: UFU, 1997. 154p. il.

AUTARQUIA EDUCACIONAL DE UBERLÂNDIA. **Comissão preparatória para a instalação da Faculdade de Odontologia da Autarquia Educacional de Uberlândia.** *Ata da sessão realizada no dia 10 de outubro. 1966.* Uberlândia, 1966. Livro 1, p.2.

AZANHA, Gilberto. **Senhores destas terras: os povos indígenas no Brasil: da colônia aos nossos dias.** São Paulo. Ed. Atual, 1992. 82 p.

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira.** 4 ed. Revista e ampliada. Brasília. Editora da UnB, 1963.

BERGER, Peter L.; BERGER, Brigitte. O que é uma instituição escolar? In: FORACHI, Marialice Mencarini; MARTINS, José de Souza. **Sociologia e sociedade:** leituras de introdução à Sociologia. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1981. p. 193-199.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar:** a aventura da modernidade. Trad. Carlos Felipe Moisés. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BORGES, Vera Lúcia Abrão. **A instrução pública na fala da elite: Modernização, republicanismo e ensino primário – Brasil e Minas Gerais 1892 – 1898.** Tese de doutorado, São Paulo: PUC, 1998.

BOUDON, Raymond; BOURICAUD, François. Instituições (verbetes). In: **Dicionário crítico de Sociologia.** 2. ed. São Paulo: Ática, 2000. p. 300-307.

BRASIL. Decreto nº1270, de 10 de janeiro de 1891. Dispõe sobre a reorganização das Faculdades de Medicinas dos Estados Unidos do Brasil. Disponível em: <<https://legislacao.planalto.gov.br/legislacao/nsf/fraWeb?OpenFrameSet&Frame=frmWeb2&Src=%2Flegislacao/nsf%2FpagInicio%3FOpenPage%26AutoFramed>>. Acesso em: 15/03/2005.

BRASIL. Decreto n.º 3902, de 12 de janeiro de 1901. Dispõe sobre a aprovação do regulamento das Faculdades de Medicina. Disponível em: <<https://legislacao.planalto.gov.br/legislacao/nsf/fraWeb?OpenFrameSet&Frame=frmWeb2&Src=%2Flegislacao/nsf%2FpagInicio%3FOpenPage%26AutoFramed>>. Acesso em: 15/03/2005.

BRASIL. Decreto n.º 8661, de 05 de abril de 1911. Dispõe sobre a aprovação do Regulamento das Faculdades de Medicina. Disponível em: <<https://legislacao.planalto.gov.br/legislacao.nsf/fraWeb?OpenFrameSet&Frame=frmWeb2&Src=%2Flegislacao.nsf%2FpagInicio%3FOpenPage%26AutoFramed>>. Acesso em: 15/03/2005.

BRASIL. Decreto n.º 11.530 de 18 de março de 1915. Dispõe sobre a reorganização do ensino secundário e superior na República. Disponível em: <<https://legislacao.planalto.gov.br/legislacao.nsf/fraWeb?OpenFrameSet&Frame=frmWeb2&Src=%2Flegislacao.nsf%2FpagInicio%3FOpenPage%26AutoFramed>>. Acesso em: 15/03/2005.

BRASIL. Lei n.º 1314 de 17 de janeiro de 1951. Dispõe sobre a regulamentação do exercício profissional dos cirurgiões dentistas. Disponível em: <<https://legislacao.planalto.gov.br/legislacao.nsf/fraWeb?OpenFrameSet&Frame=frmWeb2&Src=%2Flegislacao.nsf%2FpagInicio%3FOpenPage%26AutoFramed>>. Acesso em: 15/03/2005.

BRASIL. Lei n.º 3062 de 22 de dezembro de 1956. Dispõe sobre o desdobramento do atual serviço nacional de fiscalização da medicina em serviço nacional de fiscalização da medicina e farmácia e serviço nacional de fiscalização da odontologia, e dá outras providências. Disponível em: <<https://legislacao.planalto.gov.br/legislacao.nsf/fraWeb?OpenFrameSet&Frame=frmWeb2&Src=%2Flegislacao.nsf%2FpagInicio%3FOpenPage%26AutoFramed>>. Acesso em: 15/03/2005.

BRASIL. Decreto n.º 16782-A de 13 de janeiro de 1925. Estabelece o concurso da União para a difusão do ensino primário, organiza o Departamento Nacional do Ensino, reforma o ensino secundário e o superior e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/internet/infdoc/novoconteudo/legislacao/república/Leis1925v2-772p/L1925-01.pdf>>. Acesso em: 19/03/2005.

BRASIL. Lei 4324 de 14 de abril de 1964. Institui o Conselho Federal e Regional de Odontologia.

BRASIL. Decreto lei 8024 de 12 de março de 1881. Estabelece a regularização dos requisitos necessários para aprovação de medicina.

BRASIL. Decreto lei 1731 de 28 de agosto de 1911. Estabelece que algumas escolas de odontologia fossem equiparadas às faculdades oficiais.

BRASIL. Decreto lei 20 862 de 28 de dezembro de 1931. Regula o exercício de odontologia pelos dentistas práticos.

BRASIL. Decreto lei 39 de 03 de setembro de 1934. Estabelece a aprovação do Estatuto da Universidade de São Paulo.

BRASIL. Decreto lei 2167 de 16 de maio de 1935. Estabelece que a faculdade de farmácia e odontologia passaria a fazer parte da Universidade de Minas Gerais que teve aprovação dos seus estatutos.

BRASIL. Decreto 66610 de 21 de maio de 1970. Estabelece a permissão legal para funcionamento da Faculdade de Odontologia de Uberlândia.

BRASIL. Resolução nº 4 CFE de 03 de setembro de 1982. Estabelece as diretrizes legais da estrutura curricular mínima exigida para os cursos de odontologia.

BRASIL. Decreto-lei nº 598 de 14 de setembro de 1850. Concede ao Ministério do Império um crédito extraordinário de duzentos contos para ser exclusivamente despendido no começo de trabalhos, que tendão a melhorar o estado sanitário da capital e de outras províncias do Império. Disponível em:

<[http://www.camara.gov.br/Internet/InfDoc/Conteudo/Colecoes/Legislacao/leis1882_v1%20\(1076p\)/pdf02.pdf](http://www.camara.gov.br/Internet/InfDoc/Conteudo/Colecoes/Legislacao/leis1882_v1%20(1076p)/pdf02.pdf)>. Acesso em: 19/03/2005.

BRASIL. Lei nº 3141 de 30 de outubro de 1882. Fixa a despesa geral do Império para os exercícios de 1882-1883 e 1883-1884, e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.camara.gov.br/Internet/InfDoc/Conteudo/Colecoes/Legislacao/leis1882_v1%20\(1076p\)/pdf02.pdf](http://www.camara.gov.br/Internet/InfDoc/Conteudo/Colecoes/Legislacao/leis1882_v1%20(1076p)/pdf02.pdf)> Acesso em: 19/03/2005.

BRASIL. Decreto nº 9311 de 25 de outubro de 1884. Dá novos estatutos as Faculdades de Medicina. Disponível em:

<<http://www.camara.gov.br/Internet/InfDoc/Conteudo/Colecoes/Legislacao/leis1884v1/pdf03.pdf>>. Acesso em: 19/03/2005.

BRITTO, Abelardo de. **A Odontologia através da Legislação Federal**. Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1940.

BRASIL, Leis, Decretos etc. Constituição Política do Império do Brasil. Jurada em 24 de março de 1824. in SILVA, Helio - **As Constituições Brasileiras**. Rio de Janeiro Ed. Globo, 1985.

BRANDÃO, Zaia. **A Historiografia da Educação na Encruzilhada**. In: SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís (orgs.). História e História da Educação. São Paulo: Autores Associados/ HISTEDBR, 1998. p. 100-114.

BUFFA, Ester. **Contribuição da História para o enfrentamento dos problemas educacionais contemporâneos**. EM ABERTO. Brasília, v.9, n. 47, jul./dez., 1990. p. 13-19.

BUFFA, Ester e NOSELLA, Paolo. **Schola Mater: A Antiga Escola Normal (1911-1933)**. São Carlos: UFSCar, 1996.

_____. **Industrialização e educação: a Escola Profissional de São Carlos, 1932-1971**. São Carlos: UFSCar, 1998.

_____. **Universidade de São Paulo: Escola de Engenharia de São Carlos; os primeiros tempos: 1948-1971**. São Carlos: UFSCar, 2000.

BUNTINO, Russel W. **The story of dental caries**. Ann Arbor, Qverbeck, 1953.

BURKE, Peter. **Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro** In: BURKE, Peter (org). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo, Editora da Unesp. 1992.

CAETANO, Coraly Gará. DIB, Mirian Michel Cury (eds.) **A UFU no imaginário social**. Uberlândia: EDUFU, 1988. 588 p.

CAMPOS, Roberto de Oliveira. **A Lanterna na popa: memórias**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1994. 1417 p.

CARVALHO, I. **Padre Bolão**. Entrevistadora: Leuliana Helena Soares. Uberlândia, 10 de fevereiro, 2002. Entrevista concedida na Diocese de Uberlândia.

CARVALHO FILHO, José dos Santos. **Manual de Direito Administrativo**. 11ª Edição. 2004.

CHARTIER, Roger. **A história cultural : entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, S.A. 1990.

_____. **O mundo como representação**. Texto publicado com permissão da revista dos *Annales* (nov-dez, 1989, Nº. 6, pp. 1505-1520). Tradução de Andréa Daher e Zenir Campos Reis. *Estudos Avançados* 11 (5), 1991.

COSTA, Alfredo de Araújo Lopes da. **Direito profissional do cirurgião-dentista**. São Paulo, Acadêmica, 1928.

COSTA, Ivan Miguel. Editorial. In: **10 anos de ensino e participação**. Odontologia, UFU. Uberlândia: Gráfica da Universidade, 1980.

CONSTITUIÇÃO. **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil**. Promulgada em 24 de fevereiro de 1891.

CRISE na Autarquia Educacional: demissão. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 24/25 set. 1968.

CUNHA, Ernesto de Mello Salles. A evolução da Odontologia no Brasil: Memória histórica. In: **Atas e Trabalhos do Terceiro Congresso Odontológico Latino Americano**, vol III. Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1931.

_____. **História da Odontologia no Brasil**. Rio de Janeiro, 1952.

CUNHA, Luiz Antonio. **A universidade crítica**. Rio de Janeiro. F. Alves, 1983, 260 pp.

_____. **Qual a universidade?** São Paulo, Cortez/ Autores Associados, 1989, 87 pp.

_____. Prefácio. YAZBECK. **As origens da Universidade de Juiz de Fora**. Juiz de Fora: UFJF, 1999.

_____. **A universidade reformada, o golpe de 1964 e a modernização do ensino superior**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988, 333 pp.

_____. **“Roda Viva”** In: CUNHA, Luiz Antonio e GÓES, Moacyr de. O golpe na educação. Rio de Janeiro, Zahar, 1985, pp.35-81.

D'ARAUJO, Maria Celina & CASTRO, Celso. **Ernesto Geisel**. 4 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

DEBRET, Jean Baptiste. **1768-1848. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. Tomo I. volumes I e II / Tradução e notas de Sérgio Milliet/ apresentação de M. G. Ferri – Belo Horizonte: Ed. Itatiaia Limitada; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

DECCA, Edgar Salvadori de. **Narrativa e História**. In: SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís (orgs.). *História e História da Educação: o debate teórico-metodológico atual*. São Paulo: HISTEDBR; Autores Associados, 1998. p. 25-49.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. **Algumas reflexões sobre a Pesquisa Histórico-Sociológica tendo como objeto a Educação da população brasileira**. In: SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís (orgs.). *História e História da Educação: o debate teórico-metodológico atual*. São Paulo: HISTEDBR; Autores Associados, 1998. p. 65-78.

FÁVERO, Flaminio. **Medicina Legal**. 10ª ed. 2o vol. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Martins, 1975.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Educação no Brasil anos 60: o pacto do silêncio**. São Paulo. Ed. Loyola, 1985. 126 p.

FERNANDES, Maria Dolores Sanches. **As origens do curso de Pedagogia: um capítulo do ensino superior em Uberlândia, Minas Gerais (1957-1963)**. Dissertação de Mestrado. Uberlândia: Centro Universitário do Triângulo - UNIT, 2003.

FIGUEIREDO, L. A. **A Faculdade de Odontologia de Uberlândia**. Entrevistadores: C. G. Caetano e M.M.C. Dib. Uberlândia. 1988(A UFU no imaginário social) p.74.

FORTUNA, Anselmo de Abrantes. **A Odontologia no Plano Federal**. Brasília, Imp. Nacional, 1968.

GARAY, Lucia. A questão institucional da educação e as escolas: conceito e reflexões. In: BUTELMAN, Ida (org.). **Pensando as instituições: teorias e práticas em educação**. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 109-136.

GARCIA, Durval. Entrevista. **A UFU no imaginário social**. Uberlândia, MG, 1988. p.10.

GATTI JÚNIOR, Décio. Apontamento sobre a pesquisa histórico-educacional no campo das instituições escolares. In: **Cadernos de História da Educação**. v. 1. n. 1. jan/dez. 2002.

_____. **Reflexões teóricas sobre a história das instituições educacionais**. Revista Ícone. Uberlândia: UNIT, v. 6, n. 2, jul-dez, 2000. p. 131-147.

GATTI JÚNIOR, Décio; INÁCIO FILHO, Geraldo; ARAUJO, José Carlos Souza & GONÇALVES NETO, Wenceslau. **História e memória educacional: a construção de uma história das instituições educativas brasileiras**. 1996, (mimeo).

GERMANO, José Wellington. **Estado militar e educação no Brasil (1964-1985)**. São Paulo: Cortez, 1993.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOMES, Aguinaldo Rodrigues; WARPECHOWSKI, Eduardo Moraes; SOUSA NETTO, Miguel Rodrigues (Orgs.) **Fragmentos imagens memórias: 25 anos de federalização da Universidade Federal de Uberlândia**. Uberlândia: EDUFU, 2003.

INÁCIO FILHO, Geraldo. **A monografia nos cursos de graduação**. 3.ed. Uberlândia: EDUFU, 2003.

KRAMER, Sonia. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. Rio de Janeiro. Ed. Achiamé, 1982. 131 p.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **História e memória**. Campinas. Ed. Unicamp, 1990.

LEITE, Valdemar da Graça. **Odontologia Legal**. Bahia, Era Nova, 1962.

LEMME, Paschoal. **Problemas brasileiros de educação**. Rio de Janeiro. Editorial Vitória, 1992. 189 p.

LEMONS, Cristiane Lopes Simão. **Saberes e práticas curriculares: um estudo do curso de odontologia da Universidade Federal de Uberlândia**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Educação. Uberlândia. 2003.

LERMAN, Salvador. **Historia de la Odontologia ya su ejercicio legal**. Buenos Aires, El Ateneo, 1964.

LIMA, Sandra Cristina Fagundes de. **Memória de si, história dos outros: Jerônimo Arantes, educação, história e política em Uberlândia nos anos de 1919 a 1961**. Tese (doutorado) Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 2004.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Uma contribuição da História para uma história da Educação**. EM ABERTO. Brasília, v.9, n. 47, jul./dez., 1990. p. 29-35.

LOURO, Guacira Lopes. **A História (Oral) da Educação: algumas reflexões**. EM ABERTO. Brasília, v.9, n. 47, jul./dez., 1990. p. 21-28.

LUFKIN, Arthur Ward. **A History of Dentistry**. 2ª ed. Filadelfia, Lea & Febiger, 1945.

LUKAS, Georg. **Ontologia do ser social**. São Paulo, Ciências Humanas, 1979, vol. 2.

MANACORDA, Mário A. **História da educação: da antiguidade aos nossos dias**. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1989, 382 pp.

MAGALHÃES, Justino. **Um apontamento metodológico sobre a história das instituições educativas**. In: SOUZA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denice Barbosa. (Org.). **Práticas educativas, culturais e escolares**. São Paulo: Escrituras, 1998. pp. 51-69.

_____. **Contributo para a história das instituições educativas - entre a memória e o arquivo.** Portugal/Braga: Universidade do Minho (mimeo). 1996.

_____. **Contributo para história das instituições educativas: entre a memória e o arquivo.** In: FERNANDES, Rogério; MAGALHÃES, Justino (orgs.). **Para a história do ensino liceal em Portugal: actas do colóquio do I centenário da reforma de Jaime Moniz (1894-1895).** Braga: Universidade do Minho, 1999. p. 63-67.

MANN, Horace. **A Educação dos homens livres.** Tradução de E. Jacy Monteiro. São Paulo: IBRASA, 1963.

MINAS GERAIS. Lei nº 4257 de 27 de setembro de 1966. Cria uma Autarquia Educacional na cidade de Uberlândia. **Diário do Executivo**, Minas Gerais, Belo Horizonte, n.7, 28 de setembro de 1966.

NÓVOA, Antônio. **Inovação e história da educação.** In: Revista Teoria & Ação, 6, 1992.

NUNES, Clarice. **História da educação: espaço de desejo.** In: EM ABERTO. Brasília, v.9, n. 47, jul./dez., 1990. p. 37-45.

ODONTOLOGIA talvez não funcione em 1969. **Correio de Uberlândia**, 10/11 de novembro de 1968. p.1.

_____. Formou ontem 42 Dentistas: primeira turma. **O Triângulo**, Uberlândia, Ano XLV, 9 de fevereiro de 1974.

_____. Relação de representantes e das cidades retirada do **Jornal do CRO-MG – FEVEREIRO –2005.** p.2

PATTO, Maria Helena. **Introdução a psicologia escolar.** São Paulo. 2 ed. Quatro. 1991. 430 p.

PRINZ, Hermann. **Dental Chronology: A record of the more important historic events in the evolution of dentistry.** Filadélfia, Lea & Febiger, 1945.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente.** In : Projeto História : cultura e representação. São Paulo: Educ, (14), Fev. 1997. pp. 25-39.

REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario. **História da filosofia: do romantismo até nossos dias.** São Paulo: Edições Paulinas, 1991. pp. 829-836.

REIS, Simone Maria de Ávila Silva. **O desenvolvimento da disciplina de clínica integrada da Faculdade de Odontologia da UFU (FOUFU) e sua contribuição para a integração do ensino odontológico.** Dissertação de Mestrado. Uberlândia: Centro Universitário do Triângulo - UNIT, 2002.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **Introdução à História da Educação Brasileira.** São Paulo: Cortez e Moraes, 1978. (Coleção Educação Universitária)

RIBEIRO, Sergio Costa. **A educação e a inserção do Brasil na modernidade.** Brasília. 1992.

RIBEIRO, E. **A Construção da Universidade Federal de Uberlândia e suas articulações com a Educação Fundamental, através das Memórias de seus atores.** São Paulo, Dissertação (Mestrado), PUC. São Paulo, 1995.

ROMANELLI, Otaísa de Oliveira . **História da educação no Brasil.** Petrópolis, Vozes. 1995.

SAIU decreto aprovando estatutos da autarquia. **Correio de Uberlândia.** Uberlândia, 19 de janeiro de 1968. p.1.

SALAZAR, Aparecida Portilho. **Projeto Conte Comigo.** Uberlândia. Eduf. 1995.

SAMICO, Armando. **A profissão odontológica no Brasil: Comentários à legislação vigente.** Recife, Trab. ainda não publicado, 1992.

_____. **Aspectos da história da Odontologia Legal.** II Congresso Brasileiro de História da Medicina e Ciências Afins. Recife, 1953. Pern. Odont., 6 (3): 8-40, 1953.

SAVIANI, Dermeval. **O debate teórico-metodológico no Campo da História e sua Importância para a pesquisa educacional.** In: SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís (orgs.). **História e História da Educação: o debate teórico-metodológico atual.** São Paulo: HISTEDBR; Autores Associados, 1998. p. 7-15.

SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís (orgs.). **História e História da Educação: o debate teórico-metodológico atual.** São Paulo: HISTEDBR; Autores Associados,

SILVA. Moacyr. **Compêndio de Odontologia Legal.** Rio de Janeiro, Medsi, 1997.

SOUZA, Jos, Alves de. **A Universidade e o ensino da Odontologia no Brasil.** In: Rev. Bras.Odontol; 39(5): 41-44, set-out.1982.

TAMBARA, Elomar. **Problemas teórico-metodológicos da História da Educação.** In: SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís (orgs.). **História e História da Educação: o debate teórico-metodológico atual.** São Paulo: HISTEDBR; Autores Associados, 1998. p. 79-87.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** Rio de janeiro: Paz e terra. 1998.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. **Faculdade de Odontologia. Projeto conte comigo.** Universidade Federal de Uberlândia. Odontologia. Uberlândia: Imprensa Universitária da UFU, 1995.

_____. **Odontologia 10 anos de ensino e participação.** Uberlândia. 1980.

_____. **Regimento Interno da Faculdade de Odontologia da AEU,** 1970. p.2.

VIEIRA FILHO, Geraldo. **O ensino superior no município de Uberlândia – 1957-1978: o papel das lideranças locais e do Governo Federal.** Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1993.

VON SIMSON, O. R. de M. **Laboratório de História Oral**. Centro de Memória da Unicamp, DECISAE – Faculdade de Educação, Campinas Unicamp. 2004.

WARDE, Mirian Jorge. **Contribuições da História para a educação**. EM ABERTO. Brasília, v.9, n. 47, jul./dez., 1990. p. 3-11.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro, Zahar. 1979.

_____. **Cultura**. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1992.

_____. **Questões teóricas e de método: a histórias da educação nos marcos de uma história das disciplinas**. In: SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís (orgs.). *História e História da Educação*. São Paulo: Autores Associados/ HISTEDBR, 1998. p. 88-99.

XAVIER, Maria Elizabeth Sampaio P. **Poder político e educação da elite**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1980.

ANEXOS: FIGURAS, TABELAS, ENTREVISTAS E DOCUMENTOS

FIGURA I. Foto da fachada do prédio situado na Avenida Engenheiro Diniz, nº. 1178, antiga Policlínica da Odontologia e atual reitoria da Universidade Federal de Uberlândia, copiada do Jornal “Correio de Uberlândia” de 10 de outubro de 1975, nº. 12.545, ilustrando a reportagem intitulada: *Reconhecida pelo presidente Geisel a Faculdade de Odontologia da Universidade de Uberlândia*.

FIGURA II. Foto “Boutique de Barbier” copiada do livro de Jean Baptiste Debret. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil. Tomo I. Vol. I. Editora da Universidade de São Paulo. 1978. p.212.

FIGURA III. Foto do momento da assinatura do convênio entre a Faculdade de Medicina de Uberlândia e a Faculdade de Odontologia de Uberlândia. A 30 de dezembro de 1969.

FIGURA IV. Foto da estrutura fornecida pelo convênio entre a Faculdade de Medicina e a FOU, datada de janeiro de 1970.

FIGURA V. Organograma copiado do Arquivo Geral da UFU, com data de referência: 1970.

TABELAS

TABELA - I: Componentes das Gestões Administrativas da Escola de Odontologia (1970-1978).

TABELA – II: Relação dos alunos graduados pela FOU, e dos docentes formados por ela de 1973 A 1978.

TABELA – III: REITORES E VICE-REITORES DA UNIVERSIDADE DE UBERLÂNDIA (1969-1978)

TABELA VI – RELAÇÃO DE ALUNOS DA FOU - **TURMA DE 1973**

TABELA V – RELAÇÃO DE ALUNOS DA FOU - **TURMA DE 1974**

TABELA VI – RELAÇÃO DE ALUNOS DA FOU - **TURMA DE 1975**

TABELA VII – RELAÇÃO DE ALUNOS DA FOU - **TURMA DE 1976**

TABELA VIII – RELAÇÃO DE ALUNOS DA FOU - **TURMA DE 1977**

TABELA IX – RELAÇÃO DE ALUNOS DA FACULDADE DE ODONTOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - **TURMA DE 1978**

ENTREVISTAS

ANEXO I- Entrevista 01- Gaspar Paulino ex-aluno da turma de 1975.

ANEXO II- Entrevista 02- Ministro Homero Santos ex-vice-presidente do TCU.

ANEXO III- Entrevista 03- Paulo César Azevedo ex-aluno da turma de 1973.

ANEXO IV- Entrevista 04- Wanderley Alves Ribeiro ex-aluno da turma de 1975.

ANEXO V- Entrevista 05- Vanderlei Luiz Gomes ex-aluno da turma de 1975.

ANEXO VI- Entrevista 06- Alfredo Júlio Fernandes Neto ex-aluno da turma de 1975.

ANEXO VII- Entrevista 07- Ailton Amado ex-aluno da turma de 1974.

ANEXO VIII- Entrevista 08- Antônio Mário Buso ex-aluno da turma de 1973.

ANEXO IX- Entrevista 09- Gildésio Rezende Alvarenga ex-aluno da turma de 1978.

ANEXO X- Entrevista 10- Odorico Coelho da Costa Neto ex-aluno da turma de 1974.

ANEXO XI- Entrevista 11- Rosa Maria Domiciano Vidal funcionária FOUFU.

ANEXO XII- Entrevista 12- Abigail Maria da Silva funcionária FOUFU

ANEXO XIII- Entrevista 13- Juarez Altafin ex-reitor UnU.

ANEXO XIV- Entrevista 14- Rondon Pacheco ex-governador de Minas Gerais.

ANEXO XV- Entrevista 15- Nazaré Aparecida Massariolli ex-paciente da Policlínica da FOU.

ANEXO XVI - Questionário Semi-estruturado norteador das entrevistas realizadas.

DOCUMENTOS

DOCUMENTO I - Memorando nº. 421, de 31 de maio de 1973 do Reitor da Universidade de Uberlândia para o Diretor da Faculdade de Odontologia. Dr. Laerte Alvarenga de Figueiredo. Assunto: faz solicitação.

DOCUMENTO II – Memorando nº. 608, de 27 de agosto de 1973 do Reitor da Universidade de Uberlândia para o Diretor. Laerte Alvarenga de Figueiredo. Assunto: Faz comunicações.

DOCUMENTO III – Memorando nº.92/73/Sigiloso, de 13 de fevereiro de 1973 do Reitor da Universidade de Uberlândia para o Diretor Laerte Alvarenga de Figueiredo.

Declaração - Atestado de comparecimento da paciente Nazaré Aparecida Massariolli na Policlínica da FOU na condição de paciente para fins de abono de faltas escolares.

TABELA – III REITORES E VICE-REITORES DA UNIVERSIDADE DE UBERLÂNDIA (1969-1978)

REITORES	VICE-REITORES
Genésio de Melo Pereira (1969)	
Domingos Pimentel de Ulhôa (1970-19710)	Juarez Altafin
Juarez Altafin (1975-1976)	Ilar Garotti
José de Paulo Carvalho (Pro-Tempore 1975-1976)	
Gladstone Rodrigues da Cunha Filho (1976-1980)	Antonio Martins da Silva Junior

- Dados coletados do Arquivo Geral da Universidade Federal de Uberlândia confrontados com as informações contidas no Projeto Conte Comigo. (SALAZAR . 1995).

O CENTRO DE CIÊNCIAS BIOMÉDICAS (CEBIM) NOS ANOS de (1978-1980) TEVE COMO DIRETOR: Arnaldo Godoy de Souza e VICE-DIRETOR: Wilson Ferreira

TABELA IV – RELAÇÃO DE ALUNOS DA FACULDADE DE ODONTOLOGIA DE
UBERLÂNDIA - **TURMA DE 1973**

ALUNOS GRADUADOS PELA FOU E A RELAÇÃO DOS PÓS-GRADUADOS COM AS
RESPECTIVAS ESPECIALIDADES E AS DESIGNAÇÕES DAS ÁREAS DE ATUAÇÃO
LABORAL DOS EGRESSOS DO CURSO DE ODONTOLOGIA

NOME	PÓS-GRADUAÇÃO (IES –ÁREA)	ATUAÇÃO
01- Abelardo Henrique Testa		1-Agropecuarista-Fazenda Eldorado Udi-MG. Fazenda Kalaka Paracatu-MG
02- Abrahão José Mine		
03- Arberto Magno Ribeiro de Paiva		
04- Alfredo Julio de Oliveira		
05- Ana Maria Lisboa Silva e Dias Ferreira		
06- Antonio Ferreira de Melo		
07- Antonio Mario Buso	Especialização: metodologia do ensino superior IES: PUC/MG, BH/MG-1979	Professor Titular UFU/MG, Consultório particular – periodontia – UDI/MG
08- Arnaldo Queiroz Machado	Especialização: Prótese Dental IES: UFU-1985	Consultório Particular Araguari/MG
09- Byron Lacerda	Especialização: metodologia do ensino superior PUC/MG-BH/MG-1979	Professor titular UFU, Consultório particular
10- Carlos Antonio Colmanetti		
11- Célia Regina de Souza		
12- Consuelo Fátima Pelizzard		
13- Edio Elias Borges		
14- Edison Vieira da Costa Júnior *	* Divergência de dados	
15- Edisonina Vieira Vaz		Consultório Particular UDI/MG

16- Eduardo Borges de Rezende		
17- Elcio de Freitas Pedrosa		
18- Eneida Marques de Andrade		Consultório Particular UDI/MG
19- Fausto Borges Campos	Estágio: Cirurgia Buço-maxilo-facial IES: USP/SP-1976-1977 Especialização: Metodologia do ensino superior Universidade Estadual de Londrina/PR-1981 Especialização: Cirurgia e traumatologia buço-maxilo-facial pela Universidade Federal de Pelotas – RS-1982	Professor titular UFU/MG, Consultório Particular
20- Ione Rodrigues Vieira		
21- João Vieira da Costa Neto		
22- Jorge Cunha		
23- José Antonio Lobato		Consultório Particular UDI/MG
24- José Rubens Bernardes Coelho		
25- José Vanderlei de Almeida	Especialização: Metodologia do ensino superior IES: PUC/MG – BH/MG-1979 Especialização: Prótese Dental UFU/MG 1985 Mestrado em Dentística Restauradora USP/ BAURU 1984 Doutorado em Dentística Restauradora USP/ BAURU-1991	Professor Titular UFU/MG Consultório Particular UDI/MG
26- Lourdes Maria de Sousa	Especialização: Endodontia IES: Policlínica do Rio de Janeiro	Consultório Particular UDI/MG
27- Luis Umberto de Oliveira	Mestrado: Diagnóstico Oral IES: USP/ BAURU/SP 1981	UFU/ UDI/MG Professor Titular Vice-Chefe do departamento de Odontologia Social e preventiva 1980/1981
28- Luiz Mario Guimarães Gonçalves	Especialização: Odontopediatria IES: USP/ BAURU/SP-1974	Professor Titular UFU/MG Coordenador do Curso de Odontologia- 1980/1981

	Especialização: Administração Universitária IES.: Centre HEC-ISA- FRANÇA/UFU-UDI/MG 1987	Diretor do Centro de Ciências Biomédicas- 1984/1988 Vice-Reitor- 1984-1988 Reitor Pro-Tempore- 1992 Diretor Geral da Unidade Hospitalar Odontológica a partir de 1992
29- Marcelino Mendes Rezende		
30- Marcus Alves da Rocha	Especialização: Semiologia IES.: USP/SP-1980	Professor Titular UFU/MG Chefe do Setor de Diagnóstico Estomatológico a partir de 1995
31- Maria Espedita Resende		Consultório Particular UDI/MG
32- Maria Francelina de Barcelos		Consultório Particular Campina Verde/ MG
33- Mario Francisco Pereira		
34- Milton Alves Cardoso		
35- Neusa Maria dos Anjos	Especialização: Endodontia IES.: Faculdade de Odontologia de Araraquara/SP-1975 Mestrado: Endodontia IES.: USP/ BAURU-1984	Professora Titular UFU/MG Consultório Particular UDI/MG
36- Paulo César Azevedo	Mestrado: Endodontia USP/BAURU/SP-1984	Professor Titular UFU/MG Consultório Particular UDI/MG
37- Paulo Ferreira Rangel		Consultório Particular UDI/MG
38- Paulo Sergio de Carvalho		
39- Rachel Kobal		
40- Regina Maria Tolesano	Especialização: Odontopediatria IES.: USP/SP-1975 Mestrado: Odontologia Social IES.: Universidade do Rio Grande do Sul – Porto Alegre- RS-1986	Professora Titular UFU/MG
41- Ronan Correa Neves		
42- Shirley Cecin de Castro		

TABELA V – RELAÇÃO DE ALUNOS DA FACULDADE DE ODONTOLOGIA DE UBERLÂNDIA - **TURMA DE 1974**

ALUNOS GRADUADOS PELA FOU E A RELAÇÃO DOS PÓS-GRADUADOS COM AS RESPECTIVAS ESPECIALIDADES E AS DESIGNAÇÕES DAS ÁREAS DE ATUAÇÃO LABORAL DOS EGRESSOS DO CURSO DE ODONTOLOGIA

NOME	PÓS-GRADUAÇÃO (IES –ÁREA)	ATUAÇÃO
01- Adair Alves Teixeira		Cirurgião-Dentista UFU/MG Consultório particular UDI/MG
02- Ailton Amado	Especialização: Radiologia IES.: Sociedade de Promoção Social do Fisurado Lábio Palatal – Bauru/SP-1981 Especialização: Metodologia do Ensino Superior IES.: Universidade Estadual de Londrina – PR-1981	Professor Adjunto 4 UFU/MG
03- Alan Kardec Dornelles		Cirurgião-Dentista UFU/MG Consultório particular UDI/MG
04- Carlos Roberto Rosa		
05- Devanir Paulino de Aguiar		
06- Edson Alves		
07- Eliane Gláucia Faria de Melo Pinto		
08- Elizabeth Arantes (Gomes)		Consultório particular UDI/MG
09 Hamilton Furtado Junior		Consultório particular UDI/MG
10- Jeova Vieira Marques Filho		
11- Jonas Campana		
12- José Alves Rodrigues		
13- José Carlos Junqueira		
14- José Ronaldo Pereira		
15- Manoelito Alvim		Consultório particular UDI/MG
16- Márcia Helena de Oliveira Brasil		
17- Marco Antonio Santos Veloso		

18- Marcos Santos Diniz		Consultório particular UDI/MG
19- Maria Cristina Geocondo Cesar Kawaka		
20- Marlene Batista Ferreira		Consultório particular UDI/MG
21- Martha Ribeiro Marques		Consultório particular UDI/MG
22- Nelson Moreira Filho	Especialização: Metodologia do ensino superior IES: PUC/MG – BH/MG-1979 Mestrado: Dentística IES: USP/ BAURU/SP-1979	Professor Titular UFU/MG Chefe do Departamento de Odontologia Clínica e Restauradora – 1980-1982
23- Nilton Alves Moreira		
24- Nivaldo José Bernardes Krempel		
25- Nubia Vitorino de Oliveira		Consultório particular UDI/MG
26- Odair Jaime Aquegawa		
27- Odilon Ferreira de Rezende		Consultório particular UDI/MG Brasília/ DF
28- Odorico Coelho da Costa Neto	Especialização: Metodologia do ensino superior IES: PUC/MG, BH/MG-1979	Professor Titular UFU/MG Chefe do Departamento de Odontologia Social e Preventiva-1980-1982 Diretor do Hospital Odontológico- 1990
29- René Roberto Contar		
30- Rosilene de Sousa Ramos		
31- Sebastião Carneiro da Cruz		
32- Silmon Gaspar		Consultório particular UDI/MG
33- Ubiratan Fonseca Moraes		
34- Vanderlucia Rocha Barroso Violatti		
35- Vilma Vieira Damião		Consultório particular Araguari/MG
36- Wilton Borges Alves		
37- Waltercides Silva Junior	Aperfeiçoamento: Anatomia ISE: USP/SP- 1975	Professor Titular da UFU/MG

	Doutorado: Anatomia Humana ISE.: USP – SP 1984	
38- Wellington Luiz Barcelos Borges		

TABELA VI – RELAÇÃO DE ALUNOS DA FACULDADE DE ODONTOLOGIA DE UBERLÂNDIA - **TURMA DE 1975**

ALUNOS GRADUADOS PELA FOU E A RELAÇÃO DOS PÓS-GRADUADOS COM AS RESPECTIVAS ESPECIALIDADES E AS DESIGNAÇÕES DAS ÁREAS DE ATUAÇÃO LABORAL DOS EGRESSOS DO CURSO DE ODONTOLOGIA

NOME	PÓS-GRADUAÇÃO (IES –ÁREA)	ATUAÇÃO
01-Abdo Elcarin Amed	Especialização: Prótese dental IES.:UFU/MG-1985	
02- Alfredo Julio Fernandes Neto	Mestrado: Reabilitação Oral- Prótese ISE.:USP/ BAURU-SP-1982	Professor Titular UFU/MG Vice-Chefe do Departamento de Odontologia Clínica e Restauradora – 1982/1984 Coordenador do Curso de Odontologia Coordenador do Curso de Especialização em Prótese Dental Consultório Particular- UDI/MG Associação Brasileira de Ensino Odontológico- ABENE- Presidente Conselho Regional de Odontologia CRO/MG Suplente- 1995-97, Membro da Comissão de Especialistas de Ensino de Odontologia Port. 160/95-SESu-MEC
03- Ana Luiza Vilas Boas		Consultório Particular -SP
04- Ana Maria Constantino	Especialização: Ortodontia ISE.: Associação Fluminense de Educação- RJ-1985	Consultório Particular -RJ
05- Benigno José Monteiro		
06- Carlos Roberto de Assis		
07- Décio Guimarães Naves		Consultório Particular Araguari/MG

08- Divina Maria do Nascimento Espiridião		
09- Edy Cesar da Rocha		
10- Edson Vieira da Costa Junior		
11- Edna Marques ³⁴		Consultório Particular UDI/MG
12- Edson de Oliveira Pinto		
13- Eduardo Luiz da Mata Gonçalves		
14- Eliana Divina da Silva		Consultório Particular Ituiutaba/MG
15- Eliete Alves Sampaio		
16- Elza Maria de Souza		
17- Ernani Cortopassi de Mendonça		
18- Gaspar Paulino	Especialização: Endodontia IES: UDI/MG	Consultório Particular UDI/MG
19- Geraldo Carmelo Braga		
20- Gleyce Faria Ribeiro		Consultório Particular UDI/MG
21- Helio Carlos Caetano		Consultório Particular UDI/MG
22- Jair Bernardes da Silva		FALECIDO
23- Jesuania Maria Guardieiro Azevedo Pfeifer	Mestrado: Dentística Restauradora IES: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho- Araraquara- SP-1981 Doutorado: Dentística Restauradora IES: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho- Araraquara- SP-1990	Professora Titular UFU/MG Coordenadora do Curso de Especialização em Dentística Restauradora
24- José Oscar Mendes de Figueiredo	Especialização: Endodontia IES: Faculdade de Odontologia de Araraquara- SP-1979	Consultório Particular UDI/MG
25- Lílían Queiroz de Souza		
26- Luci Tanus Jorge da Silva		

³⁴ Edna Marques graduou-se também em Pedagogia pela Universidade Federal de Uberlândia.

27- Luiz Antonio Amui Nogueira	Aperfeiçoamento: Prótese Dental Instituição: Sociedade de Promoção Social do Fissurado Lábio-Palatal- BAURU/SP-1981 Especialização: Prótese Dental IES:. UFU/MG-1984	
28- Marcos Antonio de Souza	Especialização: Prótese Dental IES:. UFU/MG-1985	
29- Maria Alcina Couto Justino		Consultório Particular UDI/MG IPSEMG-UDI/MG
30- Maria Camin de Menezes		Consultório Particular UDI/MG
31- Maria Cristina Assumpção Borges		
32- Maria de Fátima Vieira Reis		
33- Maria Sonia de Almeida Paes Leme		
34- Mariza Lopes Andrade Teixeira	Especialização: Prótese Dental IES:. UFU/MG-1985	Consultório Particular UDI/MG
35- Mariyo Nakachima		
36- Mauricio Guimarães Paiva		
37- Nair Cardoso		Consultório Particular Araguari- MG
38- Neuza Teixeira de Carvalho Gaspar		Consultório Particular UDI/MG
39- Neuza Alice		
40- Nilson Costa Veloso		
41- Nora Maria Faiad Sebba		Consultório Particular Catalão-GO
42- Olinda Guedes Medeiros		
43- Sandra Maria Carvalho de Almeida		
44- Sergio de Freitas Pedrosa	Mestrado: Dentística IES:. USP/ BAURU/SP-1986	Professor Titular UFU/MG Gerente da Divisão de Ambulatórios Odontológicos 1987-1988
45- Vanderlei Luiz Gomes	Especialização: Metodologia do Ensino Superior IES:. UFU/MG-1979 Mestrado: Clínicas Odontológicas IES:. USP/SP-1986	Professor Titular UFU/MG Diretor do Hospital Odontológico

46- Vicente Carlos da Silva	Especialização: Odontopediatria IES: Odontopediatria IES:. UFMG/BH/MG-1978 Mestrado: Odontologia Social e Preventiva IES:. Universidade Fluminense Niterói- RJ-1981 Doutorado: Odontologia Social e Preventiva IES:. Fundação Universitária de Pernambuco- Recife- Pernambuco-1991	Professor Titular UFU/MG
48- Vitória Maria Borges Ladeira		
49- Wanderlei Alves Ribeiro		ConsultórioParticular UDI/MG
50- Washigton Jacob de Resende		

TABELA VII – RELAÇÃO DE ALUNOS DA FACULDADE DE ODONTOLOGIA DE UBERLÂNDIA - **TURMA DE 1976**

ALUNOS GRADUADOS PELA FOU E A RELAÇÃO DOS PÓS-GRADUADOS COM AS RESPECTIVAS ESPECIALIDADES E AS DESIGNAÇÕES DAS ÁREAS DE ATUAÇÃO LABORAL DOS EGRESSOS DO CURSO DE ODONTOLOGIA

NOME	PÓS-GRADUAÇÃO (IES –ÁREA)	ATUAÇÃO
01- Ademir Rosa Ladico		Consultório particular UDI/MG
02- Adérito Soares da Mota	Especialização: Prótese Dental IES: UFU/MG-1984	Professor Titular UFU/MG Consultório particular UDI/MG
03- Amaury Diniz Machado		Consultório particular Monte Alegre de Minas-MG
04- Arnaldo Ramos Cabral		
05- Ângela Aparecida de Melo		Consultório particular UDI/MG
06- Arlete Ferreira	Especialização: Odontopediatria IES: Universidade do Estado do Rio de Janeiro-1977	Hospital Naval de Brasília- DF Clínica de Odontopediatria Brasília-DF
07- Aurélio Rosa Lopes		Consultório particular Franca/SP

08- Breno de Carvalho Neto	Especialização: Prótese IES.: Faculdade de Odontologia BAURU/SP-1980 Especialização: Periodontia IES.: Faculdade de Odontologia de BAURU-SP- 1982	Professor Assistente Universidade de Marília- SP Clínica Particular Marília-SP
09- Cairo Rodrigues Alves Marcondes Luz		Consultório particular Franca/SP
10- Carlos Antonio Mendonça de Araujo		
11- Carlos Jair dos Passos		Consultório particular Araguari/MG
12- Carlos Roberto Cardoso		
13- Celso Edgard More		
14- Cleuzeomar Rezende		Consultório particular UDI/MG
15- Dorival Delefine		
16- Edmar Guimarães de Souza	Especialização: Prótese Dental UFU/MG	Cirurgião-Dentista UFU/MG
17- Eduardo Antonio Guimarães		Consultório particular UDI/MG
18- Gaspar Salvador Guimarães		
19- Geraldo de Souza Rosa		
20- Íris Malagoni Marques	Mestrado: Diagnóstico Bucal IES.: USP/ BAURU/SP- 1989 Doutorado: Diagnóstico Bucal IES.: USP/ BAURU/SP 1994	
21- Ivan Rezende		
22- Jorge Clemente da Silva		Consultório particular Iturama/MG
23- José Carlos de Castro		
24- José Marra de Oliveira	Especialização: Destística Restauradora IES.:UFU/MG	Consultório particular Ipameri/GO INAMPS Ipameri/GO
25- Lindalva Chaves de Moraes		
26- Lourdes Maria Santos Espindola Dias da Silva		
27- Magda Helena Barbosa Torres		

28- Maria Angélica Andrade		Consultório particular UDI/MG
29- Maria Aparecida Alves Faria		Consultório particular UDI/MG
30- Maria Cristina Assis Rabelo		Consultório particular UDI/MG
31- Maria Lídia Marra de Barros		
32- Maria Luiza de Oliveira		
33- Marilene de Lima		
34- Marlene Rezende		
35- Osmar Redondano Filho		
36- Paulo Barbosa Gomes		Consultório particular UDI/MG
37- Paulo Cesar Ferreira		Consultório particular UDI/MG
38- Paulo Cesar Ribeiro		
39- Rosana Ferreira de Godoi		
40- Sandra Mara Pereira Mauad Ydy		
41- Saulus Antonio de Castro		
42- Valquiria Borges de Santana		Consultório particular UDI/MG
43- Vânia Porto Arantes		
44- Vera Lucia Campos Santos		

TABELA VIII – RELAÇÃO DOS ALUNOS DA FACULDADE DE ODONTOLOGIA DE UBERLÂNDIA - **TURMA DE 1977**

ALUNOS GRADUADOS PELA FOU E A RELAÇÃO DOS PÓS-GRADUADOS COM AS RESPECTIVAS ESPECIALIDADES E AS DESIGNAÇÕES DAS ÁREAS DE ATUAÇÃO LABORAL DOS EGRESSOS DO CURSO DE ODONTOLOGIA

NOME	PÓS-GRADUAÇÃO (IES –ÁREA)	ATUAÇÃO
01- Adriana Salazar Drumond	Especialização: Dentística Restauradora IES:. UFU- 1988	Cirurgiã-Dentista UFU/MG Consultório Particular UDI/MG
02- Alaor Borges Fontes		Consultório Particular Araxá/MG

03- Alberto Borges	Especialização: Dentística Restauradora IES.: UFU/MG-1988	Cirurgião-Dentista UFU/MG Consultório Particular UDI/MG
04- Ana Lucia Carneiro Pereira		Cirurgiã-Dentista UFU/MG
05- Ângela Pinto Ribeiro Miro		Consultório Particular UDI/MG
06- Ariete Marocolo Cardoso		Consultório Particular Brasília/DF
07- Avilar de Souza Marques		
08- Carlos Eduardo Santini	Especialização: Ortodontia	Consultório Particular Ribeirão Preto/SP
09- Clayton de Oliveira Matos		
10- Cristina Guimarães Marcolini	Especialização; Prótese Dental IES.: UFU/MG-1985 Mestrado: Prótese Fixa IES.: USP/SP	Professora Adjunto I Consultório Particular UDI/MG
11- Custódia Maria Borges Silva	Especialização: Odontopediatria IES.: UFU/MG	Consultório Particular UDI/MG
12- Dalva Pereira Espindola		
13- Dina Faria Teixeira		
14- Edson Uete Kama		
15- Edelweiss Susvan Pereira Naves	Especialização: Endodontia	Consultório Particular Rio de Janeiro - RJ
16- Eliane Soares Costa		Cirurgia-Dentista UFU/MG Consultório Particular UDI/MG
17- Euripedes Barbosa Gomes		Consultório Particular UDI/MG
18- Fátima Ioko Mochidome	Mestrado: Odontopediatria IES.: USP/SP 1983	Professora Titular UFU/MG
19- Francisco Carlos Spina		Consultório Particular Batatais- SP
20- Heloisa Nominato Meireles		
21- Ilma Terezinha Carneiro Simões Branco		
22- Ivone de Fátima Lima Cardoso	Especialização: Prótese Dental IES.: UFU/MG-1986	Cirurgia-Dentista UFU/MG
23- Jorge Luiz Gomes Guedes		
24- Jose Estauquio Guimarães		

25- José Roberto Teixeira Leite		
26- Lauri de Fátima Vilas Boas	Especialização: Prótese Dental IES.:UFU/MG	Consultório Particular UDI/MG
27- Luiz Carlos Magnani Lima	Especialização: Prótese Dental IES.:UFU/MG-1986	Consultório Particular Goiânia-GO
28- Luiz Fabio de Assis Henriques		
29- Lunamar Santana de Araújo		Consultório Particular UDI/MG
30- Marcio Teixeira	Especialização: Prótese Dental IES.: UFU/MG-1985 Mestrado: Reabilitação Oral IES.: USP/ BAURU/SP-1989	
31- Margarida Maria Bruxelas de Freitas		
32- Maria Célia Nasciutti Prudente		
33- Maria de Fátima Castro		Consultório Particular Ribeirão-Preto/SP
34- Maria Del Carmen Rodrigues Gonzalez		Consultório Particular São Paulo/SP
35- Maria Neire Teixeira Bernardes	Especialização: Odontopediatria IES.: UFU/MG	
36- Maria Terezinha Oliveira Cunha	Especilização: Prótese Dental UFU/MG	FALECIDA
37- Marise Arantes		
38- Meire Zilda Storti		Prefeitura Municipal de Uberlândia/MG Cirurgia-Dentista
39- Neuza Maria Nunes		
40- Nivaldo Batista		
41- Paulo de Oliveira Resende		FALECIDO
42- Regina Maria		
43- Reginaldo Batista		
44- Sonia Bertoli	Especialização; Ortopedia Odontológica	Consultório Particular São Paulo/SP
45- Valder de Carvalho		
46- Valdete Angélica de Faria Almeida		

47- Valner Pinto Alano	Especialização: Prótese Dental IES:. UFU/MG-1984	Consultório Particular UDI/MG
48- Valter José de Oliveira		
49- Vânia Regina Resende	Especialização: Prótese Dental IES:. UFU/MG-1985	Consultório Particular UDI/MG
50- Vera Cristina Rodrigues Costa	Especialização: Prótese Dental IES:. UFU/MG-1985	Consultório Particular UDI/MG
51- Wania da Silva Neiva		

TABELA IX – RELAÇÃO DOS ALUNOS DA FACULDADE DE ODONTOLOGIA DE UBERLÂNDIA - **TURMA DE 1978**

ALUNOS GRADUADOS PELA FOU E A RELAÇÃO DOS PÓS-GRADUADOS COM AS RESPECTIVAS ESPECIALIDADES E AS DESIGNAÇÕES DAS ÁREAS DE ATUAÇÃO LABORAL DOS EGRESSOS DO CURSO DE ODONTOLOGIA

NOME	PÓS-GRADUAÇÃO (IES –ÁREA)	ATUAÇÃO
01- Aduino Bernardino da Silva		Consultório Particular UDI/MG
02- Adelia Cândida Pereira		
03- Ana Maria Martins		
04- Ana Marta Campos	Especialização: Dentística Restauradora IES:.UFU/MG-1988	Consultório Particular UDI/MG
05- Ângela Maria Ceccom		Consultório Particular UDI/MG
06- Aparecida Lujan de Melo	Especialização: Odontopediatria IES:. Associação Odontológica do Norte do Paraná	Consultório Particular Cascavel- PR
07- Áurea Lucia Magalhães Carulla		
08- Cristina Helena Bernardes Costa		Consultório Particular Ribeirão-Preto/SP
09- Daldy Endo Marques	Especialização: Endodontia IES:. USP/ BAURU/SP	Consultório Particular UDI/MG
10- Dinamar Fernandes Martis		
11- Dulcelena Maria de Moura		Consultório Particular UDI/MG
12- Edna Aparecida Maria Silveira		
13- Eliane Guimarães Ferreira	Especialização: Odontopediatria	Consultório Particular UDI/MG

Eliene Ribeiro Rezende		
14- Elisabete Kiroko Yamada		
15- Evaldo Rodrigues da Silva		
16- Fernando Antonio Brasil		
17- Gildésio de Resende Alvarenga		Consultório Particular UDI/MG
18- Hamilton Luiz da Silva		
19- Inez Terezinha de Fátima Rezende Hore		
20- Jânio	Especialização: Endodontia IES: OSEC-1982	Consultório Particular Goiânia/GO
21- Joaquim Celso de Godoy		
22- José Carlos Ronaldi da Silva		
23- Maglia de Oliveira Costa		Consultório Particular UDI/MG
24- Márcia Aparecida Salomão		Consultório Particular UDI/MG
25- Maria Lucia de Souza		
26- Marcos Cesar Silva		
27- Maria de Lourdes Cavalho	Aperfeiçoamento: Noveno Curso Latino Americano de Odonto-Pediatria Social IES: Universidad de Minois- Chicago USA-1986 Mestrado: Odontologia Social IES: Universidade Federal Fluminense Niterói- RJ-1983	Professora Titular UFU/MG Gerente da Divisão de Apoio aos serviços Odontológicos- 1988-1990 Consultório Particular UDI/MG
28- Maria Eunice Campos Caixeta		Consultório Particular UDI/MG
29- Maria Inês Della Torres Ferreira		
30- Maria Inês Resende		
31- Maria José Moura Santos		Consultório Particular UDI/MG
32- Margaret de Vasconcelos Lemos	Especialização: Saúde Coletiva IES: UFU/MG- 1990	Prefeitura Municipal de Uberlândia/MG Cirurgia-Dentista
33- Maria Marta Pinheiro		
34- Maria Sirlene Marques		
35- Marina Fukuhara		
36- Mônica Veloso Costa		Consultório Particular UDI/MG

37- Nilva Maria de Resende		Consultório Particular Araguari/MG
38- Rose Mary Santos		
39- Rosemary Simão Castro		
40- Rosimeyri Lustoza Wanderley	Especialização: Metodologia do Ensino Superior IES:. UFU/ Universidade de Brasília 1979	Professora Titular UFU/MG
41- Rúbia Pereira Barra	Especialização; Saúde Coletiva IES: UFU/MG 1992	Prefeitura Municipal de Uberlândia/MG Cirurgia- Dentista Consultório Particular UDI/MG
42-Sandra Arantes da Silva		Consultório Particular UDI/MG
43- Sinval de Oliveira e Silva		
44- Sonar Quirino de Oliveira		
45- Suani Sodré de Oliveira	Mestrado: Odontologia Social e Preventiva IES:. USP/ BAURU/SP	FALECIDA
46- Suzana Pinto Machado	Epecialização: Odontologia Social e Preventiva	
47- Vânia Lucia de Faria Fonseca		Consultório Particular UDI/MG
48- Vânia Paixão		
49- Vera Lucia Melo Sanches		
50- Wagner de Souza Santos		
51- Wilson José Ferreira		

Entrevista nº01 , realizada em Uberlândia, dia 05/03/2005.
Entrevistado: Gaspar Paulino
Qualificação Prévia: cirurgião dentista, ex-aluno da 3ª turma – 1975; Especialista em Endodontia pela Associação Brasileira de Odontologia em 1998; Ex-Presidente do Diretório Acadêmico Homero Santos
Nome da Mãe: Maria José de Jesus
Nome do Pai: José Paulino da Silva
Local de Nascimento: Rio Paranaíba MG
Classe social a que pertencia na época do curso: classe baixa

P: Pergunta R: Resposta

P: Senhor Gaspar, como começou a Faculdade de Odontologia?

R: Quando criou a Autarquia, eu imagino assim, que eles pensavam que ia ter dinheiro pra fazer uma Universidade do jeito que o Homero Santos idealizou. Eu imagino que seria assim: a primeira Universidade Estadual em Minas Gerais sabe, a intenção parece que era essa. Então, conforme eu te falei da outra vez¹, eles tentaram fazer isso em parceria com o dono da UNIUBE, o Mário Palmério na época. Parece que o Mário Palmério passou a perna no pessoal daqui e acabou ficando com a Faculdade para Uberaba, Medicina se não me engano. Agora aqui, quando eles começaram faltou dinheiro sabe.

P: E a Faculdade de Odontologia lá em Uberaba, já existia nesta época?

R: Já, já. Aqui, a primeira Faculdade da Autarquia Educacional de Uberlândia foi a de Odontologia. Se não me engano o primeiro vestibular foi em 1970. Sabe, e tem um fato engraçado, se não me engano, acho que tinha cinquenta vagas e cinquenta e um candidatos, e uma prima da minha mulher foi a que não passou.

P: E foram aprovados 50 candidatos?

R: É. E, agora então fizeram a Odontologia. No início, foi feito assim quase que a toque de caixa, muito rápido, a estrutura ainda não estava pronta, então começou a funcionar lá junto com a Medicina. Então o básico, o 1º ano, a gente fez junto, com a minha turma a Educação Física, Veterinária e a Odontologia. Inclusive, se não me engano, parece que a turma da

¹ O depoente está se referindo as várias conversas informais realizadas com o pesquisador, nas quais o entrevistado já havia se reportado a tal fato.

Veterinária chegou a estudar até o ser humano inteirinho, dissecar, sabe. Então a gente fez o básico, era basicamente o mesmo da Medicina.

P: Ah, então o Senhor cursou o básico do Curso no prédio da Medicina?

R: Foi, foi com a turma da Medicina. A aula era naquele anfiteatro lá, todo mundo junto. Mas daí, depois a turma da Odontologia desceu, né, fazia o básico lá, o primeiro ano e ia lá pra Engenheiro Diniz, aquele prédio que era dos padres, porque ali era um Colégio dos padres. Posteriormente eles doaram aquilo ali para a Autarquia Educacional com a condição de sempre ser Escola. No caso da Veterinária, como era lotada em Tupaciguara, ela foi pra lá. Fazia o básico aqui e o profissional lá. Mas a prefeitura de lá prometeu dar uma infraestrutura. O pessoal da Veterinária contava pra gente, não sei até que ponto isso era verdade, mas pra estudar uma vaca, eles a compraram e punham lá na república deles sabe. O negócio lá foi difícil. Ficou, ficou, até que os alunos disseram que não tinha jeito. A prefeitura não dava apoio e tal e coisa por aí, e a Faculdade voltou pra Uberlândia.

P: E a Odonto, a integralidade do curso já era de 04 anos?

R: Já era 4 anos.

P: Aí um ano estudou lá com a Medicina e o resto...

R: Aqui em baixo. Aí, aconteceu o seguinte: em 73, já estava formando, porque entrou aí 70, 71, 72, 73. Então a 1ª turma formou e a Faculdade não foi reconhecida. Então, o que acontecia? O pessoal se formava, a maioria ia embora daqui, chegava lá, não podia trabalhar porque não tinha diploma reconhecido. Foi aquela batalha pra reconhecer a Faculdade. Porque o pessoal do Ministério veio aqui e fez uma vistoria, não tinha livro quase que nenhum e disseram que desse jeito não tinha condição de ser aprovado. Estou esquecendo de falar da clínica, da policlínica nossa. O pessoal já estava no último ano e não tinha clínica. Sabe, ficava repetindo a matéria teórica. Então, eu não sei bem em que época exata que foi do ano, o Governador Rondon Pacheco doou essa policlínica pra Faculdade, inclusive ficou com o nome da policlínica Governador Rondon Pacheco. Aí o pessoal do último ano, faltando poucos meses pra encerrar o curso é que eles entraram pra clínica. Aprenderam aquilo a toque de caixa mesmo, sabe...

P: A sua turma teve a oportunidade de estar mais perto da clínica ou não?

R: A nossa turma já estava tudo normalizado. Aí veio o problema de reconhecer sabe... Em 73, saiu a 1ª turma, e não tinha sido reconhecido - não podia trabalhar. Então o pessoal do Ministério veio aqui e, ah! Não pode funcionar, ser reconhecida, vocês não têm livros. Precisava de um número mínimo de livros. Aí foi uma loucura né. Nós fomos até o Dr. Renato de Freitas, que era o prefeito na época, ver se ele dava uma verba pra gente comprar livros. Ele, esperto que, usando a expressão popular “andou, andou ao redor do toco e não fez nada”. Ele virou pra nós e disse assim: olha, eu faço uma proposta. Nós vamos rifar um carro, pra você ter uma idéia, ele daria uns 200 bilhetes, ao preço x, vamos assim R\$500,00 em dinheiro de hoje. “Aí eu vendo a metade e vocês vendem o resto.” Como é que nós vamos vender o resto, né? Ele é o prefeito. Ele pode falar assim: fulano tem um bilhete

aquí, você deixa R\$ 500, 00, ou o que fosse duzentos, sei lá. Mas era uma quantia pra nós estudantes, fora de cogitação. Era uma maneira educada de sair fora da gente.

P: Os alunos pagavam ou não mensalidade?

R: Pagavam uma mensalidade pequena, quase simbólica. O Estado complementava. O Dioracy Fonterrada Vieira que foi o coordenador do curso aquí em Uberlândia. Ele era vice-reitor da Universidade de São Paulo, era professor de Materiais Dentários. Ele ficava mais pra lá do que aquí. Vinha aquí sempre, não sei se eram duas vezes por mês ou uma vez por mês. Ligamos pra ver o que poderia ser feito. Aí ele falou: olha, eu vou pra Bauru e vou juntar aquí o que for possível e vou levar pra lá. Aí fica mais próximo pra vocês. Aí ele juntou o que pode juntar de livro velho, antigo, lá dentro da USP e alguns novos também. Inclusive ele tinha, era autor de vários livros. Mas precisava de muitos livros mesmo. Ele foi pra Bauru. Lá ele juntou na Universidade mais um tanto e ligou pra nós. Olha pra você ver como a situação era difícil, nós não tínhamos carro pra ir buscar, uma viatura. Por fim o diretor, o Prof. Vadico, conseguiu da Universidade, nessa época não era mais Autarquia...

P: O Prof. Vadico era o diretor?

R: É o Prof. Vadico. Ele conseguiu uma perua Kombi e nós fomos lá buscar esses livros. Trouxemos todos. Aí o pessoal do Ministério ficou “empurrando a gente com a barriga”. Foi empurrando, empurrando, acontece que era época do Governo Militar e com eles é “ou vai ou racha né”?! Então, como estava tendo muito problema na Universidade, a gente não saía da casa do comandante do quartel. Eles chamavam a gente lá, mas não com o intuito de prender ninguém não. Eles chamavam lá os presidentes do Diretório Acadêmico, chamava todos. Perguntavam o que estava acontecendo e tal e coisa. Eu me lembro que tinha um capitão, um oficial deles, ele perguntava pra gente. Vamos supor, pra mim: e a Faculdade de vocês, o que vocês têm a reclamar? Ah, o problema lá é esse, esse e esse. Ele virava e falava assim: Anota aí Paixão. Paixão era o nome de guerra do capitão né. Daí passava pra Educação Física, Engenharia, etc. E falava assim: anota aí Paixão.

P: Mas isto era mais pra fiscalizar?

R: Eles chamavam a gente lá porque eu acho que eles temiam que a gente fizesse manifestação, e naquela época estava proibido. Aquela fase, por volta de 74. Em termos, eram visitas assim, até muito amigáveis sabe. Às vezes, era lá no quartel, mas, às vezes, na casa deles. Mas então, ficamos sabendo que o pessoal do Ministério tava fazendo corpo mole, tinha gente que falava assim: ah! Isso aí se não entrar uma grana aí não sai nada não. Eu já estava deixando o Diretório Acadêmico, sabe. Foi nos últimos dias de Diretório Acadêmico. Olha, nós arrumamos os livros, tudo o que o Ministério pediu foi feito. E eles não reconheciam. Na última semana, eu não sei se tenho esta carta aí, mas eu acho que não tenho mais não. Eu fiz uma carta, eu mesmo escrevi muito bem bolada e mandei uma cópia para o Ministério da Educação, uma para o Presidente da República, uma para o Comandante aquí do Exército, e se não me engano eu acho que eu mandei uma pro Dr. Homero Santos. Foram 4 cartas. Fazendo uma denúncia, uma carta ofício mesmo, do que estava acontecendo e que eu não entendia porque eles não reconheciam, já que tudo que eles pediram foi feito. Nós batalhamos e fizemos isso e tal e coisa. Passado, acho que não

chegou há uma semana, eu entreguei o Diretório. Naquela semana eu fiz essa denúncia e entreguei o Diretório. Aí, acho que não chegou nem a uma semana. O Homero Santos me ligou lá de Brasília e falou assim: rapaz do céu, eu estava lá pra América Central, e o que você me aprontou aqui hein? Olha o negócio aqui enrolou tudo. Aí eu falei: não, eles estavam enrolando a gente. Aí ele falou assim: amanhã o processo vai a votação e já está tudo conchavado lá, vai reconhecer amanhã. Pode ficar tranquilo aí. Então naquela noite, eu e um colega pegamos um carro, era o Helinho, não sei se você conhece, ele trabalha lá no Executivo. Um outro colega nosso emprestou o carro. Nós viajamos a noite inteira. Chegamos lá, fomos lá pro gabinete do Dr. Homero Santos e ele disse: vai ser votado agora de manhã. Ai nós fomos para o Ministério. Lá você acompanha todas as votações sabe. Esse negócio de abertura de Curso, reconhecimento de Curso. É uma sala assim, do tamanho dessa aqui, com umas poltronas. Você não fica dentro da sala não, você fica fora. E ficam ali, aqueles delegados lá dentro votando. Nós checamos na pauta de votação, tava lá o reconhecimento da nossa Escola. Aí, será que saí né?! Foi o último a ser votado. Era mais ou menos uma hora assim, quando terminou a votação. Eu lembro que quando eles deram o voto final, estava reconhecida a Faculdade. Aí nós saímos...

P: Que ano era esse?

R: Nós chegamos aqui essa hora. Então nós saímos de lá e passamos no gabinete do Dr. Homero, pra conversar com ele, agradecer, dar os parabéns e tal. Chegamos lá, olha pra você ver como é esse povo. Foi votado, nós saímos de lá pra ir ao gabinete do Dr. Homero. É próximo lá. Quando nós chegamos no gabinete do Homero, ele já estava com os papéis iguais a estes daqui e falou assim: oh, tá aqui, está reconhecida a sua Faculdade e aqui estão os documentos oficiais. De lá nós ligamos na Faculdade e falamos: oh, foi reconhecida, deu tudo certinho, estamos indo embora, nós vamos chegar aí lá pelas 5 horas da tarde. Chegamos lá em Araguari, entramos na cidade e compramos uma porção de cartolina, pincel atômico e aquelas fitas crepe e pregamos no carro. Agradecendo o Dr. Homero Santos, que a Faculdade foi reconhecida. Compramos caixas de foguetes e dirigindo esse Karman sabe. Ao chegarmos à Faculdade, o pessoal estava numa festa, num chopp, mas você precisava ver, que festa! E eu já cheguei com os papéis na mão e o pessoal gritando, soltando foguete e aquela bagunça. E eles entraram me carregando lá pra dentro e veio o Prof. Vadico que era o diretor. Foi uma festa e no outro dia continuou a festança. É interessante você notar nisso aí o seguinte. Houve uma intervenção na Faculdade por volta de, se não me engano, 73, a Autarquia tinha sido encampada pela Universidade, não era Federal, era Universidade de Uberlândia. Então, quando passou a Autarquia para a Universidade, aquele negócio da Autarquia era tudo um... Não estava de acordo com o esquema da Universidade. Então, eles destituíram o Doutor Laerte que era o diretor. O negócio foi assim: relâmpago. Então eles tiraram o Doutor Laerte, e puseram o Prof. Vadico como Reitor, como diretor pró-tempore. Então o Prof. Vadico Osvaldo Vieira Gonçalves, tido como emérito professor e administrador foi pra lá com a missão de preparar a Faculdade pra ser reconhecida. Porque no entender do pessoal da Universidade, se não reprogramasse tudo, dentro da Odontologia, ela não poderia ser reconhecida. Então o Prof. Vadico foi pra lá com essa missão, e entrou como diretor pró-tempore.

P: O Prof. Laerte ajudou na criação também? Como foi? Quem foi responsável neste projeto de criação?

R: Na criação, eu acredito que foi o seguinte, o Doutor Laerte, é ele idealizou o curso, certo, ele era relacionado, na época ele era um dos três mais importantes membros da Odontologia. Então ele foi candidato do Dr. Homero Santos pra formalizar a Faculdade. Qual o papel dele nessa história aí? Ele tinha que formalizar a Faculdade. Pra formalizar essa Faculdade, como ele não tinha experiência, então ele chamou o Sr. Dioracy Fonterrada Vieira. Porque o Sr. Dioracy era vice-reitor da USP. Ele deve ter tido um papo mais ou menos assim: olha, nós vamos fazer uma Faculdade em Uberlândia, está começando uma Universidade, nós queremos um negócio de primeira linha, e o Sr. Dioracy se empolgou com a idéia. Ele chegou a escrever até um livro. Sabe um título mais ou menos assim: Como fazer uma Faculdade modelo de Odontologia. Essa Faculdade no conceito do Sr. Dioracy seria a melhor da América Latina. Talvez superior a Bauru. E seria feito do jeito que ele queria, por experiência dele. Então o Dr. Laerte chamou o Prof. Dioracy, e ele convidou os melhores professores da época da USP, Ribeirão, Araraquara, Bauru, e trouxe pra cá. Então os 3 primeiros anos foram só professores super-hiper titulados. Os “10 mais” daquela região lá. Inclusive o próprio diretor de Bauru, Paulo Amarantes, diretor da Faculdade de Bauru, foi um dos professores nossos aqui. Engraçado é que ele foi formado em Uberaba.

P: Antes disso os dentistas que trabalhavam aqui em Uberlândia até então eram formados em Uberaba?

R: Quase todos.

P: Naquela época tinha muitos dentistas “práticos” também?

R: Tinha, tinha muito prático. Vale ressaltar também o seguinte: Uberaba era uma senhora Escola, era uma Escola referência. Vários professores da USP, Araraquara, Bauru, eram formados em Uberaba.

P: Foi da vontade deles, então, abrir uma Faculdade aqui em Uberlândia?

R: Não, já existia assim aquela disputa, né. Você lembra que eu te falei² que o Dr. Homero Santos, queria trazer a primeira faculdade pra cá, né. Queria trazer para o Triângulo Mineiro. Mas no fundo, no fundo, ele queria trazer para Uberlândia. Então fizeram a comissão aqui e juntaram com a turma de Uberaba para dar uma força, ele próprio me falou assim: o pessoal de Uberaba “passou a perna” na turma e levou a Faculdade de Medicina pra Uberaba. Aquela Faculdade que tem lá estava programada pra ser aqui. Interessante que há pouco, em conversa com o Sr. Miguel de Oliveira, ex-prefeito de Araguari, contemporâneo do Dr. Homero Santos, me disse: bem feito para o Homero e sua turma, pois a Faculdade de Direito que vocês têm em Uberlândia estava destinada para Araguari. Se o Mário Palmério tomou a Faculdade de Medicina de vocês, este mesmo grupo nos tomou a de Direito. Ressalte-se que naquela época era o maior orgulho ter uma escola superior, daí o motivo de tanta disputa.

² Novamente, o depoente está se referindo as várias conversas informais realizadas com o pesquisador, nas quais o entrevistado já havia se reportado a tal fato.

P: Então, o planejador foi o Dr. Homero, que já estava articulando este projeto... Ele já era Deputado Estadual?

R: Estadual. Não, ele já era Federal. A idéia original dele, porque nós não tínhamos Universidade na época. Tinha aqui, a Engenharia era Federal, tinha a Medicina, Ciências Econômicas, Filosofia e Direito, tudo particular.

P: E a Odontologia começou subvencionada pelo Governo Estadual?

R: É, Estadual. Não era particular. Mas você pagava lá uma mensalidade quase que simbólica. Não era cara. O Estado entrava com uma parcela, com 2/3 mais ou menos. A prova é que o próprio Estado deu a policlínica, mas aí, o sonho do Homero era fazer aqui uma Universidade Estadual, só não concretizou, porque a Autarquia acabou sendo dissolvida e sendo encampada pela Universidade de Uberlândia, aquela época não era Federal. Mas acabou ficando até melhor, porque no final ele conseguiu federalizar a Universidade. Aí ficou melhor, porque a Odontologia, e ao invés de ser Universidade Estadual, ficou Federal, e é bem melhor né.

P: E o Diretório Acadêmico até hoje se chama D.A. Dr.Homero Santos em homenagem a ele. Como que foi isso? Você estava nessa época?

R: Não, não estava.

P: Quando já tinha feito essa homenagem...

R: Foi ele que fundou a Autarquia. Como foi a primeira Faculdade da Autarquia, se fosse a primeira Faculdade a de Educação Física, provavelmente o Diretório Acadêmico iria se chamar Dr. Homero Santos, mas como a Odontologia foi a primeira Faculdade, então ficou com a gente. Então, o nome do diretório foi o nome dele né. Hoje o Diretório Acadêmico não tem tanta expressão política como naquela época. Em Uberlândia só tinha cinco Faculdades. Depois veio a Odontologia, Educação Física e Veterinária.

P: Quando a graduação era obtida em Odontologia o prestígio era maior ainda?

R: Era.

P: Tornava-se realmente doutor?

R: É o Diretório Acadêmico tinha uma expressão política na cidade. A gente se relacionava com o prefeito, deputados, enfim, pessoas da maior alta expressão. Hoje é mais difícil.

P: Com o comandante do quartel era tranqüilo?

R: Tranqüilo.

P: Não tinha problema de desaparecer aluno devido à ditadura?

R: Se houve, não foi comentado.

P: A Odonto não tinha aluno subversivo?

R: Não. Aqui já estava mais calmo. O problema aqui esteve feio mesmo aí por volta de 64, 65 até o final do ano. Eles pegaram muito aluno, mais de curso secundário, nem de Faculdade era. Pegava um ou outro, mas era muito raro. Você sabe que estudante universitário aqui não era muito subversivo. Na verdade, nosso relacionamento com os militares era até bom sabe.

P: Era mais pra ver se ajudava a reconhecer a Faculdade de Odontologia?

R: É também o interesse nosso era esse.

P: Senão corria o risco de desaparecer, não é?

R: hahahaha! Era uma convivência até boa, pacífica. Você veja bem, eu fui selecionado a ADESG naquela época, um Curso super-hiper valorizado. O primeiro Curso que teve da ADESG, eu comentei com o sargento Stulzer que eu tinha vontade de fazer esse Curso da Escola Superior de Guerra. Mas só podia fazer quem tivesse acima de 30 anos. Aí um dia eles me telefonaram. Olha, você se tornou um líder entre a turma aí, nós vamos te convidar. Ah, mas eu não tenho 30 anos. Não, pode deixar que nós vamos deixar, você vai fazer o Curso. Então eu estive na primeira turma da ADESG. Eles selecionaram aqui, Ituiutaba e Araguari. Eram as pessoas mais iminentes. Eles chamaram os juízes, promotores, professores das Escolas e empresários de grande expressão na cidade.

P: Qual era o interesse desse vestibular? Era difícil? E quem eram os aprovados nessas provas?

R: o primeiro vestibular selecionou muita gente que já tinha parado os estudos. A Autarquia era pouco conhecida, pouco divulgada, então aparecia pouco candidato. Eu te falei, o primeiro vestibular teve 51 candidatos para 50 vagas. A primeira turma teve muita gente que tinha parado de estudar, gente que fez supletivo, etc.

P: E a classe econômica? Assim, era mesclada?

R: Sim, principalmente as duas primeiras turmas. Era um pessoal, na maioria de nível médio pra baixo. Já a minha turma, foi mais selecionada. Já entrou muita gente nova, que fez o colegial e decidiram fazer Odontologia. Teve pouco, se tiver teve uns cinco de mais idade. A maioria era gente nova. Aí na faixa de 17 a 20 anos. Era a idade normal de se passar no vestibular. Então aí aconteceu uma seleção melhor. Aqui quase não existia escola particular de segundo grau. Tinha o colégio Brasil Central e o Inconfidência. Mas o forte aqui na época era sempre o Estadual. Se tivesse 100 vagas na Engenharia e apresentasse 100 candidatos do Estadual não sobrava pra ninguém. Porque a turma lá era barra pesada mesmo. E como os vestibulares eram projetados, baseados na metodologia do Colégio Estadual, os alunos já sabiam o macete das provas sabe. Na minha turma, por exemplo, já

tinha várias pessoas de fora. As duas primeiras tinham pouquíssimas oriundas de outras cidades.

P: A maioria dos alunos das primeiras turmas de Odontologia era proveniente de Uberlândia?

R: A terceira turma em diante já veio muita gente de fora, principalmente do norte de São Paulo. Aí descobriram a Faculdade. Daí pra frente a proporção foi só aumentando.

Entrevista nº02 , realizada em Brasília, dia 24/06/2005.
Entrevistado: Ministro Homero Santos
Curriculum vitae: Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Universidade do Estado da Guanabara;
Vice-Presidente do TCU - Anos de 1995/1996
Presidente da Primeira Câmara do TCU - Anos de 1995/1996
Corregedor do TCU - Anos de 1995/1996
Supervisor da Revista do TCU - Ano de 1995/1996
Presidente do TCU - Anos de 1997/1998
Vereador em Uberlândia - Anos de 1954/1962
Professor Universitário – Ano de 1962
Deputado Estadual em Minas Gerais – Anos de 1963/1970
Deputado Federal – Anos de 1971 a 1974/1974 a 1978/1978 a 1982/1982 a 1986 e 1986 a 1988
Nome da Mãe: Juvenília Ferreira dos Santos
Nome do Pai: Manoel dos Santos
Local de Nascimento: Uberlândia

P: Pergunta R: Resposta

P: Para o Senhor quais os acontecimentos que mais marcaram a História da Criação da Faculdade de Odontologia de Uberlândia?

R: A idéia surgiu com a manifestação de grande interesse da Associação de Odontólogos de Uberlândia, bem como daqueles que não tinham vínculo com a Associação, mas tinham entusiasmo pela melhoria do ensino e que tiveram meu apoio, por projeto de minha iniciativa e autoria, quando Deputado Estadual, com a criação da Autarquia Educacional de Uberlândia, possibilitando assim, a criação de três Faculdades, a saber: Odontologia,

Veterinária e Educação Física. Foi um acontecimento muito importante para a nossa região, e teve a participação dos jovens, que efetivamente lutaram para que esta conquista se efetivasse, vindo-me à memória neste momento os nomes dos alunos da época, Alfredo Júlio, Gaspar Paulino, Osmar Alvarenga, e outros que estão hoje, participando efetivamente da vida acadêmica da cidade como professores ou mesmo como excelentes profissionais de odontologia.

P: Por que implantar uma Faculdade de Odontologia em Uberlândia?

R: Como representante de Uberlândia à Assembléia Legislativa, procurei bem desempenhar o mandato continuando a meta que tracei de fazer com que a nossa cidade tivesse uma Faculdade à altura do seu desenvolvimento e dos anseios de tantos jovens entusiastas.

P: Como foi idealizada a Escola de Ensino Superior de Odontologia?

R: Conforme já relatei, foi a soma de um ideal com o conjunto de interesses a favor da cidade, que já se ressentia da falta de uma Faculdade específica de Odontologia, já que nossos jovens eram obrigados a se deslocar para outras localidades para realizarem seus estudos.

P: A Comissão pró-ensino³ em Uberlândia logrou o êxito que desejava?

R: Não tenho a menor dúvida da grandeza que representa hoje a iniciativa que tivemos no sentido de efetivar a criação de Escolas de Ensino Superior, que resultou na Federalização da Universidade, através de projeto de minha autoria na Câmara Federal.

P: Quais as dificuldades encontradas e quais foram os maiores colaboradores para a efetivação do projeto da Autarquia Estadual de Uberlândia, especificamente a Escola de Odontologia?

R: Não tivemos propriamente dificuldades, visto que contamos com a colaboração da classe odontológica da cidade, da sua associação e dos jovens entusiastas da idéia, bem como tivemos o total apoio da Câmara dos Vereadores de Uberlândia e dos intelectuais da cidade. Credito parte do nosso sucesso ao entusiasmo do então Deputado Federal Rondon Pacheco. Entretanto, devo destacar a participação decisiva do então Governador de Minas Dr. Israel Pinheiro, sancionando e determinando a imediata instalação da Autarquia, com a criação de três Faculdades, Odontologia, Veterinária e Educação Física com a participação do Professor Gerson, do Prof. Laerte Alvarenga de Figueiredo, Wilson Ribeiro da Silva e muitos outros que deixo de consignar, uma vez que foram muitos. Devo dizer que hoje a Faculdade vai muito bem, pois possui um competente quadro de professores “um dos melhores do país” e dedicados funcionários. Acredito, e por isto mesmo tenho declarado

³ No começo da década de 50 do século XX, nessa época exercendo o cargo de deputado estadual, Homero Santos foi um agente determinante na idealização das Faculdades em Uberlândia. No ano de 1957, ele estabeleceu uma comissão pró-escolas superiores de ensino, constituindo e realizando palestras na tentativa de impulsionar a implementação das Escolas de Ensino Superior uberlandenses.

que o processo de melhoria do ensino odontológico deve continuar, principalmente, na parte social, com perfeito atendimento da população mais carente da cidade e região.

P: Qual o significado dessa Escola Superior de Odontologia para a cidade de Uberlândia?

R: Definitivamente inseriu nossa região no rol daquelas que à época passaram a oferecer Ensino Superior de qualidade para a população. Colocando Uberlândia na vanguarda do ensino superior.

P: A quem e quais interesses a instalação da Faculdade de Odontologia em Uberlândia estaria atendendo, tendo em vista o contexto histórico e político daquela época?

R: O maior beneficiado foi à sociedade, uma vez que a representação política de toda região soube corresponder à expectativa e anseio de todo povo. Destaco que não havia interesse econômico na sua instalação, mas um forte desejo de inserir nossa cidade e região no seletor (à época) grupo de cidades que ofereciam ensino superior.

Entrevista n.º 03 , realizada em Uberlândia, dia 21/02/2006.
Entrevistado: Paulo César Azevedo
Qualificação Prévia: cirurgião dentista, ex-aluno da 1ª turma – 1973. Doutor em Odontologia pela USP/Bauru; Mestre em Endodontia pela USP/Bauru em 1984, Especialista em Endodontia pela Faculdade de Odontologia de Araraquara; Professor Titular da Universidade Federal de Uberlândia.
Nome da Mãe: Inês Pereira Azevedo, do lar
Nome do Pai: Marcondes Azevedo, farmacêutico
Local de nascimento: Tupaciguara
Classe social a que pertencia na época do curso: classe média

P: Pergunta R: Resposta

P: O curso de Odontologia era pago? O Senhor tinha dificuldades para pagá-lo?

R: O curso era pago e eu contava com meu pai para pagar as mensalidades, pois na época eu não trabalhava. Não era tão caro, eu acho que hoje as Faculdades cobram um valor mais alto. Mas naquela época como não tínhamos muita noção do que era o valor, não havia reclamação dos pais: “nossa, essa Faculdade está cara”.

P: Percurso escolar desde o início até o ingresso e a conclusão da Faculdade.

R: Vim para em Uberlândia em 1952, 1953 e cursei o primário no Externato Rio Branco na Av. Princesa Isabel, depois o Ginásio eu fiz no Liceu de Uberlândia que fica na praça Oswaldo Cruz e depois o colegial eu fiz no Colégio Estadual Bueno Brandão. Depois surgiu o vestibular de Odontologia e eu tinha o segundo colegial e meio, mas passei, eu e uma turminha. Acabamos cursando.

P: Após formado, como foi o ingresso no mercado de trabalho? Correspondeu às expectativas?

R: Quando eu formei o mercado de trabalho estava bom. Em Uberlândia era a primeira turma de alunos de Odontologia que se formava, então, o mercado ainda estava aberto. Juntamos uma turma e montamos uma clínica. Contando comigo éramos quatro colegas de turma trabalhando na Clínica Odontológica CAP. E aí nós começamos. Naquela época o mercado de trabalho era melhor que hoje.

P: E a carreira profissional como foi?

R: Eu tinha muitas dúvidas, sentia certa pressão dos pais para não fazer o Curso porque ele era novo, não sabia se daria certo. Mas eu tentei o Curso de Odontologia e caso o mercado de trabalho não fosse tão bom, eu continuaria com o comércio que o meu pai tinha que era uma drogaria. E, posteriormente, eu fui convidado a trabalhar na Faculdade de Odontologia de Uberlândia. Naquela época ainda era convidado. Então foi o consultório mais a faculdade e como aquela época era mais promissora, com o mercado de trabalho tendo um menor número de dentistas, eu acho que escolhi a profissão correta. Dentro da Odontologia eu trabalho com a área de tratamento de canais, área que eu mais tive aptidão durante meu curso. Nove meses depois de formado surgiu um curso de especialização em Araraquara, em 1974, 1975 que eu fiz. A tendência na época para os professores era que com um curso de especialização você estava feito na vida. Mas a gente sentia que no futuro seria exigida alguma situação de mestrado, foi por isso que eu o fiz em 1981. E na época o mestrado não oferecia vantagem nenhuma ao docente de instituição federal porque não tinha aumento salarial nenhum. Mas mesmo assim eu procurei fazer o mestrado porque parecia ser uma coisa que alimentava a gente, porque eu gostava daquilo que eu fazia que fosse dar aula e ao mesmo tempo estar mais consciente naquilo que fazia mais pé-no-chão. Foi uma oportunidade que eu tive de sair, eu fiz em Bauru; e seis anos após eu fiz o doutorado aí nessa época já contava para a Universidade a situação de você ter uma parte, uma porcentagem maior no seu salário para que você tivesse esse estímulo de fazer o Curso.

P: E o professor era contratado, concursado?

R: O professor mais um pouco na frente foi concursado, daí não tinha mais esses convites. Isso aconteceu apenas na primeira, na segunda turma quando ainda era particular. Depois que passou a ser federal já entrou nos moldes da Constituição Federal.

P: O que representava para você ter uma Faculdade de Odontologia em Uberlândia?

R: Naquela época em que fazíamos o colegial não tínhamos uma visão porque existiam algumas carreiras universitárias já tradicionais: a Engenharia que já existia em Uberlândia, a Faculdade de Medicina que estava começando, mas a Odontologia surgiu de uma hora para a outra com alguns profissionais, políticos querendo atrair pra cá o curso como, por exemplo, o Homero Santos, o Governador de Minas o Rondon Pacheco, deram um apoio muito grande para formar esse Curso de Odontologia em Uberlândia. O nosso diretório acadêmico de Odontologia chamava-se “Diretório Acadêmico Homero Santos” porque ele foi praticamente o fundador da escola. Nós tivemos a sorte da nossa turma homenageá-lo com o nosso D.A (Diretório Acadêmico) devido ao trabalho que esse profissional, esse político teve na época para trazer a Faculdade para Uberlândia, pois, até então, a mais próxima daqui era em Ribeirão Preto ou Belo Horizonte, ou Goiânia. Mas não era muito conhecido por nós naquela época em que terminávamos o colegial e começávamos a procurar o que prestar. Para nossa região trazer essa Faculdade foi muito importante e até hoje ela é muito importante para nós.

P: O que significou a Escola de Odontologia em sua vida profissional?

R: Eu tinha uma opção: ou seria comerciante ou não. Como eu já tinha experiência de comerciante dos oito anos de idade até os vinte e três anos quando eu cursava a Faculdade de Odonto e eu trabalhava na drogaria do meu pai. Então eu optei por fazer a Faculdade de Odontologia, e, realmente, achei que o comércio não era pra mim e quando eu cursei a Faculdade eu tive um entusiasmo muito grande porque foi uma área dentro do curso de odontologia que me agradou muito. Os professores nossos vieram, por exemplo, da Faculdade de Odontologia de Bauru, Araraquara, Diamantina. Veio um grupo na época através do coordenador que era o Sr. Assis Vieira da USP, e ele conseguiu congrega vários professores na primeira e segunda turma. Então nós tivemos um incentivo muito grande, pois eram profissionais já ligados à pesquisa e nós como estudantes saídos do colegial, achando que sabíamos alguma coisa, mas na verdade não sabíamos nada, nos sentimos estimulados quando entramos na Faculdade, pois isso foi um campo, uma visão muito grande para nós. Por isso assim que eu terminei o Curso, já procurei fazer a especialização, provavelmente pela índole desses nossos professores.

P: O que significou/representou o Curso de Odontologia para você? Para sua família?

R: Na época em que eu prestei o vestibular para Odonto meus pais foram contra pois queriam que eu escolhesse outro curso ou mesmo Farmácia, Medicina, que já eram cursos tradicionais na época. Mas para a nossa família, o vestibular, “Não, não quero mais ficar estudando física, química, vamos ver o que vai dar. O máximo que eu pode acontecer é eu me formar. E me formaria com 22, 23 anos. Se eu não gostasse do curso eu faria outro curso”. Mas depois eu vi que realmente a Odontologia era aquilo que eu tinha que ter feito mesmo e meus pais mais tarde falavam que eu realmente escolhi a profissão certa. Meu pai já faleceu, mas minha mãe até hoje diz. Então são coisas que acontecem, não sabe o que vai fazer porque é muito jovem, toma algumas decisões que podem complicar, mas fui feliz nessa decisão minha. Gosto muito de Odontologia.

P: Como foi visto o Curso de Odontologia pela sociedade uberlandense?

R: Já existiam outros cursos em Uberlândia, mas a Odontologia veio beneficiar muito a comunidade em termos de repassar para os demais cidadãos aquela Odontologia moderna, aquela Odontologia que na época eram mais dentistas práticos do que os profissionais, então eu acho que foi não só para Uberlândia, mas para as regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, isso tudo veio trazer para nós um enriquecimento cultural, enriquecimento de atendimento aos pacientes, novos recursos e técnicas, tratamentos diferenciados, e isso trouxe crescimento, pois a Faculdade mais perto que tinha, agora estou me lembrando, era a Faculdade em Uberaba que era particular e é até hoje. Então, eu acho que para nós da comunidade de Uberlândia ela só veio enriquecer, não só de Uberlândia mas da região também.

P: A Escola de Odontologia trouxe alguma modificação na sociedade uberlandense? Modificou alguma coisa? Em que?

R: Eu acho que a sociedade em si começa a respeitar um pouco mais aquela Odontologia que fazia-se naquela época, não que seja empírica, porque naquela época existiam muitos dentistas fracos, eu me recordo bem que quando eu era aluno na Faculdade, algum dentista

foi autuado, foi preso, teve seu consultório tomado. Então a gente via que a Odontologia não tinha aquelas condições em que podia se passar ao pacientes recursos maiores de técnicas. E eu acho que a Faculdade veio trazer aos nossos uberlandenses uma motivação muito peculiar de melhorias e com isso a população foi vendo que a Odontologia podia ser diferente daquela dos anos 50, 60. Naquela época eram os anos 70 e a Odontologia foi uma transformação.

P: Para você a criação da Escola de Odontologia veio atender a interesses de quem? Para que? Para quem?

R: Que seja político, que seja social, você vê que hoje Uberlândia representa um pólo praticamente universitário com a vinda de várias Faculdades pelos políticos daquela época, seja quem for que puxou para cada área: os da Odonto, os da Medicina, da Engenharia, todas as áreas, mas na verdade essa população de Uberlândia foi ficando quase que uma população universitária. Se não me engano, em termos de porcentagem, a Argentina tem uma população muito maior no nível de terceiro grau do que o Brasil, mesmo com as Escolas crescendo da forma que estão. O pessoal diz que tem muita Faculdade de Odonto, muita faculdade de Medicina, ou de Farmácia, de Engenharia, mas mesmo assim o aluno que terminou o colegial ainda não está tendo acesso. O Brasil fica hoje em uma faixa de 14, 19% dessa população em termos de Universidade. Já na Argentina o acesso é de 32% no nível de terceiro grau. Como dar o acesso a esse aluno à Faculdade aí eu acho que tem que partir do Governo. Uma situação onde hoje esse pessoal está fazendo bolsas, isenção de impostos de renda para universidades particulares para que você possa fazer seu curso de graduação às vezes “gratuito” ou com desconto de 40 a 60% na mensalidade, ou após a formatura, trabalhar para uma cidade ou para o próprio Governo em algum lugar, mas que dê condições à nossa população jovem de fazer uma Universidade.

Eu acho que o que você perguntou foi em relação aos interesses, mas que sejam dos políticos, que seja também para que, ou seja, para essa formação universitária que os jovens precisam... E que vai refletir com certeza na melhoria da mão-de-obra de qualquer trabalho. Imagine assim, em um trabalho que você chega num banco, por exemplo, num atendimento numa entidade do próprio Governo que você chega, tem uma pessoa que já fez um terceiro grau e vai fazer o atendimento, com certeza você vai ter melhores atendimentos, mais rapidez nesse trabalho, mais conscientização, uma mão de obra mais qualificada, vai elevar com certeza o nível cultural da nossa região que atrairia mais profissionais de outras áreas para cá. Até empresas.

P: Quem promoveu a criação do Curso de Odontologia?

R: Na época em que nós prestamos o concurso para vestibular, foi uma surpresa para nós alunos de 68, 69, da época do Estadual, por que: “olha, surgiu um curso de Odonto aqui em Uberlândia, vamos prestar o vestibular?”. Daí a gente lembrava que naquela época alguns profissionais da área da Odontologia estavam querendo trazer esse Curso para cá, mas a gente era jovem, não éramos muito ligados a essa área de política, mas depois que entramos na Universidade sentimos que alguns funcionários tinham idealismo, como Dr. Laerte Alvarenga era um profissional da nossa área, chegou a ser coordenador, diretor da Faculdade, e ele trouxe o professor Dioracy Fonterrada Vieira porque ele era um profissional que tinha um relacionamento muito grande fora de Uberlândia e com isso

outros políticos na época como o Dr. Homero Santos, um pioneiro, quem puxava mesmo, queria ver nossa região crescendo. Nós tivemos muita sorte de ter essas pessoas e o próprio acordo que nós tivemos naquela época do Homero Santos junto com o Governador que era o Rondon Pacheco. Então, a gente lembra na época de inauguração da clínica o quanto foi importante o apoio político. Foram muito importantes essas pessoas com esse idealismo e espero que continue a ter gente com esse ideal para que não só na Odontologia, mas em qualquer outra área, até, às vezes, na área de empresas, de políticas, de trazer para nós, para nossa região um maior crescimento que está gerando a criação do pólo universitário. Queria que tivesse um pólo industrial muito maior do que nós temos hoje para trazer mais empregos para esses profissionais que estão aí formando, e também para a população em termos de empregos, através de indústrias que poderiam vir mais para Uberlândia. Então eu acredito que o que essas pessoas fizeram foram as sementes que eles colocaram, porque essa semente germinou, cresceu e foi florescendo. Então eu hoje acredito que a gente tem que agradecer muito a esse pessoal que nos ajudou naquela época. Hoje nós vemos a idéia da Faculdade, o tanto que isso cresceu e o quanto Uberlândia aumentou com isso: a nossa população, em termos de trabalho para o pessoal aqui em Uberlândia.

Complemento curricular: Fiz a graduação em Uberlândia, a especialização em endodontia na Faculdade de Odontologia de Araraquara, e posteriormente eu fiz o mestrado e o doutorado na área de endo também na Faculdade de Odontologia de Bauru. Aí paramos por aqui, acho que eu já me dediquei muito. RS Mas se ainda tiver alguma coisa a contribuir, lógico que aos poucos a gente vai fazendo à medida do possível para o nosso enriquecimento cultural.

Entrevista nº04 , realizada em Uberlândia, dia 22/02/2006.
Entrevistado: Wanderley Alves Ribeiro (conhecido pelos colegas como Wanderley magro)
Qualificação Prévia: cirurgião dentista, ex-aluno da 3ª turma – 1975. Especialista em Periodontia pela Faculdade de Bauru em 1980.
Nome da Mãe: Jacir Ribeiro da Silva, do lar.
Nome do Pai: José Alves da Silva, comerciante
Local de nascimento: Indianópolis MG
Classe social a que pertencia na época do curso: classe média

P: Pergunta R: Resposta

P: Quando o Senhor veio para Uberlândia?

R: Vim para Uberlândia em 1967.

P: Percurso escolar desde o início até o ingresso e a conclusão da Faculdade.

R: O primário eu fiz em Indianópolis no colégio do Estado, o Ginásio foi em Araguari, Estadual também, e a partir do colegial já foi particular em Campinas, São Paulo.

P: A Faculdade era paga?

R: Era Autarquia. Pagava só 50% e o resto quem pagava era o Estado. Hoje seria em torno de meio a um salário mínimo, então a Faculdade hoje está muito mais cara.

P: Depois de formado como foi o ingresso no mercado de trabalho? Correspondeu às expectativas?

R: Eu abri um consultório na época de estudante, em maio de 1975.

P: Em 75 o Senhor já estava atendendo?

R: Eu já estava atendendo.

P: O Dr. Falou que vocês montavam uma arapuca⁴?

R: Era uma arapuca.

P: A clínica parece que montou só no finalzinho, não foi?

R: A clínica mesmo foi em 1973.

P: Depois de formado como foi o ingresso no mercado de trabalho? Correspondeu às expectativas?

R: Teve uma decadência muito grande. A maior parte foi pelo Governo e também a concorrência aumentou demais. No início era bem melhor a profissão. Na época dos militares era outra coisa.

P: Tinham muitos dentistas práticos naquela época?

R: Naquela época existiam dentistas práticos, mas isso não atrapalhava em nada. Tinham mais dentistas formados que práticos. Mas dependendo da cidade... No interior tinham mais práticos.

P: E eles eram bons? O povo gostava?

R: Na parte de prótese eles até preferiam o prático. Prótese total, prótese removível, eles eram... É que eles mesmos faziam, não mandavam para protéticos.

P: E antes de existir a Faculdade aqui, os dentistas formados vinham de onde?

R: Principalmente de Uberaba.

P: O que representava para você ter uma Faculdade de Odontologia em Uberlândia?

R: Na época foi muito bom, tinham poucas Faculdades aqui. Era a Engenharia com duas especialidades, Medicina, Veterinária, Educação Física, Direito e então, Odontologia.

P: O que significou/ representou a Escola de Odontologia em sua vida profissional?

R: Foi bom demais.

P: E o que o levou a escolher Odontologia?

R: Eu não queria ser empregado.

⁴ Consultórios que eram montados em uma sala da residência do estudante ainda não formado, com intuito de atender para ganhar dinheiro e aproveitar para desenvolver trabalhos. Chamava-se arapuca pois os atendentes eram estudantes que não haviam se formado, mas já começavam a “caçar” pacientes.

P: O pai do senhor era comerciante. O senhor teve experiência trabalhando com ele?

R: Eu trabalhei na época de criança. Depois ele vendeu o comércio e foi mexer com fazenda. Para a fazenda eu já não quis ir. Eu fui estudar.

P: O que significou para sua família o senhor ter escolhido o Curso de Odontologia? Eles apoiaram?

R: Eles só apoiaram porque eu já tinha começado um curso de Economia e desisti. E naquela época eu tinha problema com sangue não me sentia bem com sangue. Quando eu parei de fazer eles acharam que eu não ia até o fim. Eles apoiaram. Acabei fazendo especialidade em periodontia, mexia com sangue.

P: Como foi visto o Curso de Odontologia pela comunidade uberlandense?

R: A Faculdade foi bem recebida, principalmente porque proporcionaram a parte prática, atendia sem pagar nada. Inclusive aquela parte da Odontologia foi doação, não foi a Faculdade nem a Universidade que comprou não, foram os franciscanos da igreja que doaram o departamento para a Odontologia. Tanto que eles já tentaram até vender aquilo lá, mas não consegue né?

P: Então tanto a comunidade saiu ganhando como ficou feliz com tratamentos gratuitos? Tinha uma grande demanda pelos serviços odontológicos?

R: Tinha.

P: E como funcionava? Dois alunos atendiam um paciente?

R: Era em dupla. Um auxiliava o outro.

P: A Escola de Odontologia trouxe alguma modificação na sociedade uberlandense? Modificou alguma coisa? Em que?

R: Modificou muito porque naquela época não tinham nem professores aqui. Eles vinham de Bauru, Ribeirão Preto, Araraquara. Num instantinho começou a dar emprego para professores aqui. Hoje está a turminha toda que formou aqui.

P: Vocês tiveram bons professores aqui? E depois esses professores voltaram para suas cidades e começou a contratação do pessoal daqui?

R: Ahã. É que depois fizeram um regulamento de que professor não podia morar além de cinquenta quilômetros daqui. Eles tinham que morar mais perto da cidade de Uberlândia.

P: Para você a criação da Escola de Odontologia veio atender a interesses de quem?

R: Eu me lembro muito na época teve o Homero Santos, teve o diretor, Dr. Laerte. O que era o Reitor daqui era da Odontologia, Veterinária e Educação Física, que era uma Autarquia formada por essas três Faculdades. Então o Wilson Ribeiro teve muita influência.

P: Para que? Para quem?

R: Eu tenho a impressão que era mais político. Teve o Homero Santos, o que antes era deputado federal... Tivemos a ajuda do governador, Rondon Pacheco.

P: O Senhor se lembra de algum movimento do povo na época? Os dentistas daqui queriam trazer a Faculdade?

R: Teve o doutor Osmar Alvarenga, o doutor Laerte que já tinha consultório particular, o Verjani, que chegou a ser professor. Eles queriam trazer para formalizar a profissão. Na época tinha uma briga para tirarem os práticos. Até o Osmar Alvarenga que era o representante do Conselho. E tinham mãos de ferro que fechavam os consultórios, prendia. Vigiam.

P: Quem promoveu a criação do Curso de Odontologia?

R: Eu não sei te falar assim, mas acho que foi o doutor Laerte. Ele foi o primeiro diretor e ele tinha muita influência de Bauru. Ele trouxe muitos professores.

P: No começo do Curso existiu alguma dificuldade? De material, de professores, local de estudo?

R: Não, o curso foi tranquilo. Teve o auxílio do Curso de Medicina, pois o Curso teórico era feito lá, com os professores de lá. Na parte de Anatomia, Fisiologia, Citologia, usávamos os professores da Medicina. A “Autarquia”: a Veterinária, a Educação Física, a Odontologia estudaram na Medicina.

P: Lá atendiam mais as pessoas carentes?

R: Não tinha uma classe específica. Às vezes, levávamos parentes. Eu mesmo praticava com parentes.

P: E o Sr. montou seu consultório quando mesmo?

R: Em 1973, nós montamos em Indianópolis. Depois foi aqui em Uberlândia. Eu fazia o segundo ano e o rapaz fazia o quarto, eu o auxiliava. Depois passei para o terceiro, e no final eu fiquei sozinho. Eu lembro que foi no Tibery por seis meses, depois eu fui para a minha casa.

P: Qual foi a mudança na sua vida, qual a importância da Faculdade de Odontologia na vida do Senhor?

R: Para mim foi uma profissão que eu tive, já tem mais de trinta anos... foi minha vida.

P: E o Senhor pensa em continuar como periodontista?

R: Já me aposentei, mas continuo como clínico geral.

P: O pessoal da sua turma pertencia principalmente a qual classe social?

R: Era mais classe média, não era um nível alto não.

P: A população prestigiava mais o Curso de Medicina? Como era a concorrência para o Curso de Odontologia?

R: Na minha turma já deu mais de dois candidatos por vaga. Na primeira turma nem preencheu. Depois foi crescendo. Começou a turma feminina depois. Na minha turma era 50%. O pessoal era mais velho e muita gente não trabalhava porque era apertado, era tempo integral o primeiro ano, até de noite. No segundo ano era o dia todo.

P: Mudou a vida do Senhor?

R: Ah, mudou. Não me arrependi de ter deixado a Economia não. Na época eu era até bancário, mas não me arrependi não.

P: Mesmo não gostando de sangue, o Senhor escolheu a Odontologia por quê? Mais mesmo para ser um profissional liberal?

R: Para ser profissional liberal, para não ser empregado, e eu tinha uma simpatia também. Eu já tinha um primo que era dentista. Na Medicina a gente pensava que não dava conta, né? E era bem mais “caro” que Odonto, era bem mais puxada e era toda particular.

P: O Senhor se lembra de algum fato, alguma história que chamou a atenção durante o curso do Senhor?

R: Não. Era um curso tranquilo, eu terminei e já estava atendendo. Não teve greve.

P: E o reconhecimento do seu diploma? Como foi?

R: Na época eu mexia com política, porque eu queria sair daqui de Uberlândia, então foi fácil. O meu CRO foi mais recente do que a maioria da turma e até de quem formou primeiro do que eu. Consegui juntamente com o Homero. Consegui uma carta com o Homero, fui a Belo Horizonte e consegui bem mais rápido do que todo mundo. Não me lembro de alguém que conseguiu rápido assim.

P: O Senhor atuou na área política também?

R: Não, tinha só esse contato de amizade. Porque a minha família mexia muito com política em Indianópolis. Minha família hoje está aqui, tem muita gente em Indianópolis também.

P: E o Senhor tem filhos?

R: Tenho duas filhas. Uma é farmacêutica e a outra é enfermeira padrão. Ninguém quis Odontologia.

P: Essa entrevista vai nos ajudar a construir a história da FOU. Então para deixar gravado, tem algo que o senhor gostaria de dizer? Para as próximas gerações do Senhor saberem, sobre a Faculdade, sobre aquela época? O Senhor diz que na época dos militares foi boa a época para trabalho...

R: Não só para a minha profissão, para tudo. O Brasil cresceu muito, naquela época tinha menos gente para a concorrência, o povo tinha mais condições para pagar, as coisas eram mais baratas. Você comprava um consultório em sete, oito prestações sem juros. Os bancos ajudavam. Na época de estudante eu comprei meu material de cirurgia pela Caixa Econômica Federal. Hoje isso não existe de jeito nenhum. Se for fazer hoje, o banco toma seu consultório. Eu comprei o material em três mil, não me lembro mais o que era esses três mil, mas com um prazo de noventa dias para eu pagar mil e quinhentos. Depois com mais sessenta dias, pagava setecentos e cinquenta e mais os juros, que eram baixos. Depois com mais trinta dias pagava o restante mais os juros.

Complemento curricular: Especializei-me em 1980 em Baurú em periodontia. Fiz congressos em São Paulo de dois em dois anos, da ABO. Não dou aulas, nunca gostei dessa parte acadêmica, tem muita implicação, muita briga. Até na minha época eu via, professor tentando pisar nos outros.

Entrevista nº05 , realizada em Uberlândia, dia 22/02/2006.
Entrevistado: Vanderlei Luiz Gomes (conhecido pelos colegas como Vanderlei gordo)
Qualificação Prévia: cirurgião dentista, ex-aluno da 3ª turma – 1975. Mestre em Clínicas Odontológicas pela USP/SP em 1986; Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela UFU/MG em 1979; Professor Titular da Universidade Federal de Uberlândia.
Nome da Mãe: Odília Maria dos Santos, do lar.
Nome do Pai: Manoel Gomes dos Santos, ferroviário.
Local de nascimento: Tupaciguara MG
Classe social a que pertencia na época do curso: classe média baixa

P: Pergunta R: Resposta

P: Quem custeou seus estudos?

R: Minha família. A escola era Estadual. Neste momento, mantive bolsa de monitoria por dois anos. O restante eu complementava com trabalhos que eu fazia.

P: Qual seu percurso escolar até seu início na Faculdade?

R: Sempre estudei em escola pública aqui em Uberlândia. Estudei no Coronel Carneiro, no Amador Naves e depois no Colégio Estadual. Moro em Uberlândia desde os 4 anos de idade.

P: Depois de formado, como foi seu ingresso no mercado de trabalho? Corresponderam as expectativas?

R: Eu trabalhei com consultório particular em Uberlândia por 7 a 8 anos. Simultaneamente, após formado, permaneci na Faculdade, lecionando. Um ano como professor voluntário, em torno de 16 horas por semana. E no ano de 1977, no dia 1º de abril de 1977 fui contratado e permaneço na Faculdade até hoje. Em 1982/83, fechei meu consultório particular. Tornei-me professor de dedicação exclusiva. Desde então, mantenho este vínculo de professor de dedicação exclusiva, sem nenhum outro vínculo empregatício. Em 1978/79 fiz Metodologia do Ensino Superior a nível de especialização em uma turma que a Universidade formou. Em 1983/85 fiz Mestrado na USP de São Paulo em Clínicas Odontológicas. De 1991/96 fiz doutorado na USP de Ribeirão Preto.

P: O que representava para você ter uma Faculdade de Odontologia em Uberlândia?

R: Foi a oportunidade que nós que não possuímos condições de nos manter fora de Uberlândia para fazer uma Faculdade de poder cursar um Curso sério, que já vislumbrava uma profissão de muito futuro. Naquela época tinham poucas Faculdades de Odontologia no país. Era uma possibilidade muito grande de trabalho. Então, a gente fez, aproveitando a oportunidade da criação da Escola, esta introdução no Ensino Superior e depois no magistério.

P: Como foi visto o Curso de Odontologia pela comunidade uberlandense?

R: O que eu lembro é que todas as Escolas Superiores eram muito bem recebidas pela população. E todos os movimentos que a gente fazia eram movimentos que vinham ao encontro a fortalecer o vínculo com a sociedade. O trote de nossa turma foi para a época um trote avançado. Nos saímos com nossos veteranos nas ruas de Uberlândia, com auxílio dos militares do quartel fazendo angariações de bens, como roupas, e esse material depois foi distribuído para a sociedade. Recebemos também muitos eletrodomésticos. Isto marcou nossas vidas e fez com que a Faculdade chegasse muito mais próxima ao povo. Sempre nossa Faculdade teve um caráter social muito grande. Tivemos muito tempo, e ainda temos, uma grande carga horária na disciplina de Odontologia Social e Preventiva, que faz este contato com a sociedade. Portanto a Odontologia esteve sempre próxima da sociedade, em trabalhos em grupos escolares, em ajuda ao atender a população com a parte de cirurgia, de prótese removível por um bom período de tempo, enquanto duraram as UDAS (Unidades de Diagnóstico e Assistência Social), a gente fazia parte das UDAS, isso trouxe muita coisa pra sociedade. A nossa turma foi no ano de 1973/74, veio trabalhando pelo início da fluoretação de água em Uberlândia, nós participamos dos primeiros levantamentos e depois do acompanhamento desta fluoretação. Simultaneamente, a Odontologia voltada para crianças que era trabalhada nos grupos escolares.

P: Para sua família como era visto o Curso de Odontologia?

R: Praticamente, eu sou um dos únicos da época a ter chegado na Faculdade. Isso é um orgulho muito grande para meus pais. Principalmente, para meu pai, que era um professor de escola rural, ver o filho chegar em uma Faculdade, principalmente, uma Faculdade na área de saúde muito disputada como era a da Odontologia. Só existiu essa possibilidade com a criação desta Faculdade em Uberlândia, caso contrário eu não estaria fazendo.

P: O que significou o Curso de Odontologia para você?

R: Ele encaixa na minha vida desde o primeiro momento e hoje é a minha segunda família, é minha família de trabalho, às vezes, até mais que a minha família humana. Eu tenho a odontologia como uma segunda família mesmo.

P: Para você a criação da Escola de Odontologia veio atender a interesses de quem? Para que? Para quem?

R: Eu vejo muito mais pelo lado do progresso. Se tivéssemos como pensamento o idealismo do Homero Santos, do Rondon Pacheco, que fizeram esta Faculdade, nos dias de hoje, provavelmente, Uberlândia e o Brasil seriam muito melhores. Não me preocupo se o

acontecido nos idos de 1968 foi de questão política. Se teve um cunho político, o fundo social prevaleceu. O que eles conseguiram deixar para Uberlândia, é o que mais tarde viria a ser a Universidade Federal de Uberlândia, vale muito mais que qualquer outro pensamento que porventura passou na cabeça de alguém que tivesse uma vontade política. A UFU hoje não é mais um nicho de Uberlândia. Nós resolvemos muito bem os problemas da região e do Brasil. Se lá atrás teve esse cunho político, eu acho que foi muito bom. Que tenham então outras pessoas idealizadoras que tenham este orgulho de fazer uma coisa pensando no próximo e que mais tarde vai trazer os frutos que a Universidade trouxe para nós.

P: Quem promoveu a criação do Curso de Odontologia?

R: Citar nomes sempre é muito ingrato. Seria bom olhar as atas dos arquivos da Faculdade, através dos livros de departamentos, você vai ter todos aqueles professores que começaram o curso e que vieram para Uberlândia para estar aqui com a gente ministrando aulas, pois tínhamos professores que vinham de vários pontos do Brasil, por longos períodos. Eles, as vezes, ficavam sem rendimentos, porque a Autarquia não disponibilizava o dinheiro para pagar e esse pessoal vinha religiosamente aos finais de semana ministrar aulas para nós. Vinham professores de Bauru, Araraquara, Diamantina, Uberaba. Eles vinham apesar de não receber nada, mas com promessas de virem a receber um dia, vinham com despesas pagas, as vezes, até por eles, no carro deles. Nesta andança tivemos um acidente com um professor que vinha de Bauru, professor Noracilde, por volta de 1973. Isso sem perceber sua remuneração mensal. Isso para nós era um orgulho muito grande. Eram professores que geralmente nas Faculdades deles geralmente lecionavam no Mestrado, no Doutorado, e assim, na graduação em Uberlândia. Isso nos deixava muito orgulhosos e nos preenchia completamente em termos de conteúdo.

P: Existe algum fato ou evento que seria interessante deixar registrado sobre a Faculdade de Odontologia?

R: Nós das primeiras turmas não podemos esquecer da batalha para manter este Curso em pé. Desde o momento da primeira clínica, que já veio no encerrar da primeira turma. A primeira turma já estava fechando o Curso foi quando se montou a primeira clínica. Na maioria das vezes esse pessoal ia para o consultório dos professores desenvolver atividades. E depois a manutenção destas clínicas. Criou-se uma estrutura, uma Autarquia e, as vezes, nós não tínhamos disponibilidade financeira para estar comprando medicamentos, produtos odontológicos para atuação na clínica. Tínhamos momento em que grupos de alunos se reuniam para comprar um litro de álcool, para buscar um anestésico. Uma ajuda muito grande dos políticos da época. Bastava que se telefonasse para eles e eles já mandavam a gente ir no comércio, deixavam uma autorização para que a gente comprasse o material. E não parou a dificuldade, mesmo com tantas dificuldades e lutas a Faculdade conseguiu chegar onde esta hoje. Foram movimentos tanto de alunos quanto de professores. Ambos realmente colocavam a mão no bolso.

P: A comunidade ganhou o que com a criação da Faculdade de Odontologia? Existia um atendimento gratuito? O que a comunidade uberlandense ganhou com a Faculdade?

R: Todo o trabalho do Curso de graduação desde os primórdios da Faculdade são trabalhos que não oneram o paciente. Ele sempre desenvolveu atividades, ou ora por conta da própria Autarquia, ou depois que se tornou Universidade e depois pelo sistema de saúde. Um sistema de qualidade e de preço acessível. Já chegamos a atender mais de 3.000 pessoas por mês. Hoje não sei qual é a escala, mas já tivemos esse número. Hoje devemos ter em nossos arquivos mais de 100.000/110.000 prontuários registrados. Para uma população de 600.000 habitantes, o arquivo da Faculdade de Odontologia ter um número tão expressivo, acho que é muito importante. É significativo. O trabalho social que a Faculdade desenvolve nos grupos escolares, junto também a problemas da Prefeitura, em praças públicas, nosso trabalho de Pronto Socorro 24hs, que é um trabalho muito bem preparado para atender ao público, que atende as urgências e as emergências. E a formação do profissional. Hoje estamos na 76ª turma, já são mais de 2800 alunos de Odontologia em trabalho. Também não podemos nos esquecer da Escola Técnica, pois os cursos formados para a Odontologia que hoje nós temos nasceu dentro do Curso de Odontologia, o Curso de Prótese, o de THD (Técnico em Higiene Dental)...Ajudamos a tornar a antiga Escola Técnica de Enfermagem em hoje a Escola Técnica de Segundo Grau da Universidade Federal de Uberlândia. Quer dizer, isso tudo trouxe um retorno para a sociedade muito forte. E a quantidade e qualidade de profissionais que nós temos colocado no mercado. Com formação em Odontologia. Hoje temos 7 cursos de especialização em várias áreas de ensino. E de 4 anos para cá nosso Mestrado, que está sendo muito bem aceito. É um mestrado para a formação de docentes, acadêmico. Formamos em torno de 25/28 profissionais a cada ano para o ensino de Odontologia. Isso é muito importante. Esse retorno que a Faculdade tem dado a sociedade, e ela tem nos agradecido muito quando avaliações são feitas e nós somos lembrados como uma Escola de nível.

Entrevista nº06 , realizada em Uberlândia, dia 22/02/2006.
Entrevistado: Alfredo Júlio Fernandes Neto
Qualificação Prévia: cirurgião dentista, ex-aluno da 3ª turma – 1975; Mestre em Reabilitação Oral e Prótese pela USP/Bauru em 1982; Professor Titular da Universidade Federal de Uberlândia.
Nome da Mãe: Terezinha Fernandes Barbosa, comerciante.
Nome do Pai: Sinelor Fernandes, contabilista e comerciante.
Classe social a que pertencia na época do curso: classe média

P: Pergunta R: Resposta

P: Como você fez para custear seus estudos durante a Faculdade?

R: Quando eu passei no vestibular meu pai financiava. Na época a Escola era particular. Eu paguei a Faculdade nos dois primeiros anos. Nos dois últimos, como sempre fui representante dos alunos nos Conselhos Superiores da Faculdade, na época era o Conselho de Coordenação que hoje é o Conselho de Pesquisa e o Conselho Universitário. Naquela época todos que participavam das reuniões recebiam uma gratificação por participar das reuniões. Como eu era aluno, eu não recebia, mas também não pagava a Faculdade. E no ultimo ano eu fui monitor, isso me dava isenção de pagamento da faculdade. Então nos últimos 2 anos eu não paguei a Faculdade, mas o meu sustento sempre veio do meu pai.

P: Qual foi seu percurso escolar desde o início de seus estudos até seu ingresso na Faculdade de Odontologia?

R: O primário eu cursei no Liceu de Uberlândia. Estudei também no Externato São José. Minha família mudou para Ipameri em Goiás e lá eu estudei no Colégio Estadual Professor Eduardo Mancini. E de lá eu regressei para Uberlândia e estudei no Colégio Brasil Central, quando faltava um ano eu prestei Madureza, que era um supletivo, então antecipei a minha entrada no vestibular. Daí ingressei na Faculdade de Odontologia.

P: Depois de formado, como foi seu ingresso no mercado de trabalho? Correspondeu as suas expectativas?

R: Quando formei já havia definido onde eu iria ficar. Com um mês de formado eu já estava com um consultório montado aqui em Uberlândia na Avenida Afonso Pena no Conjunto Uberlândia. No final do ano eu fui passear em Ipameri e percebi que lá possuía uma demanda muito grande de dentistas e montei um outro consultório lá. Então eu trabalhava de segunda a quarta em Ipameri e de quinta a sábado aqui. Sendo que no sábado

eu ficava na faculdade como professor voluntário. Até que fui convidado para fazer parte do quadro de professores da Faculdade.

P: E a carreira profissional, como foi?

R: Eu me formei em 1975. Em 1977 fui contratado pela Faculdade de Odontologia na cadeira de Materiais Dentários. Dia 1º de maio eu estava chegando a Bauru para fazer um estágio. Naquela época não existia Mestrado nesta disciplina. O Mestrado teria que ser em outra área. Como já tinham começado todos os cursos, um professor me convidou para fazer esse estágio. E eu fiquei de maio a dezembro fazendo este estágio e assistindo como ouvinte o curso de Mestrado em Dentística. Retornei para Uberlândia em 1978 e em 1979 eu fui como aluno regular de Mestrado em Bauru na área de Reabilitação Oral e defendi a tese em 1982. Voltei para Uberlândia e em 1991 fui para Ribeirão fazer o Doutorado, na USP também, na área de Reabilitação Oral.

P: O que representava para você ter uma Faculdade de Odontologia em Uberlândia?

R: Na época eu não tinha muito entendimento do que representava isso não. Eu era muito jovem. Quando fiz cursinho a minha primeira opção era Engenharia. E por influencia dos próprios colegas fiz inscrição para o vestibular em Odontologia já no último dia. Ingressei no curso e estou feliz até hoje aqui. Mas naquela época foi importante, pois tinham poucas Faculdades no Brasil, e aqui na região ou se ia para Uberaba ou Ribeirão Preto. E lá era bem mais caro. Era um Curso integral que não te dava condições para trabalhar, e ainda tinha que comprar instrumental e tudo mais. Foi muito importante esta Faculdade. Naquela época a cidade era bem diferente. Mudou a economia, o perfil social e econômico de Uberlândia, mudou muito com a vinda destes Cursos Superiores. E é o que está acontecendo hoje. Toda cidade de porte médio tem uma Faculdade modifica muito. Foi o que representou a Odontologia para Uberlândia em 1970.

P: O que significou a Escola de Odontologia na sua vida profissional?

R: Ela representou tudo. Se eu não tivesse entrado na Faculdade hoje, eu seria uma pessoa totalmente diferente do que sou, o oposto talvez. Naquela época as condições eram diferentes. A primeira especialização em Uberlândia quem montou e coordenou durante 20 anos fui eu. Quer dizer, se eu não tivesse entrado talvez a especialização tivesse vindo só depois. Eu fui o primeiro. Ao ingressar dentro da faculdade eu nunca fui um aluno brilhante. Nunca fui “CDF”. Eu era da turma do meio. Mas as pessoas que acreditaram em mim e me deram oportunidade, me fizeram ter essa responsabilidade. Meu medo era decepcionar quem acreditava em mim. E alguns professores da Faculdade, depois grandes expoentes da Odontologia foi que me deram essa oportunidade. Ainda hoje meu medo não é de errar, e sim de decepcionar as pessoas que acreditaram em mim. E agora hoje tenho medo não só de decepcionar aqueles que acreditaram em mim, mas os novos que acreditam em mim, como modelo, como conduta a ser seguida. Preocupo-me em ser um bom modelo para a juventude, pois participo de sua formação. Quero ser um bom exemplo assim como tive meus bons exemplos.

P: Para sua família, como era visto o Curso de Odontologia?

R: Para meus pais foi um orgulho muito grande em me ver ingressando na Faculdade. Quando eu ingressei, a Faculdade aqui era particular e o vestibular aqui era concorrido. Hoje em uma Faculdade particular, às vezes, nem tem vestibular, é por ordem de chegada. Mesmo assim, para meus pais foi um orgulho. Eles tinham um poder aquisitivo baixo, e a origem deles era assim. Para eles ver um filho ingressando na Faculdade foi uma satisfação muito grande. Quando fui convidado a ser professor a satisfação foi maior ainda. Para meu pai foi um sonho que era realizado por muito poucos. A satisfação de todo pai hoje é ter um filho estudando em uma Faculdade.

P: Como foi visto o Curso de Odontologia pela comunidade uberlandense?

R: Ele é sempre um Curso muito bem visto aonde ele vai, porque as pessoas acham que a Odontologia vai acabar com os problemas de saúde das pessoas. Na época tinha uma força política em Uberlândia muito grande, que lutava para a implementação deste curso. E era uma política muito bem vista. Qualquer proposta do Dr. Rondon Pacheco, do Dr. Homero Santos era motivo de festa e satisfação. A Faculdade foi criada como Autarquia Estadual na época e depois se transformou em uma fundação, até se tornar federal. Mas pra cidade era sempre bem vinda. Naqueles tempos ser estudante universitário era diferencial. Hoje se mistura muito, há muitas Faculdades e Universidades. Naquele tempo todo mundo sabia quais eram os jovens que eram alunos da Faculdade. Mudou a sociedade de Uberlândia. Algumas cidades aqui perto mais tradicionalistas pararam no tempo, e Uberlândia que acreditou na cultura, no Ensino Superior, se tornou no que ela é hoje. Então, todos nós, estudantes daqui, ou estudantes que vieram de fora estudar aqui, sempre foram muito bem recebidos.

P: Quem promoveu a criação do Curso de Odontologia?

R: Tem uma pessoa que jamais poderá ser esquecida, que é o Dr. Laerte Alvarenga Figueiredo. Eu acompanhei a história da Faculdade, sei que ele foi o grande mentor, o grande responsável. Ele tinha um senso de coletividade, e sonhou para Uberlândia uma Faculdade de Odontologia. E ele foi atrás disso, do poder político. Ele era uma pessoa que só fazia amigos, que não tinha arestas em lugar nenhum. Ele foi atrás com o sacrifício de sua família, em determinado momento não muito compreendido pela classe dos dentistas. Ele enfrentou tudo isso e foi atrás. O Dr. Laerte foi quem catalisou todas as forças e fez as pessoas entenderem a importância da implementação. Ele foi o primeiro diretor. Ele não teve a melhor saída da Faculdade. Mas ele tem sempre nosso respeito e gratidão e enquanto eu tiver aqui, como elemento desta história eu vou estar sempre reverenciando seu nome, porque ele merece.

P: Para você a criação da Escola de Odontologia veio atender a interesses de quem? Para que? Para quem?

R: O professor Laerte teve um interesse social. Ele mesmo como dentista em seu consultório sempre atendia os mais necessitados. Era uma pessoa de um coração imenso. Ele sabia desta necessidade social e a importância de se fazer à profissão crescer. Ele

buscou o apoio político, que sempre foi indispensável, pois tudo na nossa vida é político. O aspecto legal na época tinha que passar por isso aqui.

P: Teria algum fato que deveria ficar registrado na história da Odontologia?

R: A fundação passa pelo Dr. Laerte. Porque Uberlândia naquela época teve uma Faculdade de Odontologia que chegou aonde chegou? Ela não foi mais uma Faculdade. O Dr. Laerte, além dessa clarividência, ele buscou em São Paulo, o Dr. Dioracy Fonterrada Vieira, que era na época professor da Faculdade de Odontologia da USP em São Paulo, de materiais dentários. Ele montou a proposta pedagógica do Curso, foi o coordenador do Curso, trazido pelo Dr. Laerte. Porque uma Faculdade não se faz com prédios. Faz-se com programa e com competência para se desenvolver o programa. Faz-se com talentos humanos. Eles basearam o nosso projeto pedagógico na Faculdade de Odontologia de Bauru, na Universidade de São Paulo. Na época e ainda hoje, é tida como a Meca da Faculdade de Odontologia. E eles trouxeram o que tinha de bom em Bauru e adaptaram aquilo que não era tão bom, e implantaram em Uberlândia. É óbvio que na época não possuíamos em Uberlândia profissionais qualificados para o ensino. Tínhamos profissionais dentistas capazes para serem clínicos. Eles não estavam prontos para elaborar uma proposta de ensino. Então o professor Dioracy trouxe um grupo de professores de fora, de Bauru, de São Paulo, de Araraquara, de Diamantina. Foi onde começou esse programa, a Faculdade de Odontologia com esse currículo que seria iniciado com professores jovens, mas que ao longo do tempo se tornaram grandes expressões da Odontologia brasileira. Tínhamos o Dr. Paulo Amarantes, Dr. José Antonio de Campos Machado, Prof. Oliveira Tangri, que vinha de Diamantina, ele vinha semanalmente. Prof. Mario Roberto Leonardo. Esses professores então pegaram cirurgiões-dentistas de Uberlândia como assistentes e formaram uma equipe. Isso até se formar a primeira turma. Com a primeira turma, começamos nós os ex-alunos a nos qualificar. Esse foi o primeiro momento pedagógico da nossa escola. Por volta de 1976/77 assumiu a coordenação do Curso, aí deixou de ser Faculdade, passou a ser Universidade, passou de Faculdade a Centro de Ciências da Saúde, e assumiu a coordenação Professor Weiss Cunha. Ele também era um visionário. Na época comecei a participar desta discussão pedagógica, e foi quando foi discutido e implementado o atual currículo que nós temos ainda hoje. A Faculdade virou um projeto nacional patrocinado pela CAPES, a Fundação Care, que é uma fundação americana e a ADENO (Associação Brasileira de Ensino Odontológico). Então, em 1977, o professor Weiss com a equipe aqui da época, montou o currículo. Criando-se aí a clínica integrada. Muitas faculdades tinham essa dificuldade de montar a clínica integrada e a gente já tinha, desde 1977. Tínhamos clínica de endo, de perio, de prótese. Esse foi outro momento importante, foi com um pouco de sacrifício. Nada é fácil, implementado de uma hora pra outra. Nós temos hoje a proposta pedagógica de 1977, mas ela é inovadora. Acabamos de entrar em outro programa do Ministério da Educação e Ministério da Saúde, o Pró-Saúde, foram 58 faculdades que concorreram no Brasil, 21 foram aprovadas, para montar essa proposta pedagógica que estamos elaborando, que é mais avançada, mais inovadora. Nós queremos formar um dentista do que é a profissão hoje. Tudo mudou. Não é mais um dentista de 1970. A Odontologia não é mais uma profissão liberal. Dentista hoje ou ele tem emprego, ou ele tem convênio, ou ele trabalha pra alguém. Hoje o grande empregador é o Serviço Público e ele está preocupado em dar atenção primária a saúde. Enquanto que as Faculdades estão formando para a questão terciária, da tecnologia, da cura. Estamos hoje preocupados em

não mais o aluno ter aula na Faculdade, e sim no serviço, onde ele vai trabalhar. É um aluno que ficava numa redoma de vidro aqui, com grande tecnologia, mas quando ele forma ele vai pro Serviço Público, ele vai pro convênio, pro credenciamento, e vai trabalhar numa realidade totalmente diferente. Então isso é o que está norteando esta nova mudança que nós vamos dar hoje no Curso. Dentro de 1 ano, 1 ano e meio já deveremos estar dentro desta nova proposta. Dentro da proposta pedagógica estas foram as principais mudanças. E agora tentamos melhorar um pouco mais, atualizar o Curso. Quanto à questão da estabilidade financeira da faculdade, quando ela foi criada como autarquia, todos os alunos pagavam o preço não era exacerbado como é hoje. Com essa alteração de moeda, acredito que hoje nós pagaríamos uns R\$600,00 a R\$ 700,00, enquanto que as faculdades de hoje cobram R\$1500,00 até R\$1800,00. Mas na época não era das Faculdades mais “caras”, até porque tinha uma complementação do Estado, mas que era muito pequena, quase não dava. Às vezes os professores ficavam até quase seis meses sem receber. Eram professores abnegados, todos davam aula, não faltavam. E depois se transformou em Universidade, foi quando agrupou a Medicina, a Engenharia, que já eram federais, E Direito e Economia também. No governo de Figueiredo ele prometeu que federalizaria a Universidade Federal de Uberlândia, e tão logo ele tomou posse, aconteceu. Eu como aluno sei que nós deixamos de pagar quando o Figueiredo entrou e transformou para Federal. Mas houve na época muito empenho da sociedade. A Associação Comercial o próprio Sindicato Rural, toda a força de Uberlândia sempre deu apoio aos nossos políticos para ações políticas para que fosse federalizada a Universidade. E hoje está aí, é uma universidade de médio porte no país e uma Universidade que trabalha muito. E a nossa Faculdade começou como uma Faculdade particular, e hoje é uma Faculdade consolidada, onde nós temos nós temos um dos poucos graduação, sou suspeito pra falar, tive a oportunidade de ser presidente da Associação de Ensino Odontológico por 8 anos e conheci todo o ensino do Brasil. Por ter trabalhado na Comissão de Exame Nacional de Cursos por 8 anos do Ministério da Educação, também tive a oportunidade de conhecer a realidade brasileira, eu tenho plena convicção de que a nossa graduação é muito boa. Temos especialização em todas as áreas, e agora já estamos na 4^a Turma do Mestrado, em 2 áreas de concentração. Estamos aguardando a avaliação da CAPES para obter a nota mínima, que é 4, implantaremos este ano o programa de Doutorado. Aí iremos fechar uma Escola que nasceu no interior, particular, na época uma cidade pequena, hoje nós estamos uma Universidade Federal, onde hoje temos uma escola técnica de saúde que forma Técnicos em Prótese Dental e THD (Técnico em Higiene Dental). Quer dizer, atendemos ao ensino técnico da odontologia, nós formamos cirurgiões-dentistas para clínico geral, acredito que muito bem, nós formamos bem especialistas, e agora vamos formar acredito que bons professores para a Odontologia já com iniciação a pesquisa. E queremos formar doutores e pesquisadores em Odontologia. Ai acho que pelo menos a minha passagem nesta Faculdade já vai estar cumprida.

Entrevista nº07 , realizada em Uberlândia, dia 22/02/2006.
Entrevistado: Ailton Amado
Qualificação Prévia: cirurgião dentista, ex-aluno da 2ª turma – 1974.; Especialista em Radiologia pela Faculdade de Bauru em SP; Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela Universidade Estadual de Londrina em 1981; Professor Adjunto 4 da Universidade Federal de Uberlândia.
Mãe: falecida
Pai: comerciante aposentado
Local de nascimento: Uberlândia MG
Classe social a que pertencia na época do curso: classe média baixa

P: Pergunta R: Resposta

P: Como o senhor fez para custear a Faculdade de Odontologia?

R: Eu trabalhava de madrugada para pagar a Faculdade. Como era Autarquia, nós ganhávamos bolsa, ela vinha do, no meu caso, do Dr. Homero Santos. Mas foi por um ano somente. E eu pagava a Faculdade trabalhando no Colégio Estadual, eu era secretário substituto, dava aulas também. Tive que lutar bastante para chegar ao que sou hoje.

P: Qual foi seu percurso escolar desde o início até o ingresso e a conclusão da Faculdade?

R: Bem, estudei no Colégio Estadual de Uberlândia. O primário eu fiz no Externato Santa Terezinha, até a terceira série na época, depois eu passei para o Externato Nossa Senhora Aparecida, na quarta série. E conclui o quarto ano com idade inferior para entrar na primeira série do ginásio. Então tive que fazer um ano de exame de admissão no Colégio Estadual. Então, após aprovado, tive duas reprovações, uma na primeira série (do ginásio) e outra no primeiro colegial. Isso devido a uma série de fatores de carga emocional, inclusive devido ao falecimento de minha mãe. Prestei inclusive supletivo para ganhar tempo na UFMG. Depois prestei vestibular para Medicina em Belo Horizonte e depois vim para Uberlândia prestar vestibular para Medicina, que estava sendo a primeira turma. Infelizmente, fui classificado, mas não fui chamado. Então prestei vestibular para Odontologia. E aí eu fui chamado em 13º lugar.

P: Depois de formado, como foi o ingresso no mercado de trabalho, correspondeu as expectativas?

R: Olha, correspondeu mais do que eu esperava. Montei um consultório em julho de 1974, a minha primeira reação foi de fechá-lo. O custo estava muito alto para o tanto que eu

estava ganhando na época. Fui incentivado por minha esposa. Continuei trabalhando. Eu tinha que pagar Cr\$14.000,00 (quatorze mil cruzeiros) na época, além do que eu estava contratado pela Faculdade da época para ser professor auxiliar de ensino. Mas consegui, trabalhando, me dedicando, e no primeiro mês paguei todas as minhas contas e no segundo, terceiro em diante. Nunca tive um consultório parado, sempre bem movimentado. Minha clientela era fiel, persistente, e trabalhei até o ano de 1984 no consultório, e por ordens familiares tive que parar. Cobranças de filho.

P: E a carreira profissional, como foi?

R: Tudo que fazemos, fazemos por amor. A carreira de professor não foi por menos. Eu já lecionei no Colégio Estadual no ginásio, já trabalhei em uma biblioteca do colégio, trabalhei em uma secretaria. Então, esse trabalho sempre envolve a gente, em formações, dados, memórias e eu consegui, a todo custo, passar por isso. Não tenho nada a reclamar, graças a Deus da Odontologia. Eu só vejo que a Odontologia de hoje não é a Odontologia daquela minha época. Houve as melhoras, inovações, avanços tecnológicos e científicos, mas eu só vim a me especializar na minha área em que estava trabalhando em 81. E fui fazendo tudo isso por minha conta. Não contei com a ajuda da Faculdade com bolsa, com nada. Só tive uma ajuda de custo. Mas conseguimos.

P: O que representava para você ter uma Faculdade de Odontologia em Uberlândia?

R: Primeira coisa que devo colocar é a boa vontade e disponibilidade do Professor Laerte. Ele foi a mola que alavancou a Faculdade de Odontologia. Ele que procurou, correu atrás, viajava, quando ele conseguiu com o Rondon Pacheco a criação da Faculdade, ele selecionou o corpo docente. E nesta seleção, esse corpo docente vinha não nos horários comerciais normais. Eles vinham nos horário que tinham disponíveis nas Faculdades deles. Então, vinham no sábado, domingo e passavam 2 a 4 dias aqui. Muitas vezes eles eram acolhidos na residência do professor Laerte, para um jantar, ou até mesmo para hospedagem. E conseguimos fazer lá na Faculdade um alojamento, no 3º andar do saudoso prédio da Engenheiro Diniz. E lá também a gente fazia muita festa, na casa do professor. Era muito churrasco.

P: O que representou a Escola de Odontologia na sua vida profissional?

R: Ela significou justamente a profissão que eu estava procurando, mas não sabia. Como eu disse inicialmente eu prestei vestibular para Medicina. E voltei e fiz Odontologia. Não me arrependo. E uma área que estou lutando, gosto, trabalho e defendo principalmente a classe. Hoje sou delegado do Conselho e trabalho ativamente na Associação. Já fui secretário, presidente, hoje sou diretor de uma Escola de Aperfeiçoamento. Odontologia para mim é tudo. Eu respiro Odontologia.

P: Para sua família como era visto o Curso de Odontologia?

R: Em um primeiro momento, quando nasceram os filhos, ele questionou onde eu estava ele não me via. Foi por isso que eu parei. Ele já tinha 4 anos, ele nasceu em 1980 e em 1984 eu parei. Desde quando eu fiz Faculdade, eu mesmo quem arcava com minhas despesas de

escola. Meu pai apenas me aguardava chegar em casa. A qualificação profissional dele não dava recurso né. Mas ele não foi contra.

P: Como foi visto o Curso de Odontologia pela comunidade uberlandense?

R: Por ser o professor Laerte o fundador da Faculdade, a população de Uberlândia foi toda em apoio a ele. Tanto e que a Classe Odontológica foi chamada para poder dar auxílio nas clínicas e em tudo. Todos eles colaboraram 100%. E vieram mais professores de fora, não resta dúvida. Professores que vinham de carro, ônibus e até infelizmente tivemos um acidente com um professor, que possui hoje o nome dele na placa lá no nosso Pronto Socorro. Tudo era festa. Não tínhamos nada que contrariasse que atrapalhasse. Por mais que você falasse assim, hoje não tem material para trabalhar na clínica. Isso era parte do Curso. Muitas das vezes éramos nós quem comprávamos, que pagávamos pro paciente. Meus 4 anos de Faculdade foram 4 anos sem férias. Porque nas férias vinha professor de fora para dar aula. Então vinha professor de São Paulo, de Araraquara, de Araçatuba, de Bauru, Diamantina, Uberaba. Todos de renome.

P: A Escola de Odontologia trouxe alguma modificação na sociedade uberlandense? Modificou alguma coisa? Em que?

R: Trouxe e bastante, porque houve uma melhora, Uberlândia possuía muitos dentistas práticos. Na época nos tínhamos muitos práticos. A luta era de um colega só, o Delegado do Conselho. Era briga mesmo. Era de andar armado e de mandar prender. E hoje graças a Deus, nós não temos sinal disso mais. Não trabalho com arma, nem contra o profissional, eu oriento. O serviço vai ser feito pela Secretaria de Segurança Pública. Quer dizer, hoje melhorou muito. Se a gente encontrar um ou outro ele está escondido por aqui.

P: Era função de o Delegado prender?

R: Não, era função de ele intervir na prática do exercício ilegal.

P: Para você a criação da Escola de Odontologia em Uberlândia veio atender a interesses de alguém? De quem? Para que? Para quem?

R: O interesse que o professor Laerte apresentou para a sociedade, e na época ele era da entidade que era a Associação Brasileira de Odontologia, naquela época era Associação dos cirurgiões-dentistas do Brasil Central, foi no intuito de melhorar essa qualificação profissional da classe.

P: Quem promoveu a criação do Curso de Odontologia?

R: Primeiro lugar o Professor Laerte. O Dr. Rondon Pacheco e o Homero Santos que foi quem federalizou a Universidade. São pessoas políticas que trabalharam na campanha. O Laerte é quem viajava, discutia e ia atras, e que muitas vezes colocava a mão no bolso para sustentar o custo da Faculdade. O prédio que nós trabalhamos foi doado pela Igreja Nossa Senhora de Fátima e antes era um Seminário e que acabou sendo adaptado para ser uma clínica, com consultórios, com salas de aula, com laboratórios.

P: Qual acontecimento o senhor gostaria que ficasse registrado na história da Faculdade de Odontologia?

R: Primeiro tudo na vida passa. O nome é que fica na memória da população. Tudo o que fazemos em vida, devemos colher em vida. E, simplesmente, o reconhecimento que a Classe Odontológica deve ter para aqueles que trabalham em prol da classe. Posso ser visto como um chato, pois defendo o que é a lei da Classe, o Código de Ética. Muita das vezes devo advertir um colega, pois trabalho em favor dele, em prol dele.

Entrevista nº08 , realizada em Uberlândia, dia 23/02/2006.
Entrevistado: Antônio Mário Buso
Qualificação Prévia: cirurgião dentista, ex-aluno da 1ª turma – 1973. Mestre em Reabilitação Oral; Especialista em Periodontia; Especialista em Metodologia de Ensino; Professor Titular Universidade Federal de Uberlândia.
Nome da Mãe: Leonor Zelaneides, do lar.
Nome do Pai: Vitório Buso, agropecuarista.
Local de nascimento: Uberaba MG
Classe social a que pertencia na época do curso: classe média baixa

P: Pergunta R: Resposta

P: Qual foi seu percurso escolar desde o início até o ingresso e a conclusão da faculdade?

R: Vim a Uberlândia em 15/11/1961 para estudar e tinha na época 14, 15 anos. Estudei no Externato Rio Branco, Liceu de Uberlândia, Escola Química Industrial de Uberlândia e fiz cursinho em Goiânia e Uberlândia.

P: O Curso de Odontologia era pago?

R: O curso era pago, porém seu valor era menor que o do cursinho.

P: Depois de formado como foi o ingresso no mercado de trabalho, correspondeu às expectativas?

R: Eu costumo dizer que eu peguei a melhor fase da Odontologia porque a mesma, até então, era muito radical. Por exemplo, um dente com problema no nervo era apenas extraído; se uma doença era detectada na gengiva extraíam-se todos os dentes e colocava-se dentadura, uma ponte. Além disso, a Odontologia na qual eu formei, seu princípio era mais conservador e um pouco mais elitizada, vamos dizer assim. Então eu entrei no mercado de trabalho onde já se tentava fazer a manutenção e a prevenção, então eu peguei a melhor fase da Odontologia onde ela sofreu uma metamorfose de tratamento radical para conservador. Radical para extrair o dente e conservador para preservar o dente, tratar o dente e estava preparado para trabalhar o paciente na preservação dos dentes na boca e não a extração dos dentes. E eu costumo dizer para pacientes meus: “ponte e dentadura são muletas da boca”.

P: E a carreira profissional, como foi?

R: Eu diria que eu fui um dos caras mais felizes na minha profissão. Eu tinha só uma chance de passar no vestibular, pois não podia tomar bomba. Meu trato com meu pai era que se eu tomasse bomba, deveria voltar para a roça. Eu tomei bomba em medicina, mas passei em Odontologia. Meu maior sonho foi ter tomado bomba em medicina porque eu encontrei dentro da Odontologia o que eu acho de melhor que eu faço, faço com amor, com carinho que é a ter a clínica de especialidade em periodontia e na oportunidade eu fiquei como monitor e sou professor há 32 anos na escola de Odontologia da Universidade Federal. Eu tive a melhor fase da Odontologia e criei um espaço dentro dessa fase, criei meu nome, meu espaço profissional tanto na área de docência, como na área clínica.

P: O que representava para você ter uma Faculdade de Odontologia em Uberlândia?

R: Uberlândia nessa época já era um centro de estudos. Muitas pessoas vinham para cá para estudar, embora Uberaba, Goiânia e Ribeirão Preto fossem mais famosas. Aqui, como já existia a Escola Federal de Engenharia, então já tinha um fluxo de pessoal da própria cidade e das cidades vizinhas que vinha para se preparar para o curso superior. Então a vinda da Odontologia foi fundamental porque era mais uma opção de Curso Superior. E um Curso Superior em uma área carente até hoje no país, a área de saúde. Não que não tenham profissionais, mas o sistema de saúde no Brasil é falho: o particular não tem dinheiro para gastar e o serviço público não paga todo o tratamento do indivíduo. A população não tem dinheiro e o sistema público é muito limitado do meu ponto de vista.

P: O que significou/representou a Escola de Odontologia na sua vida profissional?

R: A Escola de Odontologia foi um marco que eu acho que foi um presente de Deus. Eu me encontrei dentro do meu Curso, dentro da minha profissão e dentro da minha especialidade. Então o que eu tenho hoje, meu espaço profissional, a oportunidade que eu tive de dar aos meus filhos aquilo que eu não tive foi graças a Odontologia então ela foi um marco fantástico. Eu criei um espaço para mim que acho que poucos conseguiram, tanto na área de docência como na área clínica.

P: O que significou/representou o Curso de Odontologia para você?

R: A formação cirurgião dentista, talvez já tenha até citado anteriormente, que para mim foi um marco na minha vida, uma transposição, uma metamorfose muito grande porque eu me encontrei dentro do Curso que eu escolhi. Eu faço com carinho, com gosto e com dedicação, então eu tenho bom relacionamento com os professores, com os alunos e com meus pacientes em clínica particular. Então ela foi fundamental na minha vida e continua sendo um marco fantástico.

P: Para sua família como era visto o Curso de Odontologia?

R: Para os meus pais que vieram com a educação da Itália e não estudaram praticamente nada aqui no país, que tinham um nível de conhecimento pequeno além de pouco desenvolvimento muito baixo na literatura, nas ciências, então qualquer Faculdade para eles

era fantástica. Só de eu estar estudando, largar os trabalhos rurais e ter um nível superior, já foi uma trajetória muito grande. Então tanto para mim quanto para eles foi fantástico, foi uma conquista muito grande que poucas famílias na época tinham, e minha família teve. Para eles foi um orgulho muito grande.

P: Como foi visto o Curso de Odontologia pela comunidade uberlandense?

R: A Faculdade foi tão bem vinda como a Engenharia, o Direito, a Filosofia, a Medicina. A Odontologia era mais uma área da saúde que veio desde então e para ficar. Hoje é uma Faculdade de médio porte e tem um nome nacional. Então para a comunidade uberlandense e nacional eu acho que foi uma vinda espetacular, foi um marco na nossa Escola, na nossa Universidade. Para a sociedade e para o local foi fantástico. Foi muito importante como todas as outras Escolas. Agora, como a área é a de saúde, ela veio para dar uma assistência muito boa que nós hoje temos na Faculdade.

P: A Escola de Odontologia trouxe alguma modificação na sociedade uberlandense? Modificou alguma coisa? Em que?

R: Para se ter uma idéia, hoje nós temos uma Escola de Odontologia que recebe alunos de várias partes do Brasil e tem cursos de especialização e pós-graduação em nível de mestrado além de um pronto socorro gratuito que funciona 24 horas, o que eu acho o mais fantástico na Escola, pois qualquer dor de dente, qualquer desconforto ou traumatismo bucal, tem um atendimento imediato. Eu acho que isso é um ganho muito bom para uma cidade, uma região. Nem todos os lugares têm isso e aqui existe esse privilégio, esse ganho, esse benefício para a sociedade.

P: Para você a criação da Escola de Odontologia veio atender a interesses de quem? Para que? Para quem?

R: Eu acredito que foram vários os interesses. Primeiramente, atrás de qualquer convite existe um interesse político. Então, Uberlândia toda vida teve uma visão política muito grande, então ela não gosta das coisas mais ou menos. Ela quer ser boa para melhor. Então se aqui já existia uma Escola de Engenharia e a escola de Direito já tinha sido fundada, os profissionais da época aqueles idealistas da Escola de Odontologia, juntamente com os políticos na época, que foram Rondon Pacheco, Homero Santos, Walcir DelCastro (deputado estadual) esses interferiram muito politicamente e socialmente para trazer a Escola de Odontologia pra cá.

P: Quem promoveu a criação do Curso de Odontologia?

R: Eu colocaria a Associação Brasileira de Odontologia seção de Uberlândia, na época eu me lembro que tinha o Dr. Laerte que foi um dos mais influentes, o Dr. Márcio Pacheco, Dr. Ângelo Danes, e outras pessoas que eu não me lembro mais, pessoas que estavam envolvidas, mas não se manifestavam politicamente ou socialmente mas que interferiram na vinda da Escola para cá. E isso era o idealismo dessas pessoas, juntamente com os deputados e os políticos da época, houve um intercâmbio de idéias que proporcionou a vinda da Escola pra cá.

P: Tem alguma história, algum acontecimento importante da Faculdade que o senhor quer deixar registrado?

R: Eu diria que o marco mais importante é que na época já existia a Faculdade de Engenharia que era federal. Depois vieram as Faculdades de Medicina e Odontologia e para concretizar o sonho, eram realizadas quermesses, semelhante às feitas por JK para a fundação de Brasília, realizadas pela sua esposa Sara K. que fazia aquelas festinhas para angariar fundos. Então nessa época tiveram essas quermesses para a vinda da Faculdade, para a compra dos laboratórios do Curso de Medicina. E eu que era criança, rapazinho nessa época, gostava dessas festas e ia, comprava nem que fosse um refrigerante, um suco, um lanche e esses fundos foram que levaram à vinda desses laboratórios do Curso de Medicina. Se tinha a Medicina, porque não ter a Veterinária, a Odontologia, a Educação Física? Então foram à vinda dessas Escolas e desses acontecimentos que marcaram minha época de estudante e eu queria um futuro dentro de um Curso Superior, que por acaso, foi a Odontologia. Eu acho que isso marcou minha vida.

Complemento curricular: especialização em metodologia de ensino, especialização em periodontia e Mestrado em reabilitação oral. Então hoje eu sou um mestre titular na disciplina de periodontia e não tenho coragem de me aposentar (Risos).

Complemento requisitado pelo próprio entrevistado: Eu não poderia deixar de citar o nome de uma pessoa, Weiss Cunha. Ele foi idealizador, professor, fundador e foi um dos indivíduos que mais trabalhou na Escola de Odontologia. Ele hoje talvez esteja esquecido na Escola dentro da Administração política, mas ele não está esquecido por quem foi aluno dele e por quem reconheceu o trabalho que ele fez na Odontologia.

Entrevista nº09 , realizada em Uberlândia, dia 24/02/2006.
Entrevistado: Gildésio Rezende Alvarenga
Qualificação Prévia: cirurgião dentista, ex-aluno da 6ª turma – 1978;
Nome da Mãe: Alaide Resende Alvarenga, do lar.
Nome do Pai: Osto de Oliveira Jannus, comerciante.
Local de Nascimento: Araguari MG
Classe social a que pertencia na época do curso: classe baixa

P: Pergunta R: Resposta

P: O senhor é quem custeava a Escola?

R: Na época que nos entramos era ela particular, eu dava aulas em Araguari para custear o curso, eu ministrava aulas de Química a noite e me associei ao Crédito Educativo, mas logo em seguida, 2 anos depois ela foi federalizada.

P: Era elevado o valor da mensalidade?

R: Não sei te informar o valor, mas para minhas condições na época, ele era caro. Se eu não tivesse conseguido dar aulas no colégio estadual na época talvez eu não tivesse conseguido fazer o Curso.

P: Qual foi o seu percurso escolar desde seu ingresso até a conclusão da Faculdade?

R: Foi todo em Araguari, eu passei no primeiro vestibular, sem cursinho. Apenas fiz aquela revisão uma semana antes das provas. Em Araguari, estudei todos os anos em colégio público.

P: Como foi seu ingresso no mercado de trabalho, correspondeu às expectativas?

R: Após sair da Faculdade, comecei a trabalhar. Minha esposa que também é dentista juntamente com minha cunhada e concunhado que são médicos resolvemos montar uma clínica conjunta na Machado de Assis nº821. Onde ficamos 7,8 anos juntos. Também fui R2 do exercito, entrei como militar, fiquei um ano e não quis continuar. Depois fiquei sócio da pro-saude, que congrega empresas. Assim foi como comecei a minha vida profissional.

P: E a carreira profissional como foi?

R: Muito boa, graças a Deus. Considero-me realizado, mas não totalmente. Acho que ninguém se realiza totalmente, senão acabava tudo. Mas sou muito feliz com o que fiz e não me arrependo absolutamente de nada. Meus filhos, por livre escolha, cursam Odontologia hoje também.

P: O que representava para você ter uma Faculdade de Odontologia em Uberlândia?

R: Como realização pessoal e social, ela representou muito porque ela me colocou no meio social. Hoje me considero uma pessoa grata. Isso me abriu as portas pro Lions, pra ADESG, pra Maçonaria... Socialmente foi muito bom e profissionalmente eu nunca deixei de participar do acompanhamento da evolução da Odontologia. Eu sou uma pessoa que investe na própria profissão. O meu conceito ele vai um pouco em choque com a maioria dos profissionais os quais eu conheço, que não gastam com Curso, que acham que é bobagem. Fiz cursos a vida toda. Dava início ao meu trabalho às seis e meia da manhã, principalmente os 10 primeiros anos, eu trabalhava até oito e meia da noite e aos sábados. Hoje já sou um pouco moderado, mas mesmo assim, as dez pra sete da manhã já estou no consultório e saio as onze e quinze, retornando a uma hora e ficando no máximo até as seis e meia da noite. Eu acho que profissionalmente me considero muito feliz, apesar de todas as limitações que o profissional tem. Não me arrependo em nenhum minuto de ter escolhido tudo isso.

P: O que significou a Escola de Odontologia em sua vida profissional?

R: Foi o que eu acabei de dizer. A escola é que faz a formação. Se você pensar o que era a Escola na época e o que era hoje, percebemos que o parâmetro que temos hoje é muito ruim, porque muita coisa da Odontologia evoluiu muito. Mas hoje o que percebemos é que as escolas hoje não possuem o mesmo empenho de antigamente. Os professores se dedicavam mais ao ensinar, pois formavam um profissional com segurança maior do que existe hoje, sei disso pois convivo com 400 profissionais. Por minha esposa ser dentista, e eu ter um rol de amigos que são médicos, então eu posso fazer um traçado paralelo. Eu percebo que a Odontologia é um pouco complicada neste sentido.

P: Para sua família como era visto o Curso de Odontologia?

R: Para eles foi uma realização. Principalmente para a época, era realmente uma coisa boa, fantástica. Eu vinha de carona. Hoje a gente percebe que quem forma hoje sabe pouco. Antes possuíamos material humano. Fica-se a impressão que o aluno sai da Faculdade sabendo alguma coisa, para que depois ele seja obrigado a fazer um curso de especialização, para nela aprender um pouco mais e depois ainda tem que se fazer um curso de pós-graduação pra se praticar mais. A evolução instrumental de material, científico, nem se compara com aquela época. O que me deixa horrorizado é a falta de entusiasmo quando se conversa com aluno, diferentemente da nossa época, e acabo por pensar que na nossa época não era assim. Tínhamos que estudar muito mais e se era muito mais cobrado. Quando o profissional formava, ele possuía menos medo que os profissionais que se formam atualmente. Pois, se hoje você sai da Faculdade e não tiver um dinheiro para pagar um curso de especialização, você acabara indo para o interior de algum Estado para

conseguir se dar bem. Então minha família, realmente, naquela época viu com muito entusiasmo o meu ingresso na Faculdade de Odontologia.

P: Como foi visto o Curso de Odontologia pela comunidade uberlandense?

R: Na época era muito mais entusiasmo que hoje, pois se falava em Medicina, Engenharia, Odontologia e Direito. Só existia isso. Na proporcionalidade, naquela época havia uma guerra entre cursinhos, como por exemplo, entre o Ubermed e o Galileu. Era uma verdadeira guerra de preparo e de cobrança. As provas não eram descritivas. Para a sociedade, hoje é menos importante do que era naquela época. Hoje todos os cursos estão nivelados.

P: A Escola de Odontologia trouxe alguma modificação na sociedade uberlandense? Modificou alguma coisa? Em que?

R: Na sociedade em si não. Na saúde e na orientação das pessoas é claro que sim. Para mim a sociedade está muito associada a valores, a trabalho. Para mim é muito relativo esse tipo de coisa.

P: Teve alguma modificação no modo de ver a Odontologia? E quanto aos dentistas da cidade? Antes tinha mais dentistas práticos? E quanto ao atendimento gratuito da policlínica da UFU?

R: Para mim era uma coisa pública. Não posso te afirmar isso não, mas imagino era muito mais pobre, onde diversos profissionais se juntam para abrir cursinhos de especialização, cobram caro, e muito usuário que deveria pertencer ao consultório particular acabam por ir numa clínica dessas, que deveria ser voltada para pessoas de baixa renda. Determinadas clínicas, destes cursos, aonde você chega e vê carros novos na porta. Quer dizer, essas pessoas deveriam estar indo para consultórios particulares. Na época se atendia realmente pessoas necessitadas. Eu acho que isso é algo que coloca nossa área mais para o lado popular. Olha, “coisa gratuita” na verdade tem que ser bancada por alguém. Tem que ser triado por uma assistente social. Na verdade alguém tem que pagar a conta. Se for o prefeito, se é o governo, se é o Estado, a gente não sabe. Hoje tem muita gente fazendo implantes, prótese, clareamento, colocação de aparelhos nessas clínicas, e na verdade deveriam ir para consultórios particulares.

P: Para você a criação da Escola de Odontologia veio atender a interesses de quem? Para que? Para quem?

R: Eu acho que em toda escola, baseado na cultura que possuímos, cria-se Faculdade como se cria cachorro, na verdade. Não sei quantas Faculdades de Administração e Direito se tem na região, daqui alguns dias nem sei quantas serão de Odontologia. O que vou pensar disso? É político. Se fosse social, o governo interviria nas clínicas retirando aqueles que podem pagar e os enviando as clínicas particulares e que está deixando o coitado sem atendimento. Parece-me ser mais de conotação política, onde o político faz campanha em cima. Se for bom ou ruim, isso depende. Se fosse social, iria atender aos pobres. Acaba sendo ruim para quem fica sem campo de trabalho.

P: Quem promoveu a criação do Curso de Odontologia?

R: Dizem que foi o Homero Santos e o Rondon Pacheco. Não tenho essa informação segura. Não sei se foi os dois ou mais alguém junto. Mas acho que teve um peso muito grande o Homero Santos e o Rondon.

P: Na sua época de Faculdade teve algum fato que o senhor acha que deva ficar registrado?

R: Do que me recordo, acho que tivemos um Curso que ofereceu uma boa formação, com ótimos professores, talvez, não tivesse a tecnologia que se tem hoje, mas imagino que eles conseguiriam muito mais do que se conseguiu na época. E, infelizmente, hoje o ensino não é tão cobrado como naquela época. Hoje é difícil quem queira estudar em uma escola pública. O professor perdeu a motivação. Na época era uma Faculdade muito respeitada, alguns vinham de Bauru, com bastante formação. Foi uma época de transição da Avenida Engenheiro Diniz para o Umuarama. Fui monitor do professor Souza, de Farmacologia, foi uma coisa que me ajudou muito.

Entrevista nº10 , realizada em Uberlândia, dia 24/02/2006.
Entrevistado: Odorico Coelho da Costa Neto
Qualificação Prévia: cirurgião dentista, ex-aluno da 2ª turma – 1974. Mestrando em Cirurgia Oral; Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela PUC/MG em 1979; Professor Titular Universidade Federal de Uberlândia.
Nome da Mãe: Terezinha Pereira da Costa, costureira.
Nome do Pai: Jair Coelho da Costa, comerciante.
Local de nascimento: Buriti Alegre GO
Classe social a que pertencia na época do curso: classe média baixa

P: Pergunta R: Resposta

P: Veio para Uberlândia quando?

R: Nasci em 1952 e vim para Uberlândia em 1961.

P: Quando o Senhor começou a Faculdade, morava aonde?

R: Eu morava na Avenida Cesário Alvim, 705 ou 701. Era quase esquina com a Coronel Antônio Alves, ao lado do Calçados G.

P: Percurso escolar desde o início até o ingresso e a conclusão da Faculdade.

R: O primário em comecei em Buriti Alegre em uma escola paroquial. Quando eu mudei para Uberlândia, eu fiz escola particular, Externato São José, ali na Tenente Virmondes entre a Cipriano e a João Pinheiro. Lá eu fiz até a admissão, aí a gente enfrentava quase que um vestibular para entrar no colégio estadual. Aí fiz o colégio estadual, da primeira série até a quarta série, e fiz o científico até o segundo científico no estadual. Depois eu fiz esse exame de madureza, então o meu pai me emancipou com 18 anos porque só podia fazer quem era emancipado. Daí eu prestei esse exame em Anápolis, no colégio Couto Magalhães. Passei e posteriormente eu prestei o vestibular para Odontologia. E prestei só para Odontologia.

A minha escolha era a área biomédica, era a área da saúde. Isso já estava precocemente definido. Principalmente, a minha mãe queria que eu fizesse Medicina. Eu falava para ela: “Mãe, eu vou fazer aquilo que eu tiver condição de fazer e no momento que der certo”. Então eu trabalhava, eu tenho carteira desde os 14. Eu comecei com 11. Com 11 anos eu já trabalhava no armazém. Estudava de manhã e trabalhava à tarde. Com 14 anos eu passei a trabalhar em uma transportadora, a J. Fernandes, até eu ingressar na Faculdade.

P: E foi difícil entrar na Faculdade? Era concorrido?

R: Como foram os primeiros vestibulares, a concorrência não era alta. A minha turma, se não me engano, chegou a dar dois para um.

P: O Senhor entrou novo. O pessoal da sua turma era mais novo, era mais velho?

R: Era bem mesclado. Tinham dois mais novos que eu na minha turma. Depois tinha um grupo, digamos intermediário, e tinha outro grupo que era menor, que tinham uma idade maior. O mais velho da minha turma tinha a idade do meu pai na época. Ele já era dentista prático e era tido na época como um dos bons dentistas da cidade, com uma clientela na classe A. Vinha de uma família de dentistas, o pai foi dentista prático, os irmãos foram dentistas formados. Ele chegou à presidência do Lions Clube, o mais tradicional da cidade.

P: O curso era pago? Era alto o preço da mensalidade?

R: O Curso era pago, mas não era caro. Foi uma das coisas que me possibilitou fazê-lo, porque, por exemplo, o Curso de Medicina na época era pago e a mensalidade para nós era muito mais cara. Aqui a Faculdade era a mantenedora, a “Autarquia Educacional de Uberlândia”, ela mantinha três Faculdades: a Odontologia, Educação Física e a Veterinária. Então ela mantinha uma parte e a gente pagava a outra parte. É muito semelhante ao que acontece hoje com a Universidade Estadual de Minas Gerais, quer dizer, tem algumas Faculdades, não é totalmente gratuito...

P: Se fosse hoje, o Senhor acha que seria quanto?

R: Hoje? Levando em consideração a Faculdade hoje, devido à grande concorrência, os custos das mensalidades têm caído. Eu acredito que hoje seria um terço... eu não tenho com muita precisão, porque a nossa referência na época era a Faculdade de Uberaba, então deveria ser no mínimo um terço do que custava Uberaba.

Para mim, era o único jeito de eu fazer a Faculdade na área que eu queria, era aqui porque eu não tinha condição, a minha família não tinha condições de sair e todo o recurso que eu poupei durante o tempo que eu trabalhei foi para custear a minha Faculdade até um determinado período quando então, na época, existia uma possibilidade que era o seguinte: a gente era selecionado como monitor, o monitor era obrigado a cobrir uma carga horária de serviços dentro da Faculdade, para fazer diversos serviços, e ele tinha isenção da mensalidade. Na época eu fui monitor de semiologia e o professor responsável pela disciplina era o José Antônio de Campos Machado. Ele era professor em Araraquara então ele vinha aos finais de semana, as aulas eram dadas na sexta e no sábado pela manhã.

P: No começo vocês tiveram uma equipe muito boa de professores...

R: Muito boa. Os professores nossos vieram praticamente de Bauru como o de radiologia, o Gastão, Luis Alberto de Sousa Freitas; materiais dentários nós tivemos o Dr. Diógenes de Abreu e vários outros professores; pessoal da cirurgia, o Doraceu de Lima; na odontopediatria a gente tinha o Aymar; na social preventiva tinha o Vitoriano B. De Ribeirão Preto, na periodontia, nós tínhamos o Sérgio Narciso Marques de Lima; de

Araraquara, na semiologia tinha o Luis Antônio Campos Machado; na endodontia o professor Mário Roberto Leonardo; de São Paulo na prótese a gente tinha o Edmundo Neves, de patologia bucal, que era da USP, a gente tinha o professor José Barbosa. Então eram grandes professores na época na área da Odontologia... na prótese total, tivemos um professor que fugiu desse eixo, porque a nossa relação aqui sempre foi muito maior com São Paulo que propriamente com Belo Horizonte. E até hoje...

P: E os primeiros anos foram juntos com a Medicina?

R: O básico tinha um convênio da Autarquia com a FEMECIU que na época era Faculdade “Fundação Escola de Medicina e Cirurgia de Uberlândia”, teve um convênio em que o ciclo básico era ministrado pelas...

P: E o Senhor acha que foi bom ou ruim para vocês terem aulas com os professores médicos?

R: Nós tivemos alguns professores, porque, por exemplo, a parte que era mais específica, a gente tinha já com o pessoal que foi da Odontologia. Tanto é que na anatomia, tinha um professor Hélio Romano que era da USP, fazia a parte de anatomia um pouco dental. Então nós tivemos na geral, vários professores da área médica. Eu acho que foi muito bom porque praticamente era uma formação muito semelhante a que era dada aos alunos da Medicina naquela época, e a cobrança era igual. Então o professor Gladstone, de Citologia, ele era o mesmo professor da Medicina e o nível de cobrança dele... Ele colocava-se como professor da área de saúde então quem entrasse na sala de aula naquela disciplina deveria ter um conhecimento que ele considerava básico para toda aquela área. Agora, nas partes mais específicas, vinham os outros professores. Mas eu acho que foi muito bom muito salutar a gente ter essa convivência, porque foi a partir dessa convivência desses cursos, tanto a Odontologia, a Veterinária, a Educação Física, que possibilitou a união depois para virar a Universidade Federal de Uberlândia. Porque igual a UFU só tem uma outra que foi criada nos mesmos moldes. E em Uberlândia só existiu por causa dessa outra, que é Santa Maria no Rio Grande do Sul. Na mesma época que foi federalizado Uberlândia, foi federalizado em Santa Maria. Era muito semelhante a agregação das Faculdades, porque a única federal que tinha na época era a Engenharia. As demais Escolas eram estaduais, a Medicina Veterinária, era para ser uma Escola em que a parte profissionalizante deveria ser em Tupaciguara... Então ela chegou a ser feita lá, depois voltou para cá. Então o pessoal fazia o básico aqui e quando chegava a parte profissionalizante, deveria ser feita em Tupaciguara. Então a Medicina Veterinária, a Educação Física e a Odontologia, eram da Autarquia Educacional do Estado de Minas Gerais. A Economia, Administração quem comandava era o doutor Juarez Altafin, o Direito era o doutor Jacy de Assis, Letras e Pedagogia eram das irmãs... aí reuniu isso tudo inicialmente na Universidade de Uberlândia, UNU. Então, o que aconteceu? A Autarquia Educacional de Uberlândia doou o curso e o patrimônio que tinha na época para a UNU. O doutor Juarez Altafin tinha os cursos, mas não tinha a área física. Então ele doou os cursos. Tinha a FEMECIU, a Faculdade de Medicina que era uma fundação doou o curso com o patrimônio. As irmãs doaram o Curso, mas não doaram o patrimônio. E o único que doou o Curso com todo o patrimônio foi doutor Jacy de Assis, além de sua biblioteca particular, Direito, um curso de altíssima procura na região. A Universidade recebeu depois outras doações como essa área do Umuarama. A única federal

que tinha era a Faculdade de Engenharia. E Santa Maria tinha uma situação muito parecida com essa. Então nessa época quando estava mobilizando essa questão da federalização de Santa Maria, se não me engano, Rondon Pacheco era o ministro da casa civil e percebeu isso: se estão federalizando Santa Maria, entra com o processo em Uberlândia e vai ser igual. Federalizou lá, federaliza aqui. E nós só temos Faculdade federal aqui também porque uma proposta muito semelhante foi feita para Uberaba porque lá já tinha a Faculdade de Medicina que era federal. Engenharia, Odontologia, eram particulares. Então essa mesma coisa foi feita pra lá só que ele não abriu mão do patrimônio, não quis dar Curso nem patrimônio, porque Uberaba na época era maior que Uberlândia.

P: O que representava para você ter uma Faculdade de Odontologia em Uberlândia?

R: Eu deslumbrei, era uma oportunidade de fazer uma coisa que eu queria fazer que era na área de saúde. Era realizar um sonho porque se eu tivesse que sair daqui para fazer uma outra Faculdade, dificilmente eu teria essa condição. E por outro lado o idealizador da Faculdade de Medicina, o doutor Laerte de Alvarenga Figueiredo, estava realizando um grande sonho que era colocar em Uberlândia uma Faculdade de Odontologia. Aí sem dúvida alguma esse crescimento que a cidade teve na década de 70, 80, quando Uberlândia ultrapassou Uberaba em todos os parâmetros de arrecadação, de população, acho que isso se deve muito aos Cursos Superiores que aqui foram implantados e, principalmente, à Universidade Federal de Uberlândia, pois durante muito tempo essa chegou a ter um orçamento muito maior que o da prefeitura. Em termos de construção, em termos culturais, em termos sociais e em última instância econômica, eu acho que a Universidade contribuiu e muito para o crescimento de Uberlândia porque ela jogava no nosso mercado uma quantidade de recursos, uma quantidade de dinheiro muito grande.

P: O que representou essa Escola na sua vida profissional?

R: Na minha vida profissional ela significa tudo. Ela me possibilitou realizar um sonho que era atuar na área da saúde, me possibilitou...

P: Apesar de a sua mãe querer a Medicina, a família apoiou sua decisão?

R: Tive todo o apoio da minha família. Quando eu entrei, meus pais assumiram aquilo ali e na época existiu uma mudança de concepção da Odontologia, porque até então as pessoas que vinham de cidades menores particularmente, eram muito acostumadas com o dentista prático. Então quando começou a surgir essa mudança de odontologia como uma ciência da área da saúde, já distanciando da questão do indivíduo prático. Então eu tive todo o apoio da minha família, me realizei além da minha formação me possibilitou meu primeiro emprego, tão logo eu me formei já era monitor. Eu me formei fui contratado. É verdade que enquanto era Autarquia Educacional de Uberlândia, enquanto foi Universidade de Uberlândia, a gente tinha que ter uma opção quase que franciscana para estar aqui, porque nós ficamos seis meses sem receber... Mas essa turma que permaneceu a gente tinha um grande ideal. A gente ficava sem receber, mas poucos foram aqueles que abandonaram. A gente sempre vislumbrava principalmente pelo que o doutor Laerte colocava de que era uma transição, que a fase inicial de implantação era difícil, mas que ia passar. Então por essa mensagem de otimismo que ele passava para a gente, a gente segurava. Não

recebíamos em dia nunca no início. Agora, depois que virou Universidade Federal de Uberlândia, isso acabou. Nós tivemos uma época em que tivemos os melhores salários.

P: Como foi visto o Curso de Odontologia pela sociedade uberlandense?

R: Representou um ganho para a comunidade sem dúvida, no momento em que foi implantada a POLICLÍNICA, a primeira clínica na Avenida Engenheiro Diniz, nós passamos a atender uma fatia da população que, às vezes, não tinha acesso a nenhuma forma de tratamento odontológico e a gente sempre pensando que esse atendimento nós deveríamos buscar uma forma de financiamento que não cobrasse nada do paciente, isso diferentemente das outras Escolas que tinham uma questão mercantilista bem determinada, muito forte. Então desde o começo, ela foi criada no sentido de que deveríamos oferecer um serviço à comunidade e que esse serviço deveria buscar a isenção de pagamento e taxas. No começo cobravam-se algumas taxas porque não tínhamos recursos para viabilizar o atendimento. Mas sempre foram as menores taxas se comparadas com outras Faculdades, até que nós conseguimos passar todo esse atendimento conveniado. Então nós fomos a primeira Faculdade de Odontologia do país a ter um convênio com o antigo INPS. Primeiro foi por repasse de consulta. Então tinha um convênio com a área médica e por repasse a gente atendia a parte odontológica. Depois nós fizemos um convênio específico para a Odontologia.

P: A Escola de Odontologia trouxe alguma modificação na sociedade uberlandense? Modificou alguma coisa? Em que?

R: A primeira coisa que veio a mudar foi a concepção da Odontologia dentro da sociedade. Então, com a faculdade aqui a profissão Odontologia passou a ser mais valorizada. Então, houve uma valorização tanto daqueles que já atuavam aqui quanto dos novos profissionais que foram ingressando no mercado de trabalho. Então a sociedade passou a enxergar a Odontologia realmente como uma profissão da área de saúde fundamentada em princípios científicos, biológicos, e não apenas a Odontologia na função prática.

Segundo a questão da assistência odontológica que trouxe à população. Não só o que era feito na própria Faculdade, mas ampliaram-se os serviços de Odontologia na cidade. Os serviços públicos eram muito escassos, muito pequenos, então com a Faculdade aqui, apesar de ainda hoje ser considerado insatisfatório, mas com a vinda da Faculdade, houve um aumento da oferta desses serviços à população. Na época estava começando a ter uma mudança de orientação das profissões na área da saúde, e a odontologia estava ingressando nessa mudança. Então, até 1970, a visão das profissões na área da saúde era curativista, você trabalhava apenas em cima da doença. A partir daí passou a mudar a concepção, passou-se a trabalhar a educação e a prevenção. Então, os primeiros problemas educativos e preventivos em Odontologia no município de Uberlândia, vieram com a Faculdade. Então educação e prevenção começaram aqui em Uberlândia com a implantação da Faculdade porque até então não se falava em programas assim, só se trabalhava em cima da doença: de cárie principalmente, e alguma coisa de doença periodontal. A doença periodontal nem era uma coisa considerada tão importante.

P: Para você a criação da Escola de Odontologia via atender a interesses de quem? Para que? Para quem?

R: Diversos interesses. A implantação da nossa Faculdade teve um forte componente político. Se nós não tivéssemos uma representação política tão forte como tínhamos na época: Rondon Pacheco, Homero Santos, João Pedro Agostinho; talvez não tivéssemos conseguido tal qual não tinha conseguido a federalização da nossa Universidade. Então houve um apelo político muito forte para que a Faculdade pudesse ser implantada. E como na época as coisas eram determinadas pela política, não se tinha nenhum estudo prévio para dizer que ali precisa de uma Faculdade, ali não precisa. Tinha aquele que tinha maior representatividade, maior força política e que conseguia levar.

P: Quem criou essa Faculdade aqui então...

R: Houve primeiro o idealista, Dr. Laerte. Isso sem dúvida. Foi ele quem quis fazer, apostou, dedicou toda uma vida, perdeu dinheiro. Porque esses professores que vinham de fora não raros, ou eles se hospedavam na casa do Doutor Laerte, tomavam refeição na casa do Doutor Laerte, faziam da casa dele uma extensão da Faculdade. As festas promovidas eram feitas na casa dele, várias delas. O idealista foi ele, agora as forças políticas é que consolidaram isso daí porque quem tinha força política levava, quem não tinha não conseguia.

Agora se nós transportarmos isso mais recentemente, esse crescimento desordenado das Faculdades de um modo geral, não apenas da Odontologia, em determinados locais eles estão cumprindo uma missão social, até porque em locais distantes, de difícil acesso, essas Faculdades eu acho importante porque melhora a condição local da cidade independentemente se tenha uma mentalidade mercantilista ou não, mas se ela está existindo num local onde está descoberto, eu acho que é interessante. Agora o que tem movido mais esse crescimento desordenado é sem dúvida o mercantilismo, sem nenhuma análise mais profunda de uma necessidade. Agora eu acredito, visão pessoal, que quem deve fazer essa regulação é a própria sociedade. O Governo, como a educação e a saúde são concessões dele, deve atuar como regulador desse processo principalmente envolvendo a qualidade e informando a sociedade dessa qualidade desse ensino, agora quem praticamente deve fechar a Faculdade é a sociedade. Como? Não tendo aluno. Porque se os indivíduos se opõem a fazer uma Faculdade de Odontologia de excelentes padrões para formar um profissional altamente qualificado, comprometido com o ensino, a pesquisa e a extensão, porque não pode fazer? Se o indivíduo quiser fazer, essa Faculdade terá vida longa. Agora o que não pode é “criar essas arapucas”. Esse “faz de conta”: faz de conta que eu te dou um Curso, você me paga por esse faz de conta, você não me cobra e eu não te cobro. Um pacto de mediocridade.

P: Depois de formado, como foi o ingresso no mercado de trabalho? Correspondeu às expectativas?

R: Fui monitor e logo fui convidado a dar aulas. Na época era por convite, não era por concurso. Os professores da época, na conversa informal que tinham entre eles, faziam um convite e na época, simultaneamente, eu tive dois convites. Eu tive o convite inicial da semiologia e 15 dias depois do convite que eu aceitei, porque assim, a princípio, eu vislumbrei uma forma de dar continuidade no meu ensino, porque no meu primeiro ano de Faculdade eu ganhei uma bolsa. Não chegou no primeiro ano, porque os primeiros seis

meses eu paguei. Depois eu ganhei uma bolsa de um ano e pouco, Homero Santos concedia bolsas... Quando ela estava vencendo eu pensava: “como é que eu continuo?”, daí surgiu a oportunidade da monitoria. Quando eu recebi o convite do professor para ser monitor, o primeiro pensamento que veio na cabeça foi: “consegui um jeito de terminar o meu Curso”, porque eu ia fazer tudo que ele ia mandar pedir, então no momento em que ele me fez o convite eu aceitei. Praticamente 15 dias depois o professor de Odontopediatria me fez também um convite. Por coincidência, os dois eram de Araraquara. Eu acabei me direcionando para a carreira na área de diagnóstico, mas tenho até hoje uma facilidade muito grande em atender criança.

P: O Senhor olhando esse tempo todo dedicado à Faculdade, como o Senhor se sente, suas expectativas foram correspondidas? Tem algum fato, algum elemento que o Senhor gostaria de deixar registrado?

R: Quando essa Faculdade foi criada, as primeiras turmas tiveram uma grande identidade com a Faculdade. A gente se dedicava muito à Faculdade, a gente entendia as dificuldades que a Faculdade tinha, o diretor da época, a gente sabia que ele estava fazendo coisas que não teria necessidades de fazer que é tirar dinheiro do bolso, que é hospedar, dar refeição, mas ele fazia tudo aquilo em cima de um ideal porque ele sempre falava para a gente: “Isso vai vingar. Nós vamos fazer aqui a melhor Faculdade de Odontologia do Estado de Minas Gerais”. Tanto é que os professores que foram chamados no início eram professores de primeira linha, de primeira qualidade, de primeiro expoente que tinha no Brasil. O coordenador do curso inicial que veio para cá, o doutor Dioracy Fonterrada Vieira, que foi o mesmo que idealizou Bauru e fez toda a proposta de Bauru, que também trabalhou em Diamantina, que fez na época que o Juscelino Kubitschek criou a Faculdade de Odontologia de Diamantina o doutor Dioracy também assessorou o pessoal que montou lá em Diamantina que foi um projeto, um plano piloto e foi muito parecido com o projeto do plano piloto de Diamantina que nós fizemos aqui também porque Diamantina formou as primeiras turmas e as primeiras turmas se formaram os professores da Faculdade, tal qual aconteceu também em Bauru. A minha turma, quando nós formamos, fizemos doações para a Faculdade, coisa que turma nenhuma hoje pensa: “o que é que eu vou deixar na Faculdade?”. Hoje se pensa assim: “o que é que eu vou levar da faculdade?”. Então a primeira autoclave da Faculdade foi doada pela minha turma, para esterilizar todo o material, para que pudesse ser marcado como um ato de contribuição, de colaboração para a Faculdade. Uma autoclave nunca foi barata. Significava um valor grande e nós conseguimos arrecadarem fundos e doar isso para a Faculdade. Nós doamos um consultório para a delegacia, para tratar dos presos. Fizemos várias doações onde nós achávamos que ali a Odontologia pudesse ser bem divulgada, bem conhecida.

Com relação a outros aspectos de desenvolvimento, quando a gente vê isso daqui hoje no estado em que está, nós participamos desde a criação até hoje porque a primeira para a Segunda turma a diferença é muito pequena. A primeira turma ingressou em junho de 1970. Então antes do início das aulas teve uma missa que foi rezada muito próxima de São João, São Pedro, Santo Antônio e a segunda turma já entraram em fevereiro de 1971. Então todas as dificuldades que foram passadas pela primeira foram passadas pela segunda turma tanto é que as nossas atividades clínicas começaram juntas quando a POLICLÍNICA foi inaugurada, que já estava no terceiro ano, nós começamos a atividade de atendimento muito próximas uma da outra. Então quando a gente vê todo esse crescimento que nós

estamos passando, vivenciando, a gente vê com muito orgulho. O Sr. Vadico que já era um expert em ensino, uma tradição altíssima em conhecimento, na época era chamado reitor do Colégio Estadual de Uberlândia por um longo período de tempo, já tinha trabalhado na Secretaria do Estado de Minas Gerais na área de educação, tinha uma experiência muito grande nessa área educacional, ele que não era dentista, era farmacêutico, ganhou as eleições para ser diretor da Faculdade, cumpriu o mandato de quatro anos, foi quando então foi implantado o sistema de atendimento através do INPS. Desde então, essas taxas e essas cobranças que se fazem aos pacientes praticamente ficou restrito. Se me perguntar: “Tem alguma coisa que se cobra ainda hoje?” “Tem”, mas é porque ainda não tem uma participação total com o sistema e que nós não estamos produzindo aqui. Hoje, o que o paciente paga aqui é, por exemplo, a armação da prótese facial removível, porque nós não temos um laboratório para a fundição de armação. Mas isso também será temporário porque fizemos um projeto para ser aprovado agora, juntamente com a escola técnica de segundo grau da Universidade, então o curso de técnico em prótese, que nós vamos montar nesse semestre um laboratório de prótese parcial removível, então, na hora em que esse laboratório ficar pronto, já teremos o serviço não tendo nenhuma cobrança dos pacientes. Então, a nossa luta aqui sempre foi oferecer esses serviços sem custo para a população. Não se pode dizer que é gratuito porque não existe nada gratuito na face da Terra. Alguém está pagando. Dentro dessa filosofia, nossa instituição talvez seja pioneira no Brasil em relação a cobranças de pacientes. Nós desde o começo tivemos uma vocação de não onerar a população na prestação de serviços. No começo achou-se que por estarmos prestando serviço ao INPS na época, que aquilo pudesse ter uma ingerência muito grande no ensino. Pelo contrário. Isso facilitou o ensino de uma forma vertiginosa, acelerada, porque na medida em que as pessoas têm que pagar, ou você paga para o paciente ou o paciente paga. Alguém tem que pagar. Aqui nunca custou nada para o aluno ou para o paciente. São poucas as Faculdades que, às vezes, na graduação é permitida tal experiência ao aluno, e isso já fazemos aqui há muitos anos pelo convênio que nós temos, que só veio a beneficiar, a trazer facilidades para o ensino, para a aprendizagem. E, ampliando a oferta de serviços à população. Nós estamos insistindo nisso e a nossa próxima meta é pactuar com o sistema a cirurgia ortognática e o implante. Pela nossa história de prestação de serviços ao sistema, não é alguém que vai chegar lá para propor o interesse dele hoje que é o implante para resolver o problema da instituição naquele momento. É uma história de mais de 25 anos de prestação de serviço ao Sistema. É uma evolução de prestação de serviços dentro do Sistema tal qual o Governo está hoje propondo nos centros de especialidades odontológicas, está ampliando essa oferta de serviços à população. O que a gente está propondo é que sejamos um centro de referência para a execução das cirurgias ortognáticas que nós já fazemos mas ainda temos limitações. E vamos caminhar para os implantes. Se não conseguirmos num primeiro momento, não vamos desistir não, vamos continuar. Se nesse momento agora teve algum empecilho, alguma questão que não foi bem administrada, que não foi bem entendida, não é por isso que a gente deve desistir.

P: Foram várias conquistas, não?

R: Foram várias conquistas.

Complemento curricular: Especialização em metodologia do ensino superior, vários cursos na área de administração universitária, fiz pequenos estágios na área de semiologia na Estomatologia e agora estou fazendo o mestrado na área de cirurgia voltado para diagnóstico. Então o trabalho que eu vou desenvolver é sobre câncer bucal.

Entrevista nº11 , realizada em Uberlândia, dia 02/03/2006.
Entrevistada: Rosa Maria Domiciano Vidal
Nome da Mãe: Amélia Domiciano Vidal, do lar.
Nome do Pai: Amâncio Alcides Frades Vidal, funcionário público.
Local de nascimento: Ituverava SP
Classe social a que pertencia na época em que começou a trabalhar na FOU: classe média

P: Pergunta R: Resposta

P: Qual seu tempo de vínculo com a Faculdade de Odontologia?

R: Tenho 29 anos e 5 meses.

P: Qual sua área de atuação atual?

R: Assistente Administrativo

P: Como foi seu percurso escolar?

R: Primário eu cursei em Ituverava na escola Capitão Antonio Justino Faleiros. O ginásio fiz em Ituverava, vim pra Uberlândia na 5ª série acho. E fiz segundo grau completo aqui em Uberlândia no Colégio Inconfidência.

P: Como foi o começo do trabalho na FOUFU?

R: Foi fácil. Tive dificuldades porque na época eu era menor de idade. O diretor da faculdade na época, o Sr. Vadico teve que requerer uma autorização do meu pai. Na época fazíamos o que precisava, não era só trabalhar em um setor. Era carteira assinada.

P: Como foi a carreira profissional?

R: Eu gosto do que eu faço. Eu não quis fazer Curso Superior por opção.

P: O que representava para você ter uma Faculdade de Odontologia em Uberlândia?

R: Quando eu entrei ainda não era Federal. Eu vejo como uma coisa boa. Gostaria que mais pessoas tivessem essa chance de adentrar no Ensino Superior, e em especial na Faculdade de Odontologia.

P: O que significou a Escola de Odontologia na sua vida profissional?

R: Na minha vida profissional a Escola de Odontologia foi tudo. Muita das coisas que eu aprendi eu devo a Faculdade de Odontologia. Tinha amizades bonitas. Minha vida profissional está na Odonto.

P: Como foi visto o Curso de Odontologia pela comunidade uberlandense?

R: Já foi melhor. A visão de antes era bem melhor que hoje. Hoje a comunidade em si tem muito mais dificuldades.

P: Você acha que a FOU trouxe alguma modificação em Uberlândia?

R: Creio que sim. Tinha uma época que tinha até atendimento de prótese dental em bairros periféricos. Realmente, tem certo apoio ao pessoal mais carente. É que muito trabalho não é visto.

P: Para você a criação da FOU veio atender a interesses de alguém, de quem?

R: Acho que tem o interesse social e o político. Teve influência do Homero Santos. Eu era muito nova na época.

P: Quem promoveu a criação do Curso de Odontologia em Uberlândia?

R: Antigamente, posso citar o Sr. Vadico, o diretor, o Prof. Laerte, o Prof. Valdemar. Foram os que marcaram na minha época. Tem uma turma que atua também desde a minha época, como o Prof. Alfredo, o Prof. Nelson, Prof. Lourival, Prof. Luiz Mario, é difícil falar, pois tenho medo de ficar alguém pra trás. Tem também a Jesuane, o Prof. Byron.

Entrevista nº12 , realizada em Uberlândia, dia 02/03/2006.
Entrevistada: Abigail Maria da Silva
Nome da Mãe: Arminda Maria da Silva, do lar.
Nome do Pai: João P. da Silva, eletricitista.
Local de nascimento: Santa Vitória MG
Classe social a que pertencia na época em que começou a trabalhar na FOU: classe baixa

P: Pergunta R: Resposta

P: Quando foi seu ingresso na FOU?

R: Em 6 de fevereiro de 1979

P: Qual sua área de atuação atual?

R: Sou secretária da área de Dentística

P: Quando você veio para Uberlândia?

R: Vim para Uberlândia em janeiro de 1978.

P: Qual foi seu percurso escolar?

R: Fiz segundo grau com Técnico em Magistério aqui em Uberlândia na Escola Estadual de Uberlândia. O ginásio fiz em Rio Verde GO, na Escola Estadual Martins Borges, e no primário frequentei mais de uma escola, mas a primeira foi o Grupo Escolar Eugênio Jardim, também em Rio Verde GO.

P: Como foi o começo do trabalho na FOUFU?

R: Foi meio diferente. Era uma outra época. Hoje possuímos equipamentos, antes não. Hoje é bem melhor, temos acesso a computadores, tudo mais fácil. Antes datilografamos as fichas na máquina. Quando entramos aqui não nos foi mostrado como deveríamos atuar, aprendemos tudo na medida em que as situações iam surgindo.

P: Como foi sua carreira profissional?

R: Foi muito boa. Fiz atendimento de clínica, depois passei para secretária da Diretoria do Hospital Odontológico, hoje estou na área de dentística.

P: O que representava para você ter uma Faculdade de Odontologia em Uberlândia?

R: Na época eu não tinha essa noção, pois quando entrei aqui eu morava em Uberlândia há pouco tempo. Eu ainda não tinha essa consciência da importância da Faculdade de Odontologia para Uberlândia. Mas sem dúvida, esse atendimento tem um valor muito grande para a sociedade uberlandense. Ela contribui muito tanto no campo social como no campo do conhecimento.

P: Como era visto o Curso de Odontologia pela comunidade uberlandense?

R: Disso não me lembro.

P: A Escola de Odontologia trouxe alguma modificação para a sociedade uberlandense?

R: Com certeza. Hoje a FOUFU tem um papel muito importante no cenário da comunidade uberlandense. Ela cumpre bem esse papel. Ela tem uma grande representatividade para a comunidade uberlandense.

P: A criação da Faculdade de Odontologia veio atender a interesses de quem? Para que?

R: Não sei te responder com clareza. Mas acho que hoje podemos perceber que tudo que se cria e faz normalmente tem a mão do poder político, influencia política. Pode ser que tenha tido influencia política.

P: Quem promoveu a criação do Curso de Odontologia?

R: Não tenho certeza, mas acho que teve participação muito decisiva do deputado na época Homero Santos.

Entrevista nº13 , realizada em Uberlândia, dia 11/03/2006.
Entrevistado: Juarez Altafin
Curriculum vitae: Bacharel em Direito pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil; Promotor de Justiça; Juiz de Direito e Juiz Presidente da JCJ da Justiça do Trabalho em Uberlândia; Juiz Togado do Tribunal Regional do trabalho da Terceira Região.
Local de nascimento: Uberlândia MG
Nome da mãe: Aida Bernardes Altafin, doméstica.
Nome do Pai: Caetano Altafin, alfaiate

P: Pergunta
R: Resposta

R: O Genésio era o diretor da Engenharia. Fui Juiz de Direito no Prata, antes de ser juiz federal. Nós éramos muito amigos e ele tinha uma cadeira no quinto ano, e disse “Juarez, vem dar aula para mim.” Porque não existia naquela época essa titulação acadêmica de hoje. Para ser nomeado professor, o candidato tinha que ter indicado ou ter feito concursos na área. Eu tinha feito concursos e gostava de ser advogado. E dei aula por cinco anos na Faculdade de Engenharia, de Direito ligado a prática. Da mesma forma dei aula 10 anos na Economia, onde fui diretor, de Direito ligado as Ciências Econômicas. O 5º ano de Engenharia era uma turma rebelde. E sempre tínhamos uns alunos que davam mais trabalho. Muitos sentavam onde escreve e punham o pé onde se senta. Tinha um aluno metido a saber, que ficava assim a aula toda: “Qual é a lei doutor, qual é a lei?”. Um dia me deu uma inspiração, e perguntei pra ele: “Qual sua área?” E ele disse: “Engenharia Mecânica”, “Ah, então você deve ser doutor em Física.” Lembrei de uma aula de Física do ginásio. “muito bem, então qual é a lei da capilaridade?”. Ele ficou parado, e eu disse: “Lei da capilaridade. A capilaridade é inversamente proporcional ao vaso capilar.” A turma deu uma vaia nele e até fez um gesto indecente. Agora uma outra coisa, (...) (Fragmento retirado a pedido do depoente com intuito de não ter tal parte publicada na entrevista). Neste livro⁵ falo de um ofício que fiz para o Ministério. O Homero brigou comigo, quer dizer, brigou comigo sob um ponto de vista acadêmico, porque ele virou meu amigo, e o Jacy também, ele virou meu amigo, o Ministério idem, o Rondon - para transferir essas

⁵ O depoente fala aqui a respeito de um dos inúmeros livros que escreveu. Este de sua autoria intitulado *Primeiros tempos: depoimentos sobre pessoas e fatos do início da Universidade Federal de Uberlândia*. Ed. UFU, Uberlândia, 1997, 154p.

Faculdades para Universidade foi o Rondon né - o Rondon ajudou muito. Passou, mas não quiseram mandar mais dinheiro não.

P: passou, para a Universidade e o Estado não enviou mais verba?

R: É...

P: e como o senhor fez sem este repasse de verba? Porque deve ter sido uma luta... porque ele federalizou e não mandou mais dinheiro...

R: Não é que ele federalizou, não era não... Ele era Governador e ele propôs transformar essas Faculdades em Universidade, que não era federal ainda... Ou melhor, não era reconhecida como federal. Então você tem 3 Faculdades do Estado, ele era Governador do Estado. Por volta de 1960 teve a aula inaugural da Faculdade de Direito, veio um professor que era diretor da Faculdade de Direito lá do Largo de São Francisco, eu que o saldei, o Jacy pediu para eu o saldar. Isso foi numa sexta-feira, na segunda-feira começou o Curso, e eu lecionava TGE. Olha Jacy o problema é o seguinte eu estudei Teoria Geral do Estado no 1º ano do Curso, eu estudei em curso elitizado. Não era que eu era elite não, pelo contrário meu pai era alfaiate. Eu estudei na Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil. E o Jacy falou: Juarez, aqui em Uberlândia também ninguém entende, o Ministério te aprovou, quebra o galho.

P: O que mais o senhor lembra acerca daquela época?

R: Depois eu fui convidado pra ser diretor da Economia. Fomos eu e o Dr. Régis Simão que criamos. Em uma solenidade aqui na Universidade eu disse o seguinte: “Fui juiz e professor, o juiz conserta, o professor cria. Criar é mais gratificante não é?” Quando eu aposentei da Universidade, grande número dos professores tinham sido meus alunos.

P: O senhor trabalhou quanto tempo aqui na UFU?

R: 27 anos. Na verdade foram 32 anos. 27 foi o tempo que lecionei na Faculdade de Direito. Mas quando eu fui reitor, eu estava dispensado de dar aula né.

P: O senhor nasceu aqui em Uberlândia?

R: Nasci aqui. Fui criado aqui e depois fui pro Rio estudar. Eu terminei em dezembro meu curso e em abril eu fiz concurso para promotor de justiça de Minas. Eu tinha um irmão já formado que era médico, e ele disse: Juarez vai ter concurso agora em Minas para promotor. Então, em abril, eu fiz o concurso, passei e fui nomeado para Estrela do Sul. Você imagina sair da Praia do Flamengo depois de nove anos de Rio de Janeiro e ir pra Estrela do Sul.

P: Sua família ficou feliz... Do senhor ter passado, ter conseguido formar...? Porque como o senhor falou que naquela época era muito elitizado, também era muito difícil? Conseguir estudar, chegar a formar e ainda passar em um concurso igual ao que o senhor passou?

R: Quando cheguei lá em Estrela do Sul, a noite, parei e perguntei: onde fica o melhor hotel daqui? Aí falaram: hotel? aqui tem é a pensão da Dona Chiquinha, é essa aí em frente. Lá eu me casei e fiz carreira como promotor. Mais tarde eu comprei as partes de um imóvel rural lá, e hoje eu tenho propriedade lá.

P: E como era lá?

R: Tranquilo, muito tranquilo. E na minha propriedade eu restaurei uma casa antiga. Naquela época o circo estava inaugurando e explodindo em Uberlândia, onde a gente atuou.

P: A participação do senhor foi muito importante... Como deu seu vínculo com a Universidade de Uberlândia?

R: Por meio de um convite do Jacy de Assis inicialmente, quando começou o Curso de Direito. Ele me convidou para lecionar no primeiro ano. Foi o meu primeiro contato com o Ensino Superior em Uberlândia.

P: Qual o nome e a profissão de seus pais?

R: Meu pai era alfaiate e minha mãe doméstica, dona de casa. Meu pai era Caetano Altafin, e minha mãe Aida Bernardes Altafin.

P: Qual seu local de nascimento?

R: Eu morei em Uberlândia até terminar o meu curso no ginásio mineiro de Uberlândia. Depois eu fui para o Rio de Janeiro, onde eu estudei no Colégio Pedro II, 2 anos no Pré e onde fiquei, posteriormente, fazendo o Curso de Direito. Depois de formado voltei para o Triângulo Mineiro de novo, para Estrela do Sul como promotor de justiça. Também fui promotor em Cabo Verde, que era uma cidade do sul de Minas, e juiz de direito em Cabo verde, Monte Alegre e Prata, e depois eu fiz concurso para a Justiça Federal. Além de promotor, eu fui juiz municipal, juiz de direito, e depois juiz do Poder Judiciário da União. Como juiz eu morei em Monte Alegre, Prata e Cabo Verde. Depois eu fiz concurso para juiz federal e do Prata eu vim para Uberlândia. E vim residir em Uberlândia em dezembro de 1959. Em março eu comecei a lecionar na Faculdade de Direito.

P: Qual sua classe social na época da criação da Faculdade de Odontologia?

R: Eu era pobre. Meu pai era alfaiate, um artista. Suponho que ele demorava dois dias para fazer um paletó. Veio 6 filhos, e o ganho era sempre o mesmo. Mas era pobre mesmo. Tanto é que quando a gente terminava o primário tinha que fazer o exame de admissão ao ginásio. Para fazer exame de admissão você tem que estudar dois meses em um colégio particular. Meu pai não pode pagar esse colégio particular. Então eu fiquei três anos sem estudar até poder pagar esse colégio particular e fazer um curso de admissão. Eu era pobre mesmo.

P: O que representava/significava para o senhor ter uma Faculdade de Odontologia em Uberlândia?

R: Nessa época quando eu morava aqui não tinha Faculdade, os dentistas, cirurgiões-dentistas como eram chamadas não tinham Faculdade. Mas depois ela veio com essa expressão, porque Uberlândia também já era outra né...

P: Era mais dentistas práticos ou já tinha cirurgião dentista formado aqui naquela época?

R: Acredito que prático...

P: A população tinha condição de ir ao dentista prático?

R: Tinha, tinha... Tinha dentista que atendia, cobrava pouco mas atendia. Agora eu não posso dizer quais eram os formados naquela época, não tem como dizer quem tinha Faculdade. Mas que tinha muitos práticos tinha. Só não posso dizer quem era, também eu não me lembro, fui menino pro Rio de Janeiro.

P: Como foi visto o Curso de Odontologia pela comunidade uberlandense?

R: Muito honrada por ter dentistas formados aqui. Apesar de todo ônus ao vir a faculdade, pois só veio a Faculdade, não veio dinheiro, conforme eu já expliquei.

P: Quais as dificuldades que o senhor teve em relação ao Curso de Odontologia?

R: Dificuldade especificamente eu não tive. Porque conforme consta do meu livro⁶, quando a Faculdade ficou sem diretor, eu nomeei um pró-tempore, que não era da área, mas era um bom administrador escolar. E foi um bom administrador acadêmico. Eu sabia que ele ia atuar bem, como atuou. E depois ficou mais quatro anos como diretor que foi o professor Osvaldo Vieira Gonçalves, chamado professor Vadico.

P: A escola de odontologia trouxe alguma modificação na sociedade uberlandense? Modificou alguma coisa, em que?

R: Modificação porque era uma escola superior, muito bem estruturada, que formava dentistas com nível superior. Da mesma forma que a Faculdade de Medicina está no mesmo nível de importância nesta área que é muito importante. Foi uma evolução muito grande, muito boa.

P: Para o senhor, a criação da Escola de Odontologia veio atender a interesses de quem? Para que? Para quem?

R: Individualmente eu não me lembro. Deve ser do povo né.

P: O povo queria uma Faculdade aqui? Achava que precisava? O senhor se lembra de algum comentário na época em que o senhor era reitor?

⁶ Novamente o depoente cita seu livro: *UFU, Primeiros tempos: depoimentos sobre pessoas e fotos do início da Universidade Federal de Uberlândia*. Publicado em 1997, pela Editora UFU.

R: Eu me lembro. Quando foi criada essa Faculdade, ela trouxe muita alegria. É uma grande Faculdade né.

P: Para o senhor, quem promoveu a criação do Curso de Odontologia?

R: Junto aos outros deve ser Uberlândia né... Não tenha dúvida. Teve bastante repercussão boa nisso.

P: Há algum fato ou acontecimento que o senhor gostaria de deixar registrado na história da Faculdade de Odontologia?

R: especificamente eu não lembro. Lembro apenas do que eu coloquei no meu livro que foi a nomeação do professor Osvaldo Vieira Gonçalves, o professor Vadico para diretor da Faculdade né. É um fato específico que eu lembro. Da mesma forma que a Faculdade de Engenharia, de Medicina... Acompanhei várias Faculdades. Particularmente não me recordo de nada não.

P: A nomeação do professor Vadico foi muito importante para o reconhecimento do curso? Como era dado esse reconhecimento? Era difícil?

R: O MEC autorizava o Curso, depois para funcionar o MEC tinha que reconhecer, e para isso olhava se certos requisitos foram cumpridos, como professor, aluno, instalação... Enfim, tudo aquilo ligado a uma Faculdade. E o MEC era rigoroso. O ensino era muito elitizado, o curso de Direito... Faço referencia ao reconhecimento de um Curso Superior de Direito em São Paulo, quanto aos membros Conselho Nacional de Educação que analisavam. O Primeiro foi contra, porque achava que o Curso estava muito desorganizado para um curso de Direito. Ele disse o seguinte: “Hoje eu fui a um banco no Rio de Janeiro e quem me atendeu era formado em Direito.” O outro já era favor, dizia que então seria um funcionário muito bem educado. Era um choque isso e hoje não é mais. Quantas faculdades de Direito existem aqui em Uberlândia. Eu nem sei. Tanto que antigamente se terminava o curso de Direito e já se recebia a carteira da Ordem dos Advogados do Brasil. Hoje tem que fazer um exame para ser aprovado e os jornais divulgam uma percentagem muito pequena de aprovados. Pois nem todos têm capacidade de advogar. E os concursos hoje na área jurídica estão difícil, muitos candidatos. Tanto que os concursos hoje em dia em sua primeira fase têm prova de múltipla escolha para eliminar, igual vestibular. Depois que elimina, aí sim vamos começar o concurso. Quando eu fiz concurso para promotor de justiça, juiz de direito e juiz federal, não. Já se começava o concurso ali. Quem é que estava certo então, eu pergunto a você? O que achava que devia ser um curso de respeito ou ao outro.

P: Eu acho que o que era mais aberto estava mais certo. Inclusive o que queria vetar a abertura da faculdade ia até ser mais bem atendido, pois a pessoa mais instruída poderia auxiliá-lo melhor.

R: estudei em outra época. Quando fiz concurso para promotor de justiça havia 200 candidatos.

P: o senhor era muito estudioso professor?

R: Não. Freqüentei a melhor faculdade. Mas eu mexi muito com política no Rio de Janeiro. Pertenci ao Partido Comunista do Brasil, no tempo de Prestes.

Quando eu era estudante de Direito, me convidaram para participar da célula do Partido Comunista da Faculdade de Direito, e eu participava. Depois passei a pertencer a uma célula do Flamengo, onde atuava. Aí fui convidado para trabalhar no Comitê Central do Partido Comunista, eu era estudante, no setor de verificar a linha política do Partido no Brasil todo. Mas o Partido nesta época era na legalidade. Trabalhei com o Astrogildo Pereira que foi um dos fundadores do Partido Comunista e que depois cuidou da atuação ideológica da imprensa no Brasil. Eu auxiliava o comitê central do Partido. Eu não era estudioso. Tive grandes professores. Quando eu terminei o curso e fiz concurso para promotor começou uma nova fase da minha vida. Fui para Estrela do Sul. Eu conto isso em um livro que eu escrevi.

Entrevista nº14 , realizada em Uberlândia, dia 02/04/2006.
Entrevistado: Governador Rondon Pacheco
Curriculum vitae: Bacharel em Direito
Deputado Estadual
Deputado Federal
Ministro Chefe da Casa Civil da Presidência da República – Anos de 1967/1970
Governador do Estado de Minas Gerais – Anos de 1971/1975
Nome do Pai: Raulino Cotta Pacheco

P: Pergunta
R: Resposta

P: Como se encontrava, ou seja, em que momento político estava o Brasil no ano de 1970? Como foi o contexto político, em 1970, para o senhor?

R: Em 1970, eu estava sobrecarregado com as maiores responsabilidades políticas deste país. Porque havia recebido uma delegação do Presidente da República daquela época que era o eminente General Emílio Garrastazu Médici, que me convocou para presidir nacionalmente o partido que lhe dava sustentação no Governo, no Poder Executivo, e me delegou uma missão das mais difíceis, das mais complexas do ponto de vista político, porque fui encarregado de viajar do Acre até Santa Catarina escolhendo os futuros Governadores do país. Quanto ao Rio Grande Sul, ele me disse na presença do Ministro Orlando Geisel, que era o irmão do Ernesto que era o Ministro da Guerra, “Dr. Rondon, o senhor não vai ser Governador, nem Ministro agora, porque o senhor vai escolher os Governadores do país. Mas, eu quero dizer que para o senhor poder escolher os Governadores do país o senhor já está escolhido. O senhor vai ser o Governador de Minas. E quero dizer que no Rio Grande do Sul o senhor não precisa ir porque lá é o meu Estado, então, eu escolho. Eu sou gaúcho e lá eu escolho.” Então, eu disse que estava pronto pra viajar e assumir a presidência da ARENA, e para ajudá-los nesta conjuntura. Mesmo porque lá estava o Ministro da Guerra, naquele tempo, era Ministro da Guerra, e não Exército. Eu e o General que aqui está o Orlando Geisel, vamos transferir esta responsabilidade pra você porque está muito tumultuada a área militar. Porque tinha ocorrido disputa interna pela Presidência dentro do Exército aquela época. O outro candidato era o General Afonso Albuquerque de Lima. O Médici foi o eleito. Mas eles tinham que organizar tudo lá dentro né. Senão como ele iria ter sustentação política e militar, e de segurança, se não organizasse o exército. Assim saí, já havia sido escolhido

Governador de Minas, mas não contei isso a ninguém, senão estava degolado. Ainda mais de Minas...Eu estaria degolado pois a competição era muito grande. Então, saí selecionando, de capital em capital de Estado, e sentindo aqueles nomes adequados para as votações majoritárias. O Governador era escolhido por eleição indireta pela Assembléia, mas tinha eleição majoritária entre os senadores. Tinha que escolher dois senadores em cada Estado. E fomos muito felizes porque conseguimos uma maioria muito expressiva no Senado e os Governadores parece que foram muito bem escolhidos porque trabalharam em paz, grandes nomes, alguns até hoje.

P: E em Uberlândia, como o senhor recorda da política Uberlandense em 1970?

R: Em 70, eu me recordo muito da política uberlandense porque nascia algo positivo. E esses jovens universitários e mesmo os ginasianos já tinham uma grande vocação política. Fui presidente da AESU (Associação dos Estudantes Secundaristas de Uberlândia), depois fui estudar em Belo Horizonte. Eu me recordo, em 70 de uma cidade florescente, motivada. Uma cidade que estava na plenitude das suas realizações. Entre 67/70 eu fui Ministro da presidência. Eu fui Ministro Chefe da Casa Civil da Presidência da República. E o presidente Costa e Silva, que era o presidente da República, veio em Uberlândia várias vezes, eu conseguia trazê-lo, e, ele asfaltou a estrada pra Brasília, que foi uma grande conquista pra Uberlândia, pois cortou muito caminho. Ele criou nossa Universidade. Fiz o decreto, ele assinou. E eu tinha aquela confiança absoluta no destino de Uberlândia, e, Uberlândia tinha me confirmado na Câmara Federal. Eu era deputado federal e presidente da Arena, escolhendo governadores. E os meus contatos, desde que iniciei a vida pública em 1947, fins de 46, eu tinha muita identidade com meu povo. Eu estava em Belo Horizonte, onde havia me formado em Direito. Lá já tinha sido deputado constituinte mineiro, e fiquei na Assembléia, apenas uma legislatura. E, em 1950, me mandaram para a Câmara Federal. E, em 1951, veio o Getúlio eleito. Eu trabalhando na Câmara, aprendendo no cotidiano, aprendendo todos os dias. Muito bem entrosado com todos os políticos de Uberlândia. Com nossa Associação Comercial, ainda não existia o CAMARU, mas já existia a Associação dos Agricultores e Pecuáristas. A Associação dos Motoristas aqui com Lázaro Chaves, com todos os partidos. PSD e UDN naquela época já tinham sido extintos, mas até 1966, quando os partidos existentes foram extintos, para a criação de outros, para fazer apenas o bipartidarismo, era o ideal, que já havia naquela época muita legenda de aluguel. Em 1970, eu estava já com vinte anos de mandato, quer dizer, 23 anos de mandato, então, eu já era um homem que conhecia os bastidores, que o Getúlio chamava de “meu serpentário de luxo”, ele brincava assim, era a Câmara Federal e o Senado. Estava bem domesticado né, naquela luta, que é uma luta que vocês não calculam. Muita vaidade, muito pragmatismo, a luta política. Cada um disputa palmo a palmo as influências do poder. O país é um continente. Então aprendi, e eu tinha a esperança de ver Uberlândia continuar florescendo. E em 71, no final de 70, foi um ano marcante pra mim, o ano em que fui escolhido como Governador do Estado. Fui eleito pela Assembléia e pude dar continuidade ao trabalho que vinha fazendo como Ministro e como deputado. Trouxe a malha rodoviária para Uberlândia. E trouxe de Montes Claros, a estrada chegou aqui foi uma surpresa pra cidade, pois tínhamos aqui uma grande aspiração, que era construir uma ponte sobre o Rio Araguari para encurtar o caminho, pois era muito difícil, não havia realmente uma justificativa, e isso era muito caro para a época. Mas quando conseguimos implantar a rodovia do sal, que vem de Montes Claros para Uberlândia, Montes Claros, Pirapora, Patos

de Minas, Patrocínio, Uberlândia, esta rodovia consolidou muito o progresso de Uberlândia. Como em 1951, como deputado federal tínhamos conseguido as verbas para o asfaltamento de Uberlândia e Itumbiara, precedeu ao asfaltamento de Belo Horizonte ao Rio de Janeiro. Eu fiz um projeto de lei para fazer a estrada, o presidente Getúlio Vargas, achou aquilo no início, dentro da sistemática legislativa, uma aberração. Um projeto isolado dessa natureza... Mas ele foi de uma sensibilidade política admirável. Ele não sancionou o projeto, não criaram precedentes, mas também não vetou. Não exerceu o direito do veto que ele tinha. Então 15 dias depois o projeto tem que voltar ao Congresso, e o presidente do Senado aprovou o projeto. Era o Café Filho, o vice do Getúlio. Ele promulgou o projeto. Então uma batalha, com o auxílio de toda uma retaguarda política de Uberlândia, de todos os seus representantes, das associações de classe, aí fomos nos organizando, e Uberlândia mandou uma representação ao Getúlio, que estava passando o verão em Petrópolis, como ele sempre fazia. A comissão uberlandense ligou lá e mostrou as razões que justificavam tudo isso, tendo como principal argumento que durante a Grande Guerra, o Governo Federal foi obrigado a fazer em Uberlândia a Fundação Brasil Central, para poder arrecadar toda a produção com transportes especiais essas coisas, e com o abastecimento de gasolina, porque ela era racionada. E essa estrada em terra que foi uma obra admirável do saudoso engenheiro Fernando Vilela, estudou em Ouro Preto, veio para Uberlândia e aqui criou família e tal, era um homem notável. Ele fez esta estrada até Ituiutaba, que era uma estrada de bancos de areia, era uma viagem penosa, daqui a Ituiutaba você gastava 4 horas. Mas era a via de comunicação fundamental para a grandeza de Uberlândia. E conseguimos. O Getúlio teve a sensibilidade e mandou o DNER comprar esse asfalto. O Brasil não produzia asfalto, pois não tínhamos a Petrobrás. Até o asfalto era importado da Venezuela. Os galões de asfalto entraram ali na Afonso Pena e foi um foguetório. O Alexandrino Garcia ainda não era dono da CTBC, mas tinha postos de gasolina, com o foguetinho na mão, soltando foguete. O Boulange Fonseca, o Juquita da Erlan. Todos eles soltando foguete e o asfalto chegando. Fizemos o asfaltamento até Itumbiara. Foi um achado para o futuro. Pois coincidiu depois com a criação de Brasília.

P: Para o senhor quais os acontecimentos que mais marcaram a história da criação da Universidade de Uberlândia?

R: Olha, o acontecimento mais confortador para a criação desta Universidade foi a unidade espiritual, intelectual da sociedade uberlandense, no sentido de criar um bloco monolítico em apoio as Escolas Superiores, que até então vinham sendo formadas. Nós já tínhamos... A primeira Escola criada em Uberlândia foi a Escola de Filosofia do Colégio das Lágrimas, Madre Ilar, que está viva. Elas tinham sustentáculo, tinha uma freira superior chamada Madre Rita de Cássia Amarante, mulher notável. Na maior pobreza possível, amealhando recursos. Então esta vocação que eu senti para a cultura que nós precisávamos, pois criamos a Escola de Filosofia, depois criamos a Escola de Direito. A Escola de Direito, tenho o telegrama até hoje, são signatários Jacy de Assis e Gabriel Catistan. Esse era o presidente da fundação de ensino e o Jacy o diretor em potencial da Escola de Direito, que foi criada e está lá, mas precisava de reconhecimento. Este é o telegrama que me foi enviado quando da criação da Faculdade: Cumprimenta referente a Faculdade de Engenharia, Uberlândia fica devendo ao eminente amigo mais este grande serviço, Abraços Jacy de Assis e Gabriel Catistan. O que é importante foi essa mobilização de Uberlândia, unindo todas as nossas forças para o alcance das escolas superiores. Então criamos a Escola lá no setor federal, a 2ª

Escola que foi a Escola de Direito, depois veio o conservatório de música. Depois veio a Escola de Ciências Econômicas, cujo primeiro diretor foi o Juiz Juarez Altafin, e começamos a batalha pela Escola de Engenharia, pois nós precisávamos que a Universidade tivesse 5 escolas integrantes. Sem as 5 Escolas não tinha Universidade, isto está na lei. Então, mas nós queríamos uma Universidade reconhecida federal, e para se criar uma universidade federal, era necessário ter uma Escola Oficial do Governo. O Juscelino estava na presidência da República, em 1956, e mandou para o Congresso uma mensagem criando uma Escola Agrotécnica, em Bambuí, em Minas Gerais. Os deputados não tinham o poder de iniciativa, para organizar a estrutura de uma Escola. Mas tinham o poder de emenda do projeto ao presidente. Eu não tive dúvida, emendei o projeto do Juscelino. Onde estava “uma escola agrotécnica em Bambuí” e coloquei “e uma Escola de Engenharia em Uberlândia, Minas Gerais”. Veja o senso de oportunidade e o senso político, pois ia ficar muito mal pro Juscelino em criar uma Escola Agrotécnica em Bambuí e recusar uma Escola de Engenharia em uma das já grandes cidades e com várias escolas superiores. Faltava só a Engenharia para que se transformasse em Universidade. Vejam vocês a importância dos fatos, a coincidência e a convergência. Era presidente da Comissão de Justiça o deputado Tarso Dutra, do Rio Grande do Sul. Ele levanta-se da cadeira presidencial e diz: “você não vai sozinho, você vai me permitir pegar uma garupa”. Pois ela estava oportuníssima, e o Juscelino não pode recusar isso. E ele colocou: “Uberlândia e a Faculdade de Engenharia em Santa Maria no Rio Grande do Sul.” Que 5 anos depois quando da criação da Universidade eu era Ministro da presidência da casa civil e o Tarso Dutra era Ministro da Educação. Então, fizemos como foram criadas juntas, as duas, a de Uberlândia e a de Santa Maria, vieram a constituir o projeto da Universidade. O projeto da Universidade era Uberlândia e Santa Maria e o presidente da república era do Rio Grande do Sul e o Tarso Dutra Ministro da Educação. Então eu tenho a fotografia, inclusive na hora que o presidente assinou a criação da Universidade de Uberlândia e Santa Maria, eu dando a ele o decreto, e eu digo isso a vocês *in off*, que aqui corria um boato que tinha chegado um decreto de Santa Maria e eu acrescentei Uberlândia. Foi justamente o contrário. Desde o nascimento. Então, Daniel Grila, Presidente da ARENA naquela época, que tinha contribuído muito para eleger o presidente do Rio Grande do Sul, Tarso Dutra Ministro da Educação do Rio Grande do Sul e eu de Minas Gerais, Ministro da Presidência. Foi assinado o decreto da universidade, criando a universidade de Uberlândia. No próprio decreto colocamos que o diretor da Faculdade de Engenharia seria o primeiro Reitor. Ela era a semente. Era o Genésio de Melo Pereira, dono destas granjas e grande empresário de Uberlândia. E assim foi criada a Universidade.

P: E em relação à Faculdade de Odontologia, quais foram os fatos mais marcantes na formação da Faculdade?

R: Eu acho que foi o seguinte, quando ela surgiu no plano estadual, em um Estado muito carente de recursos. E esse programa de Ensino Superior realmente é um programa federal. A Escola estava criada com grandes problemas. Eu tive a honra e a graça de chegar ao Governo e bateram logo as portas dizendo da situação da Escola de Odontologia. E como já tinha um “knowhow” das outras Escolas, a Escola de Odontologia era uma Escola fundamental, que atende uma grande gama. Já naquela época, o dentista já era um homem muito solicitado. Todo mundo precisa de dentista. Eu me lembro que eu comprei 50 gabinetes dentários e mandei vir pra cá. Estava na direção da escola, o professor Osvaldo

Vieira Gonçalves, que era farmacêutico formado, tinha sido diretor do Museu, a Escola Estadual, e agora estava na direção da Faculdade. Foi até aquele impacto, mas consolidava a Escola e ela incorporou à Universidade.

P: Ela era uma Autarquia? Era a única de Minas?

R: Isso multiplica, pois na hora que se cria uma as outras pegam garupa.

P: Sr. Rondon, o que o senhor acha da importância de se implantar uma Faculdade de Odontologia em Uberlândia?

R: Ah, é muito grande. Todo mundo tem dente podre. Você não sabe a falta que faz isso (o entrevistado retirou e mostrou seus óculos) pro povo, na hora de votar, quando era aquela cédula que tinha que ler e assinar o nome, a falta que faz uns óculos, principalmente de mais idade. Então a gente tem que ter sensibilidade para as Escolas básicas e suas iniciativas. Odontologia era uma Escola muito necessária, e aconteceu que tivemos inclusive que transferir como Governador, Escolas que estavam em municípios menores também para Universidade. Transferir uma escola de uma cidade para outra pois a cidade originária não tinha condições, precisava de arte e coragem para fazer um ato deste. E trouxemos outras Escolas, Veterinária, por exemplo. E Uberlândia organizou sua pirâmide cultural que é nossa Universidade.

P: Como foi idealizada a Escola de Ensino Superior de Uberlândia? Quem lhe pediu ajuda para implantar tal projeto?

R: Olha a primeira escola de Ensino Superior, os telegramas que eu recebia lá eram do Jacy de Assis, do Homero Santos, da Câmara Municipal, da Associação Comercial, da Associação Ruralista, era uma voz vibrante e eloquente de toda a cidade. Mas tinha suas lideranças: Jacy de Assis, Domingos Pimentel de Ulhoa, José Olimpio Azevedo que é irmão do atual secretário de educação, do Afranio, eram homens apaixonadores, Dr. João Martins, José Ribeiro, meu concunhado, morreu há 2 meses. Foi uma luta empolgante. Agora, as Escolas até então existentes, como nosso Ginásio Estadual, ele já tinha sido um celeiro de vocações, nomes de peso como Amadeu Cury, família de Guaxupé que veio para Uberlândia, ele tem um dos currículos mais ricos do mundo científico brasileiro, ele era cientista de Manguinhos, outra pessoa era o Adib Jatene, o Ataíde Ribeiro da Silva. Brilharam lá fora... Rocheda Vintiseba, que criou uma Escola de Medicina em Valença no Estado do Rio, e outros que saíram daqui. O Amadeu veio a ser reitor da Universidade de Brasília. Que é uma universidade pioneira também. Das vocações que surgiram nesta cidade, Domingos Pimentel de Ulhoa era uma das criaturas mais brilhantes, médico, pediatra, presidente da Associação dos Médicos também era. Lembrar todos os nomes é difícil, a gente pode ir citando e esquecer algum. O Fausto Gonzaga de Freitas estava nesta luta, o José Olimpio, Jose Bonifacio Ribeiro. Eu vinha muito a Uberlândia, pois eu estava pra ser potencialmente Ministro, mas saiu na imprensa, porque tudo sai na imprensa não sei como, que um possível Ministro do futuro Governo será o deputado Rondon Pacheco, então minha casa enchia. Eu me lembro que eram numerosas as comissões e muito forte a aspiração de Uberlândia em uma Escola Superior, que mesmo porque na realidade havia até uma frustração porque em Uberaba já tinha as Escolas do deputado Mário Palmério né.

Mas eram particulares. E Uberlândia quis acompanhar o ritmo. Ajudamos assim a criar as Escolas de Uberlândia. Quero exaltar e lembrar de um nome que foi o Presidente Costa e Silva. O Genésio chegava lá na Casa Civil para tratar da Escola de Engenharia, e eu o levava ao Presidente. Até abusava um pouco pois a agenda dele era carregada. Então, o presidente perguntava a ele como estava a escola de Medicina em Uberlândia e ele dizia: “Mas presidente, eu sou é da Escola de Engenharia.” E o presidente falava: “Mas eu estou preocupado com a Escola de Medicina.” Para eles uma Escola de Medicina era muito mais difícil de se cuidar, pois é hospital, cadáver, maternidade. Conseguir isenção alfandegária, pois precisava de aparelhos sofisticados. Tive que topas várias paradas com o Ministro da Fazenda pois o inspetor deles não deixava o material entrar, ficava parado lá em Santos. Tinha que pagar os direitos de importação e a Escola não tinha dinheiro, mas como era assunto relevante não pagava. Mas o inspetor não se conformava.

P: Quais as dificuldades encontradas e quais foram os maiores colaboradores para efetivação do projeto da Autarquia Estadual de Uberlândia, especificamente, a Odontologia?

R: A Odontologia foi uma iniciativa da Assembléia Mineira do Deputado Homero Santos, sempre com a ressalva do Governador de que o Estado não tinha muitos recursos, os entevos com o Israel Pinheiro foram muito trabalhosos no sentido de criar um precedente de Escola Superior como Odontologia para Uberlândia. Mas deu tudo certo e a Escola foi instalada. E os fatos ajudaram, pois quando tivemos que aparelhar a Escola, eu estava com o Governador e na verdade não podíamos deixar o cavalo no meio do caminho, seria uma covardia.

P: Como foi a inauguração da policlínica da Odontologia a qual te homenageou nomeando-a como policlínica odontológica Rondon Pacheco?

R: Eu me lembro que foi um movimento coletivo. O professor Osvaldo Vieira ficou muito reconhecido, tantos gabinetes dentários. Mas acho que foi uma obra de conjunto. Não podemos nos esquecer de um trabalho de um Domingos Pimentel de Ulhõa, de Jose Olimpio de Freitas Azevedo, de Jose Bonifácio Ribeiro, Dr. João Fernandes, cunhado do Alair Martins, já puseram até um busto pra ele ali na Escola, eu fui lá. Então este é um trabalho que ninguém pode reivindicar. É um trabalho de conjunto, uma soma. E tivemos a felicidade de termos os instrumentos, porque a política, a virtude dela é essa, é aquilo que você consegue fazer que sozinho você não conseguiria. É um instrumento do poder. A pessoa leiga é colocada naquela posição, mas o instrumento do poder é que tem a força magnética, a força decisiva. E por isso é a grande sedução da vida pública. Juscelino jamais faria Brasília sozinho.

P: Qual o significado/representação dessa Escola Superior de Odontologia para a cidade de Uberlândia?

R: Eu acho que foi muito expressiva. Eu tenho um irmão aqui em Uberlândia, um senhor muito representativo na Odontologia que é o Sr. Márcio Pacheco, formado em Ribeirão Preto. Antes tinha que ir para Ribeirão. Ele foi um dos entusiastas da Escola de Odontologia. Lembro-me de tantos dentistas. Tinha um da família Luz, o Índio Luz, o

Laerte, você vai encontrar na sua tese o nome deles. O Genésio Melo da Engenharia, o Jacy de Assis, sempre tem um que se esforça mais. O Laerte Alvarenga Figueiredo foi para a Odontologia o que o Genésio de Melo Pereira foi pra Engenharia.

P: A quem e quais interesses a instalação da faculdade de Odontologia estaria atendendo no contexto histórico e político daquela época?

R: Nesse sentido, eu acho que foi um fato natural, é a força da natureza nas coisas. A cidade cresceu. Havia mercado para a existência de uma escola. Uberlândia era uma cidade polo. Aqui no meu prédio tem vários estudantes de Odontologia. É a necessidade. É o fato social mesmo. Agora, eu também ajudei muito em Ituiutaba. Eu era Ministro da Casa Civil, e levei um professor de Ituiutaba para o meu gabinete chamado Antonio Castillo, e ele era professor das Escolas de Ituiutaba. Foi um esforço para a construção das Escolas de Ituiutaba e assim, é fazer o bem sem olhar a quem.

Entrevista nº15 , realizada em Uberlândia, dia 29/04/2006.
Entrevistada: Nazaré Aparecida Massariolli
Nível escolar atual: 2º grau incompleto
Data de nascimento: 03/04/1957
Nome da Mãe: Olga de Oliveira Massariolli
Nome do Pai: Valdemar Massariolli
Local de nascimento: Uberlândia MG
Classe social a que pertencia em 1970: classe baixa
Profissão atual: Serviços Gerais

P: Pergunta R: Resposta

P: Em que ano você recebeu atendimento na policlínica da UFU?

R: No ano de 1974. Naquela época eu era estudante, estava terminando o 1º grau.

P: Como você ficou sabendo da possibilidade de receber tratamento odontológico naquela policlínica?

R: Através da minha mãe. Nós duas procuramos a clínica e começamos o atendimento. Minha mãe também foi atendida lá e alguns parentes também.

P: Você pagou algum valor pelo tratamento? Se sim, qual foi? Era elevado?

R: Sim, o tratamento foi pago. Paguei os raios-X, canais. Não me lembro o valor exato.

P: Que tipo de tratamento você fez? Que tipo de tratamentos eram oferecidos?

R: Eu fiz obturações e canal. Acho que foi só. Mas todos os tipos de tratamento eram oferecidos pela clínica. Inclusive eu fiz peças protéticas e restaurações metálicas com ouro. O ouro era eu mesma quem levava, e eles colocavam.

P: Quem te atendeu? Foram alunos? Atendiam em dupla?

R: Fui atendida o tempo todo por alunos. Eles atendiam individualmente. Não me lembro o nome de quem me atendeu, mas me lembro de um aluno que agora é dentista e era aluno naquela época, o Dr. Washington, inclusive o consultório dele é aqui perto no Roosevelt.

P: A senhora ficou satisfeita com o atendimento? Foi bem atendida? Corresponderam as suas expectativas?

R: Fiquei satisfeita com o atendimento. Fui muito bem atendida. Corresponderam as minhas expectativas.

P: E os outros pacientes pertenciam a qual classe social na época, rica média ou baixa?

R: Eles eram de classe baixa.

P: O que representou/significou a criação da Faculdade de Odontologia para você? Modificou alguma coisa para você ter uma Faculdade de Odontologia em Uberlândia?

R: Não tem como eu saber. A existência da faculdade ajudou bastante, principalmente no tratamento.

P: Algum dos seus familiares e conhecidos também receberam tratamento na policlínica da Odontologia?

R: Sim. Fizeram obturações, canal, prótese. Dentaduras também. Minha mãe mesmo fez tratamento lá.

P: Como a comunidade uberlandense via: 1º) A Faculdade de Odontologia 2º) Os dentistas da cidade 3º) os alunos da Escola de Odontologia?

R: Todos acharam bom. Aqui tinha muitos dentistas que não eram formados e atuavam. Então, a população passou a freqüentar a Policlínica ao invés de procurar os dentistas não formados. Já os alunos eram bem aceitos pela sociedade.

P: Tem algum acontecimento/notícia que você viu ou ouviu falar da Faculdade de Odontologia que te chamou a atenção na época da década de 70?

R: Não que eu me lembre.

P: O que representou para você ter uma Faculdade de Odontologia em Uberlândia?

R: Ajudou muito o pessoal da classe média e baixa, principalmente naquela época. O tratamento era acessível. Gostei muito do tratamento que fiz. Inclusive o tenho até hoje.

ANEXO XVI – QUESTIONÁRIO SEMI-ESTRUTURADO

Questionário direcionado aos ex-alunos das primeiras turmas de Odontologia da FOU (1973-1978).

1º. Etapa: Qualificação do entrevistado

- a) Nome;
- b) Nome e profissão dos pais;
- c) Local de nascimento, local de moradia e classe social em 1970;
- d) Percorso escolar desde o início das atividades escolares até o ingresso na FOU.

2º. Etapa: Questionário acerca da FOU.

- e) Depois de formado como foi o ingresso no mercado de trabalho correspondeu às suas expectativas?
- f) O que representava para o senhor ter uma Faculdade de Odontologia em Uberlândia?
- g) O que significou/representou a Escola de Odontologia em sua vida profissional?
- h) O que significou/representou o Curso de Odontologia para você?
- i) Para sua família, como foi visto o Curso de Odontologia?
- j) Como foi visto o Curso de Odontologia pela comunidade uberlandense?
- k) A Escola de Odontologia trouxe alguma modificação na sociedade uberlandense? Modificou alguma coisa? Em que?
- l) Para o senhor a criação da Escola de Odontologia veio atender a interesses de quem? Para que? Para quem?
- m) Para o senhor quem promoveu a criação do curso de Odontologia?

Questionário direcionado as funcionárias

1ª. Etapa: Qualificação do entrevistado

- a) Nome;
- b) Nome e profissão dos pais;
- c) Local de nascimento;
- d) Classe social a que pertencia em 1970;
- e) Qual o tempo de vínculo com a Faculdade de Odontologia;
- f) Qual sua área de atuação;
- g) Como foi o percurso escolar.

2ª. Etapa: Questionário acerca da FOU

- h) Como foi o começo do trabalho na FOU?
- i) Como foi a carreira profissional?
- j) O que representava, para você, ter uma Faculdade de Odontologia em Uberlândia?
- k) O que significou a Escola de Odontologia na sua vida profissional?
- l) Como foi visto o Curso de Odontologia pela comunidade uberlandense?
- m) Você acha que a FOU trouxe alguma modificação em Uberlândia?
- n) Para você, a criação da FOU veio atender a interesses de alguém, de quem?

- o) Quem promoveu a criação do Curso de Odontologia em Uberlândia?

Questionário direcionado a ex-paciente da Policlínica nos seus primeiros tempos

1ª. Etapa: Qualificação do entrevistado

- a) Nome;
- b) Nível de escolaridade atual;
- c) Data de nascimento;
- d) Nome e profissão dos pais;
- e) Local de nascimento;
- f) Classe social em 1970;
- g) Profissão atual.

2ª. Etapa: Questionamento acerca da FOU

- h) Em que ano você recebeu atendimento na Policlínica da FOU? Como você ficou sabendo da possibilidade de receber tratamento odontológico naquela Policlínica?
- i) Você pagou algum valor pelo tratamento? Se sim, qual foi? Era elevado?
- j) Que tipo de tratamento você fez? Que tipo de tratamentos eram oferecidos?
- k) Quem te atendeu? Foram alunos? Atendiam em dupla?
- l) A senhora ficou satisfeita com o atendimento? Foi bem atendida? Corresponderam as suas expectativas?
- m) E os outros pacientes pertenciam a qual classe social?
- n) O que representou/significou a criação da FOU para você? Modificou alguma coisa para você ter uma Faculdade de Odontologia em Uberlândia?
- o) Algum dos seus familiares e conhecidos também recebeu tratamento na Policlínica da Odontologia?
- p) Como a comunidade uberlandense via: 1º) A Faculdade de Odontologia, 2º) Os dentistas da cidade e 3º) os alunos da Escola de Odontologia?
- q) Tem alguns acontecimento/notícia que você viu ou ouviu falar da FOU que te chamou atenção, na época de 1970?
- r) O que representou para você ter uma Faculdade de Odontologia em Uberlândia?

Os questionários direcionados ao ex-Reitor da UnU, Juarez Altafin e aos políticos Homero Santos e Rondon Pacheco, foram formulados orientados pelas questões apresentadas acima, porém, adaptados de acordo com a disponibilidade de tempo de cada um, e, relacionando as perguntas ao cargo exercido e a participação administrativo-política do depoente, no contexto da criação da Faculdade de Odontologia de Uberlândia.

*Arguine-H
JAA.*

DOCUMENTO I

UNIVERSIDADE DE UBERLÂNDIA

CONFIDENCIAL

Data: 31 / maio /1978

Memorando N.º 421

Do Reitor da Universidade de Uberlândia

Para Diretor da Faculdade de Odontologia, Dr. Laerte Alvarenga de Figueiredo

Assunto: Faz solicitação

Senhor Diretor:

Tendo em vista orientação superior, confidencial, participo a V. Exa. que todas as publicações estudantis, atualmente, estão abrangidas pelos dispositivos da Lei nº 5.250, de 09 de fevereiro de 1967, que em seu artigo 8º obriga os jornais e demais publicações periódicas a inscrição no Registro Civil das Pessoas Jurídicas, sob pena de serem considerados clandestinos, conforme preceitua o artigo 11 da mesma Lei.

Assim, solicito seja observada a Lei acima referida, com respeito ao registro das publicações estudantis, dessa Unidade.

Por fim, peço a V. Exa., em sua missão de educador, orientar constantemente os responsáveis pelas publicações estudantis, dessa Unidade, estimulando-os em seus empreendimentos, sempre em obediência às Leis que regem o País e em defesa da Segurança Nacional.

Atenciosamente,

Juarez Altafin
JUAREZ ALTAFIN
Reitor

CONFIDENCIAL
UNIVERSIDADE DE UBERLÂNDIA

DOCUMENTO II

Data: 27 / agosto /1973

Memorando N.º 608

Do Reitor da Universidade de Uberlândia

Para Diretor da Faculdade de Odontologia, Prof. Laerte Alvarenga de Figueiredo

Assunto: Faz comunicações

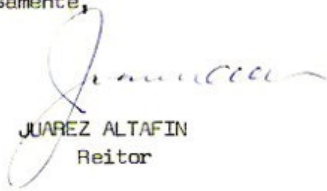
Senhor Diretor:

1. Nos termos da legislação vigente (Lei nº 5.540 de 1968, Decreto-Lei nº 228 de 1967, Parecer nº 62/69 do C. F. E., Portaria Ministerial nº 25/68 e Decreto nº 69.053 de 1971), lembro a V. Exa. que são considerados ilegais todos os tipos de encontros estudantis, cuja promoção/esteja em desacordo com o espírito dessas determinações e de outras que regulamentam o assunto.

2. Outrossim, segundo o disposto na Lei nº 5.726, de 29/10/1971, regulamentada pelo Decreto nº 69.845, de 27/12/1971, a Direção das Escolas é responsável pela orientação e esclarecimentos aos estudantes.

3. Finalmente, pelo Aviso-Circular nº 861, de 27 de julho pp., o Exmo. Sr. Ministro da Educação encarece" a necessidade do fiel cumprimento do artigo 4º da Portaria Ministerial nº 149-A, de 28 de março de 1969, que determina a remessa obrigatória à Divisão de Segurança e Informações deste Ministério, no prazo de 30(trinta) dias após conclusão de processo sumário, com base no Decreto-Lei nº 477, de 26 de fevereiro de 1969, de cópia autenticada de decisão que nele houver sido proferida."

Atenciosamente,


JUAREZ ALTAFIN
Reitor

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento.
(Art. 1º da Lei nº 5.047 - Regulamento para Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

UNIVERSIDADE DE UBERLÂNDIA

DOCUMENTO-III

Data: 13 / fevereiro /1973

Memorando N.º 92/73/Sigiloso

Do Reitor da Universidade de Uberlândia

Para Diretor da Faculdade de Odontologia - Prof. Laerte A. Figueiredo

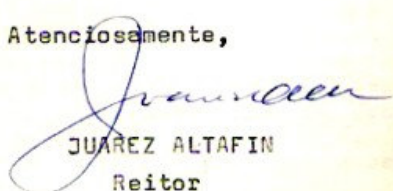
Assunto:

Senhor Diretor:

De acordo com a resolução tomada pelo Conselho Universitário, o Diretor de cada Unidade é responsável pelo tro te dado aos calouros da mesma.

Envio-lhe, em anexo, cópia de expediente sigiloso recebido da Divisão de Segurança e Informações do MEC.

Atenciosamente,


JUAREZ ALTAFIN

Reitor

01

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

CONTRIBUIÇÃO AO CONHECIMENTO DA GUERRA REVOLUCIONÁRIA

O processo do "trote" dos "calouros" como técnica de base científica reflexológica de imposição de liderança estudantil subversiva nas Universidades.

1 - Introdução

O trote dos calouros universitários tem sido visto e interpretado, até agora, como "estudentada" ou diversão quase sempre inofensiva. Observadores mais sofisticados vêem nos excessos do trote um meio de satisfação de impulsos sado-masoquistas inerentes ao homem em grau variável, que vão desde as formas frustadas até as neuróticas e psicóticas. Estas se manifestam pela necessidade de impor sofrimento, quando predomina o componente sádico.

Isso explica porque alguns veteranos sádicos se excedem e porque alguns calouros masoquistas se submetem alegremente às práticas sádicas.

Essas interpretações do significado do trote como tradição medieval eram perfeitamente aceitáveis até 15 anos atrás e, aparentemente, o trote não tinha outros objetivos.

Na realidade, porém, e desde quando, a partir de 1955, a esquerda subversiva se convenceu, por múltiplas razões, de que os estudantes universitários constituem matéria prima muito mais receptível que os operários, a mensagem revolucionária, passando a dedicar o melhor de seus esforços às Universidades, o processo do trote está sendo, a nosso ver, cientificamente orientado e utilizado com excelentes resultados através das técnicas da reflexologia para condicionar e impor obediência dos estudantes a líderes subversivos.

É a conclusão a que fomos conduzidos após longa observação. Para melhor compreensão do assunto, faremos um brevíssimo apanhado sobre as bases da reflexologia.

2 - Noções sumárias de reflexologia

Atos reflexos ou simplesmente reflexos são respostas involuntárias a determinados estímulos. São duas as categorias de reflexos: os inatos e os condicionados ou adquiridos. Reflexos inatos são aqueles com que normalmente se nasce, como, por exemplo, o reflexo pupilar. Se fizermos incidir um foco luminoso sobre o olho aberto, a pupila se contrai, estreitando-se, independentemente da nossa vontade. É uma resposta certa, de que não participa o consciente, ao estímulo luminoso.

CONFIDENCIAL

-2-

A noção da existência de reflexos condicionados foi introduzida por Pavlov, célebre fisiologista russo, a partir de 1915, e constitui uma das aquisições mais notáveis da fisiologia contemporânea.

As experiências de Pavlov e sua escola foram extremamente numerosas e feitas sempre com cães, em Leningrado, na célebre torre do silêncio. Posteriormente, Watson, norte-americano, estendeu-as à espécie humana, demonstrando a sua aplicabilidade ao homem e criou todo um ramo da Psicologia, conhecido como Behaviourismo, Ciência do Comportamento ou Reflexologia. Pavlov determinou 3 tipos de reflexos condicionados:

1. Simultâneos: Se dermos carne ao cão e, ao mesmo tempo, tocarmos uma campainha, verifica-se que o cão secreta um certo número de gotas de saliva, através de uma cânula colocada no ducto excretor da glândula parótida. Se repetirmos essa experiência um certo número de dias, em geral 20 a 50, basta depois tocar apenas a campainha e o cão, instantaneamente, passa a secretar o mesmo número de gotas de saliva.

2. Reflexos condicionados retardados: Fazemos funcionar uma campainha e deixamo-la tocar algum tempo, sempre o mesmo, recebendo o cão em seguida o alimento. Ao cabo de algumas experiências, toca-se a campainha e o cão somente começa a secretar, sem a presença do alimento, quando a campainha tocou durante, precisamente, o mesmo tempo das experiências anteriores.

3. Reflexos condicionados residuais: Faz-se uma excitação, por exemplo, luminosa, isto é, acende-se um foco luminoso e apaga-se imediatamente. Deixa-se passar um tempo certo, por exemplo, 15 minutos, e dá-se comida ao cão. Aqui há intervalo de 15 minutos, entre a excitação luminosa momentânea e a ministração do alimento. Repetindo-se a experiência várias vezes, basta acender a luz e apagá-la. Decorridos 15 minutos exatamente, o cão secreta a saliva, como se tivesse recebido o alimento.

Note-se que a implantação de um reflexo condicionado em cão pode ser feita com os mais variados estímulos. Por exemplo: cheiro de cânfora, choque elétrico, luz, toque de campainha ou de metrônomo, etc.

Propriedades dos reflexos condicionados: Resumiremos as duas propriedades que mais importam ao nosso estudo.

1. Especialidade: Um reflexo condicionado se estabelece sobre a base de um certo estimulante, somente se repete em presença do estimulante utilizado para implantá-lo. Essa propriedade, cientificamente demonstrada, é extremamente importante, porque é baseado nela que os líderes subversivos universitários impõem sua liderança aos calouros, durante os 30 a 50 dias de duração do trote, e somente as suas ordens são por eles obedecidas.

2. Estabilidade: Os reflexos condicionados, uma vez perfeitamente instalados, duram por toda a vida e só desaparecem mediante técnicas especiais. A implantação do reflexo condicionado é tanto melhor quanto maior o tempo de duração da experiência da implantação. Da mesma forma que a propriedade anterior, a estabilidade dos reflexos condicionados explica porque, uma vez imposta ao jovem calouro a obediência a líderes subversivos, através do processo do trote, que dura de 30 a 50 dias, ficam os estudantes, pelo resto do curso universitário, sempre obedientes às ordens daqueles líderes.

-3-

Aplicação ao homem: As numerosas experiências de Watson e de sua escola, nos E.E.UU. e, posteriormente, em todo o mundo, demonstraram a perfeita aplicabilidade à psicologia humana das noções estabelecidas por Pavlov. Através de experiências numerosíssimas e bem conduzidas, demonstrou-se exaustivamente que é possível impor ao homem fobias, medos, obediência, agressividades, assim como ordem e disciplina. A continência automática que um militar faz frente ao superior hierárquico é um ato incoercível. A preparação dos jovens recrutas, através dos exercícios de ordem unida, nada mais é do que a implantação de reflexos condicionados, isto é, obtém-se resposta, imediata e automática, de um conjunto mediante um certo estímulo: voz do superior ou toque de corneta. Claro está que há variações individuais no tempo necessário à implantação de reflexos condicionados e, da mesma forma que em cães, alguns reagem mais rapidamente que outros e alguns pouco resistem à implantação.

Baseados nos trabalhos de Pavlov e de Watson e seguidores, constituiu-se toda uma nova psicologia a Reflexologia ou Ciência do Comportamento, que pretende que o nosso comportamento psíquico seja todo ele baseado sobre reflexos condicionados. A consciência não influiria de nenhuma maneira. Não há dúvida de que os reflexos condicionados contribuem para a formação da personalidade. Mas daí a considerá-lo como único mecanismo da formação do psíquico do homem vai uma larga distância. Essa concepção estreita, puramente mecanicista, negativista da existência da alma humana, interessa certamente à dialética marxista e não era aceita por Pavlov. Lamentavelmente, em muitos dos nossos cursos de psicologia, dirigidos alguns por marxistas, somente se ensina a reflexologia como único mecanismo da formação psíquica humana alicerçados em outras doutrinas e técnicas, como a Psicanálise, Testes de Rorschach e outros.

3. O processo do trote dos calouros

O trote dos calouros nas Universidades é um processo que se inicia no momento da matrícula dos estudantes aprovados em exame vestibular. Nessa ocasião, os líderes subversivos, adequadamente preparados, procedem à raspagem da cabeça e obedecem à ordem de pagamento da taxa, presentes sempre as figuras dos líderes comandantes.

A partir daí, diariamente os calouros recebem ordens dos veteranos líderes, ordens acompanhadas de gritos, de ameaças e de gestos violentos, ordens que cumprem obedientemente. Um dia, a ordem é comparecer às aulas de bermuda. Noutro, deverá andar sem camisa. Noutro, são pintados no rosto com cores berrantes. Sucessivamente, diariamente, os calouros desnudados são pintados nas costas com distícos obscenos ou convocados para reuniões onde os líderes lhes fazem preleções e lhes determinam o comportamento. Os calouros que reagem são violentamente castigados.

O processo culmina com a passeata dos calouros pela cidade. É uma espécie de desfile da tropa em que se testa a organização de grandes grupos de estudantes e a obediência em massa às ordens dos líderes e de seus auxiliares. Alguns destes são inocentes úteis. O preparo da passeata é feito cuidadosamente. Os calouros de todos os cursos são reunidos nas Faculdades, quase sempre em cuecas, pintados como palhaços, e saem para a passeata, portando cartazes com distícos ofensivos à moral, de críticas às autoridades civis e universitárias, às tradições da cidade e de incitamento à desordem. As autoridades